
Bookmarks
PROPOSTA
Irrecusável
Autora Bestseller do The New York Times
HEIDI MCLAUGHLIN

HEIDI MCLAUGHLIN

PROPOSTA *Irrecusável*

Tradução:
Andréia Barboza

1ª edição
2020

Bookmarks

Título Original: *Stripped bare*
Copyright © 2017 por Heidi McLaughlin
Copyright da tradução © 2020 por Editora Bookmarks.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Tradução: Andréia Barboza
Copidesque: Luizyana Poletto
Capa e projeto gráfico de miolo: Luizyana Poletto
Imagem de capa: @ 4pmphoto@gmail.com / Depositphotos
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
www.editorabookmarks.com

Índice

Sinopse
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro

Vinte e cinco
Vinte e seis
Epílogo
Agradecimentos

Sinopse

Não chamam aquela rua de Strip à toa...

Morando na Cidade do Pecado, Finn McCormick costuma ter encontros casuais, mas a última pessoa que ele espera encontrar perdendo muito dinheiro no cassino é uma ex-namorada da escola. Embora Macey Webster esteja visivelmente com pouca sorte, ela continua uma gata e está vestida como uma stripper... porque é uma. Entorpecido com uma mistura de luxúria, piedade e compaixão, Finn se oferece para pagar as dívidas de Macey se ela sair com ele... e fizer o que ele quiser entre os lençóis.

Macey veio a Vegas só por um motivo: ganhar dinheiro. Ela tem uma filha pequena para criar e as gorjetas são bem maiores em Las Vegas. Mas quando perde tudo o que ganhou no *blackjack*, seu anjo da guarda é o garoto rico que roubou seu coração e nunca mais a procurou. Embora Macey adoraria dizer não a Finn, ela não pode se dar ao luxo de recusar sua proposta... e logo ela está se divertindo muito mais que gostaria de admitir.

Macey está acostumada a exibir seu corpo, mas vai precisar de muito mais coragem para exibir sua alma.

Para Marisa e Sue,
Se lembram daquela vez... em Vegas?

Um

MACEY

O fedor de batata frita emana das minhas roupas. Detesto esse cheiro e sei que as outras garotas podem senti-lo, mas ignoro seus olhares e sigo pelo camarim até o armário. As mais velhas e as que fazem strip há mais tempo costumam desprezar as mais jovens e as iniciantes. Estou em algum lugar no meio disso. Fui stripper aqui quando era mais nova, durante o primeiro trimestre da gravidez, e depois quando o bebê nasceu e meu corpo voltou ao normal. Na verdade, tirar a roupa me ajudou a manter a forma, pois tinha que fazer muito esforço no pole. Depois disso, parei por um tempo, mas acabo voltando porque ganho dinheiro rápido e o valor é bom. Cada vez que saio, digo que é para sempre e que essa foi a última vez, mas sempre acabo batendo na porta do Lew's, pedindo para voltar. As meninas por aqui vêm e vão e neste negócio não se pode esperar uma conexão duradoura com ninguém.

Tiro a roupa e jogo o vestido, o avental e a meia-calça na bolsa o mais rápido possível, antes que o cheiro de gordura se torne mais evidente. Visto uma calcinha fio dental e um short de malha bem curto, coloco adesivos de mamilos com enfeite, depois um sutiã e a blusa. Calço um par de botas velhas de caubói que comprei em um brechó. Tenho uma variedade de roupas para realizar todas as fantasias que um homem possa ter: vaqueira, bibliotecária, colegial safada... é só escolher uma que eu interpreto. Preciso do dinheiro. Agora mais do que nunca. Minha filha está crescendo e vendo coisas que não deveria, como a avó estar tão bêbada que não consegue se levantar para atender à porta ou se deparar com homens estranhos em casa. Ela tem dez anos e não precisa cuidar de um adulto. Também não deveria ter que morar em uma pocilga, mas isso é responsabilidade minha.

Não imaginei que ficaria grávida aos dezessete anos. Sofri bastante vivendo com pouca comida, sem roupas novas e recebendo olhares estranhos, então jurei que ia embora. Eu era inteligente e tirava notas boas no ensino médio, mas nada disso importou depois que descobri que estava grávida e que o pai do bebê foi embora da cidade. Tentei contar à mãe dele, mas ela mal me olhou e bateu a porta na minha cara. Naquela época, não consegui ir embora, mas conseguiria agora. Pegaria esse dinheiro e correria pelos trilhos da ferrovia, por debaixo de pontes e por arbustos de mirtilo se

isso significasse que minha filha não seria vítima de uma venda de drogas que deu errado ou tivesse problemas com bebida ainda na adolescência.

Mas Morgan é uma boa menina. Ela gosta de ler e é um gênio da matemática. É tudo o que tenho neste mundo e farei o que for necessário para garantir que ela tenha comida e roupas.

É por isso que faço *strip-tease* à noite e sirvo mesas durante o dia. Dependendo do dia ou da noite, um paga melhor que o outro, mas preciso dos dois empregos. Tenho um objetivo. Quero me mudar para um bairro melhor com minha filha. Onde as crianças queiram brincar e não vender drogas. Quero que ela more em um lugar em que se sinta segura e não precise se esconder no armário do quarto porque a avó chamou um dos seus *amigos*.

Sei que meus sonhos para Morgan são inacessíveis, mas todos os dias eu tento realizá-los. Quero tanto uma vida diferente para ela que, às vezes, quando olho pela janela do ônibus em que estou e vejo outras crianças da sua idade andando pela rua sem se importar com o mundo, imagino que ela seja uma delas. Se apenas...

Esperando a minha vez, repasso a apresentação que eu mesma coreografei. Quando eu era pequena, queria fazer aulas de dança como todas as outras garotas da minha turma, mas não podia, então aprendi assistindo clipes musicais quando minha mãe se lembrava de pagar a conta da TV a cabo. Mesmo agora, Morgan e eu costumamos ir à biblioteca para que eu possa assistir aos clipes enquanto ela procura livros.

Assim que uma das garotas sai do palco, minha música começa. Inicio a noite com *Back that thing up*, de Justin Moore. Quero ser lembrada para que os clientes continuem ali na próxima apresentação. Vou interpretar a doce vaqueira antes que a bibliotecária sexy os deixe loucos. Esta é a minha música animada e a que mais gosto de dançar.

Tiro a roupa, ficando com a calcinha, as botas e os adesivos de mamilo. Não podemos nos despir por completo em Washington e, por mim, tudo bem. Conheço muitas garotas que cruzam a fronteira do estado para ir aos clubes em que se pode ficar nua, mas não acho que me sentiria confortável com isso. As gorjetas extras seriam boas? Sim, mas minha dignidade vale mais que cem dólares. Além disso, a lanchonete em que trabalho fica perto da fronteira e prefiro manter meus clientes pervertidos na linha.

A barra das strippers é uma fossa de germes. Eu a odeio, mas é um mal necessário. Ao longo dos anos, aprendi a fazer praticamente tudo: Me

pendurar pelos tornozelos, subir nela só com as mãos e girar de todas as maneiras possíveis. Não conseguia entender por que os caras gostavam tanto da barra até namorar alguém que comentou sobre a minha flexibilidade. Acredito que a missão de um cara é testar em quantas posições diferentes ele pode ficar enquanto está transando. É mais um jogo do que a ação real para eles.

Um dos assistentes tira minhas roupas do palco enquanto eu pego o dinheiro que foi jogado para mim. Alguns homens colocam as notas no fio dental, enquanto outros jogam no palco. Esses são do tipo assustadores. Eles agem assim para que você tenha que fazer contato visual. Querem nos olhar nos olhos quando pegamos o dinheiro que nos dão para ficarem excitados e para que possam se masturbar mais tarde no banheiro, porque o filme de cinco dólares disponível para comprarem lá dentro não é suficiente.

Nos bastidores, visto uma camiseta branca comprida para me manter coberta. Algumas mulheres gostam de ficar sem nada. É uma escolha pessoal que todas temos que fazer. Sei que exibo meu corpo em um salão cheio de homens, mas fazer isso com os caras que trabalham aqui não é algo que eu queira. A maioria dos funcionários quer namorar conosco e algumas das dançarinas aceitam, mas eu, não. Quero alguém que não olhe para o meu corpo a noite toda e espere que eu aja como se estivesse no palco. Não sou assim. Faço isso para sustentar minha filha.

Quando não estamos no palco, espera-se que as dançarinas sirvam as mesas usando lingerie. Quanto menos nos vestirmos, melhor, porque incentiva o interesse em *lap dances*. Presto atenção especial aos caras que me deixaram inquieta mais cedo e tento trabalhar do outro lado do salão. Quanto mais eles bebem, mais danças compram. Quanto mais danças, mais gorjetas. O ciclo é interminável e você pode apostar que as bebidas são diluídas. O proprietário arranca cada centavo que esses pervertidos têm, cobrando por nossas bebidas também, já que esperam que a gente beba com os clientes.

— As gorjetas estão uma merda hoje à noite — reclamo para quem quiser ouvir no camarim.

— Você deveria tentar outro clube. — O nome da dançarina é Rumor. Não é o seu nome verdadeiro, pois todas nós usamos codinomes aqui. O meu é Catalina. Quando comecei, o proprietário achou que eu era brasileira. Adorei o elogio e nunca o esqueci, embora seja provável que ele estivesse inventando. Não sei se foram meus olhos azuis claros e cabelos castanhos,

ou o fato de eu ter seios fartos e naturais que o fez babar. De toda forma, menti sobre minha idade quando comecei e o deixei acreditar que eu tinha alguma descendência brasileira.

— O outro clube fica na fronteira, e eu não conseguiria chegar em casa todas as noites. — Daqui eu posso pegar um táxi e isso me custará oito dólares. Ir para a fronteira de Idaho me custaria a maior parte das gorjetas da noite. Não vale a pena.

— Estou indo para Vegas amanhã — outra menina, Cora, fala.

— Por que Vegas? — pergunto.

— Porque lá, em uma noite, você ganha três vezes mais do que ganhamos em uma semana aqui. As melhores épocas para ir são nas férias de primavera, quando aqueles garotos ricos e cheios de tesão procuram por diversão, ou em maio, porque a maioria dos casamentos acontece em junho. Então a cidade está cheia de gente fazendo despedidas de solteiro.

— E você simplesmente aparece em um clube e dança? — O pensamento de triplicar os ganhos em uma noite é mais do que atraente.

— Sim, a maioria dos clubes não se importa. Preencha a papelada e suba no palco. Eles têm garçonetes e tudo mais, então você literalmente tira a roupa, pega seu dinheiro e sai. Se quiser, pode fazer outro show. Mas é nu total.

— Ah. — Por instinto, tento cobrir meus seios, que já estão cobertos, com os braços.

— E eu trabalhei em um serviço de acompanhantes.

Tanto Rumor quanto eu ficamos boquiabertas. Não somos ingênuas, sabemos que sexo vende, mas nunca ouvi alguém admitir que é acompanhante.

— Cinco mil para transar com alguém... sim, eu faço isso. Além do mais, os homens geralmente são ricos, solitários, estão com tesão e precisam de uma garota bonita para um evento. E se você tratá-los bem, eles normalmente imploram pela transa.

— Eu não conseguiria...

— Conseguiria se precisasse muito do dinheiro. — Cora se aproxima de mim e me entrega um cartão. — Este é o serviço que uso. Uma passagem de avião custa menos de cem dólares e há motéis onde você pode se hospedar pagando pouco. Alguns dos clubes têm até quartos para alugar.

Pego o cartão e olho para o nome. CLINE ESCORTS. Na parte de trás há uma lista de clubes para dançar.

— Obrigada.

— Olha, sei que você tem uma filha, mas pense nisso. Em uma semana você poderia ganhar um bom dinheiro. Você é boa dançarina.

— Obrigada — digo novamente, voltando para o meu armário. Guardo o cartão para não perdê-lo, embora não pretenda ir a Las Vegas. Não posso deixar Morgan por tanto tempo.

Ao encerrar, estou cansada. Minhas pernas, pés e costas estão doloridas. As gorjetas que ganhei hoje, pouco mais de cento e cinquenta dólares, estão presas em um elástico e enfiadas dentro do sutiã. Se eu for roubada no caminho de casa, o ladrão pegaria minha bolsa e revistaria meus bolsos, mas normalmente não teria tempo suficiente para tirar minha roupa... ou, pelo menos, é com isso que estou contando.

Assim que entro em casa, ouço a televisão muito alta e vejo minha mãe apagada, com copos de uísque vazios no chão. Tranco a porta, desligo a TV e a deixo lá. Não vejo sentido em acordá-la. Abro a porta do meu quarto e encontro Morgan dormindo.

— Mamãe — ela me chama, grogue.

— Estou aqui.

— Não jantei.

Fecho os olhos e grito internamente. Deixei dinheiro com a minha mãe para garantir que Morgan comesse alguma coisa.

— Certo, amorzinho. Se vista.

Ela sai da cama rapidamente enquanto eu chamo um táxi. As gorjetas desta noite serão gastas com corridas de táxi e um café da manhã adiantado no Denny’s. Sou a favorita para ganhar o prêmio de a *pior mãe do ano*. São três da manhã, minha filha de dez anos tem aula em cinco horas, e eu tenho que estar no trabalho em quatro. Merda de vida.

Quando chegamos ao restaurante, peço café e uma porção de panquecas. Se eu comer menos, ela pode comer mais e posso economizar. Minha menina pede o maior café da manhã do cardápio e sei que seus olhos são maiores que o estômago, mas vai sobrar para ela comer mais tarde, desde que minha mãe não resolva atacar.

— Hoje à noite, quando eu estiver no trabalho, quero que você peça pizza, tá? Coma um pouco e coloque o restante no papel alumínio. A vovó não vai mexer. Assim, você pode comer por alguns dias. — Luto contra as lágrimas enquanto digo isso a ela. Sua vida não deveria ser tão difícil assim. Houve um tempo em que pensei em desistir dela, mas fui egoísta, porque queria que

alguém me amasse. Todos os dias me pergunto como ela estaria se eu tivesse feito a coisa certa. Ela merece muito mais.

— Tudo bem.

Enquanto a vejo comer entre bocejos, me decido. Vou para Las Vegas. Vou passar uma semana e depois volto. Não posso continuar assim. *Nós* não podemos. Preciso garantir que Morgan tenha uma vida melhor e isso significa não morar com a minha mãe. Fazer *strip-tease* no Lew's e servir mesas no Eddie's nunca vão me dar dinheiro suficiente para fugir.

— Volto já — digo a Morgan quando saio da cabine e me afasto para usar o telefone. Ligo para minha melhor amiga, Stephanie. Ela é *barwoman*, então sei que ainda está acordada.

— Oi, precisa de uma carona?

— Não, eu e a Morgan estamos no Denny's. Quando cheguei em casa, ela não tinha jantado.

— Puta merda, é sério?

— Sim. Minha mãe comprou cerveja com o dinheiro que deixei. Escute, preciso de um favor. A Morgan pode ficar com você por uma semana? Consegui uma vaga em um show em Las Vegas que paga muito bem e pode ser o suficiente para nos tirar da casa dela. Vou te dar dinheiro para comida e tudo mais. Eu só... não posso continuar fazendo isso com ela. Tenho medo de perdê-la. — Toda vez que o Conselho Tutelar bate na porta de um vizinho, fico imaginando quando será a minha vez. Sei que estou sendo paranoica, porque eles não teriam como saber o quanto minha vida é péssima. Tento manter Morgan longe do mal, mas morar com minha mãe não é saudável para nenhuma de nós.

— Vegas?

— Steph — eu aviso. Ela odeia que eu tire a roupa, mas não há mais nada que eu possa fazer para ganhar esse dinheiro.

— Sim, eu fico com ela, mas você estará em segurança, certo? Não vai transar com algum cara esquisito nem nada disso.

— Prometo que não. Obrigada.

Desligamos, e sei que é uma promessa que não vou cumprir. Cinco mil para fazer sexo é muito dinheiro e vale a pena, só uma vez, se eu conseguir um lugar para nós duas e talvez fazer algo diferente com a minha vida.

Dois

FINN

Mesmo durante o dia, as luzes brilhantes de Las Vegas refletem o vermelho exuberante da Ferrari California T conversível que desejei nos últimos anos e que, finalmente, vou comprar. É o mais próximo de um compromisso de longo prazo que vou assumir. O vendedor continua citando fatos sobre o carro que ele acha que ainda não sei. Nem finjo ouvir quando abro a porta do lado do motorista e entro, moldando o couro italiano com meu corpo. Me encaixo como uma luva ao banco. É perfeito para mim.

O vendedor coloca a mão na lateral do carro, deixando impressões digitais por toda a pintura. Estou tentado a ir embora ou escolher outra cor, mas quero o vermelho. E quero *esse* carro. Olho mais uma vez para ele, deixando-o saber que não estou impressionado com sua proximidade. Desvio rapidamente o olhar para o velocímetro. Está indicando dois quilômetros. É o suficiente para entrar e sair do caminhão cegonha e entrar na loja.

— Vou levar. — Abro a porta, fazendo com que o vendedor saia do caminho.

— Ótimo, senhor...

— McCormick. — Entrego a ele meu cartão de visita e vejo o reconhecimento aparecer em seu rosto enquanto lê meu nome. Ele está chocado, surpreso e, provavelmente, envergonhado. Na verdade, ele deveria saber quem sou no momento em que entrei, mas ele é jovem, deve ser novo no emprego e quando for falar com seu gerente, vai perceber que deveria estar beijando o chão em que piso desde o minuto em que passei pela porta. E agora, por mais que ele esteja tentando disfarçar, o sorriso em seu rosto diz muito. Ele está calculando sua comissão nesta venda.

— Vou providenciar a documentação, sr. McCormick. Não vai demorar muito tempo para ter a aprovação do banco.

— Vou pagar à vista — digo, me afastando para me concentrar no carro novamente. Ele gagueja antes de se afastar. Os passos no chão de mármore parecem mais distantes. O telefone vibra no meu bolso. Uma rápida olhada na tela me mostra que é Brandy. Ela quer coisas que não estou interessado em lhe dar agora: sexo e compromisso.

Eu a conheço desde a faculdade. Namoramos por mais ou menos um ano, até que percebi que gostava mais de ser solteiro do que de namorar. A parte ruim é que Brandy é a irmã gêmea de um dos meus melhores amigos, Brady,

e eu sabia que não devia me envolver com ela. Quando percebi que havia cometido um erro, estava muito envolvido e ela, apaixonada.

— Sr. McCormick. — Um homem grande e com voz alta vem correndo em minha direção, me dando tempo suficiente para guardar o telefone no bolso antes de ele estender a mão, me deixando sem outra opção a não ser apertá-la. Assim que ele solta minha mão, eu a enfio no bolso. — É um prazer fazer negócios com você. Estou com seu contrato. — Ele segura os papéis como se fosse mantê-los reféns. Examino o local rapidamente e vejo meu vendedor em um canto, olhando para nós com uma expressão triste.

Aceno em sua direção.

— Por que ele não está cuidando da minha documentação? — O homem olha para trás e sorri.

— Eu sou o gerente.

Dou de ombros, sem me importar. O garoto fez todo o trabalho e deveria fechar o negócio.

— Imagino que isso significa que *você* vai ganhar a comissão, certo?

Ele ri, gaguejando um pouco antes de finalmente responder.

— É claro que o Scott receberá uma parte.

— Certo. — Nos meus negócios, não corto as pessoas e dou crédito a quem é devido. Se um dos membros da equipe tiver alguma ideia para que nossos cassinos funcionem melhor, ouço e trabalho para implementar a mudança, se for bom para os negócios. Não tenho respeito por pessoas que tentam ganhar o que não merecem.

— Sabe quem sou, certo?

— Sim, claro.

Me inclino um pouco para poder olhar novamente para Scott. O garoto parece aborrecido. Não o culpo. A comissão de um carro de duzentos mil dólares provavelmente pagaria sua mensalidade ou o aluguel do ano todo. Essa venda seria ótima para ele.

— Quero esse carro...

— Alex Jones.

Sorrindo, balanço a cabeça e passo a mão sobre a boca.

— Não perguntei seu nome e não gosto de ser interrompido. Como eu estava dizendo, quero esse carro e quero que o Scott ganhe a comissão. Se isso não acontecer, vou sair por aquela porta e todos saberão o quanto o serviço daqui é ruim.

— Sim, sr. McCormick.

Isso é meio arrogante, mas não me importo. Sei como é ganhar um bom dinheiro. É poderoso e emocionante. E tenho um problema sério com pessoas se metendo onde não foram chamadas.

Scott volta com os ombros esticados e uma expressão orgulhosa.

— Sr. McCormick, por favor, me perdoe por não reconhecê-lo quando entrou. Me transferi recentemente para a UNLV e esta é minha primeira semana de trabalho.

Meu nome fala por quem sou e pelo meu sucesso desde que me formei na UNLV. Escolhi ficar na região e ajudar a cidade pela qual me apaixonei a prosperar e crescer em vez de levar meu conhecimento para outro lugar. Além disso, amo o calor do deserto e o fato de nunca fazer frio.

— De onde você é?

— Wisconsin.

— Grande mudança cultural.

Ele sorri e me lembro de quando era jovem em Vegas. Os clubes de strip eram meus melhores amigos e nada poderia vencer o acesso constante aos peitos e bunda que eu queria ver.

— Sim, senhor, mas estou gostando. Vamos assinar seu contrato?

Eu o sigo até uma mesa vazia, nos sentamos um de frente para o outro e ele me mostra onde assinar. Enquanto preencho o cheque, ele pede que alguém abra as vitrines da loja para que eu possa levar meu novo bebê para casa.

Apertamos as mãos depois que entrego o cheque e digo para me ligar se precisar de algo. Tenho a sensação de que ele não vai ficar muito tempo neste emprego, e eu até poderia contratá-lo. O salário não seria o mesmo, mas ele seria respeitado.

Voltando ao carro novo, fecho os olhos e pressiono o botão de ignição, ouvindo-o ganhar vida. A Ferrari ronrona, me fazendo lembrar de uma mulher que está prestes a chegar ao clímax. Com o pedal do acelerador levemente pressionado, seus gemidos se tornam mais altos até eu desacelerar, diminuindo a rotação. Pensar em levá-la para a estrada está me deixando excitado.

Quando a passagem está liberada, saio devagar e coloco os óculos aviador. Meu Mercedes está estacionando, me fazendo lembrar de que preciso que alguém venha buscá-lo. Mais tarde. Agora quero ver o que essa beleza pode fazer. Assim que chego à Route 159 e estou fora da cidade, piso fundo no acelerador, entrando e saindo de cada curva sem que o carro escorregue.

Com a capota abaixada, o vento balança meus cabelos já bagunçados e uma rápida olhada no retrovisor confirma que ainda sou um filho da mãe bonito.

Logo estou de volta à realidade. O sol está se pondo e a vida noturna está começando. Ao percorrer a Strip, faço contato visual proposital com tantas mulheres bonitas quanto posso. A ação me faz parecer um idiota aos olhos dos homens que as acompanham, mas me faz pensar se elas param e refletem sobre como seria estar comigo. Se quando estão sentadas no banco de trás de um táxi, elas olham para o meu carro e finalmente percebem que estou olhando para elas. O mais sutil dos movimentos me faz pensar que estão cruzando as pernas e imaginando o prazer que eu poderia proporcionar, se esquecendo completamente do homem sentado ao seu lado. Não tenho a intenção de tocar na garota de outro homem, mas isso não significa que elas não tentem, nem que isso não aconteça. Com ternos de bom corte e carros assim, juntamente com meu cabelo escuro e olhos azuis claros, as mulheres gravitam na minha direção. E uma vez que descobrem que tenho muito dinheiro, elas ficam ao meu redor como mariposas e ainda trazem as amigas. Os homens com quem estavam são esquecidos com rapidez e facilidade, sem um segundo olhar, quando o dinheiro começa a falar.

Entrando na garagem do hotel, mostro minha identificação para o atendente.

— Belo carro, sr. McCormick.

— Obrigado — respondo, seguindo em frente até entrar na área particular destinada exclusivamente a mim. Deixo meus amigos estacionarem aqui quando vêm ao cassino, mas fora isso, esse espaço é reservado para o meu Mercedes, o Wrangler e agora, a Ferrari.

Moro no hotel, em uma cobertura de dois andares com janelas que vão do chão ao teto e que me proporcionam uma vista linda da cidade. Com pisos e balcões de mármore, minha casa é tudo o que as suítes de Vegas não são. Optei por preto, cinza e design industrial com uma escada dourada em homenagem a minha mãe. Ela sempre quis ter uma em nossa casa, mas meu pai não a colocou até que fosse tarde demais para ela aproveitar.

Pressionando o botão que abre automaticamente as portas de vidro da varanda, saio e me inclino sobre o parapeito. Desta altura, os carros lá embaixo se parecem com os carrinhos Matchbox que eu tinha quando era criança e as pessoas parecem formigas. A varanda é o meu lugar favorito. É ampla, acolhedora e o lugar perfeito para fazer festas ou relaxar.

Caminho devagar para dentro, sem pressa para chegar ao quarto. No momento em que estou no topo da escada, já afrouxei o nó da gravata, abri as abotoaduras e tirei a camisa de dentro da calça. Meu closet está cheio de roupas novas, com peças de estilistas famosos e feitas sob medida para mim. Me troco rapidamente, coloco o terno que estava usando em cima da mesa para que a empregada cuide dele e vou para a academia.

Com a música ligada e os halteres nas mãos, fico ali, me olhando no espelho. Não gosto de muitos músculos, mas de ter o corpo tonificado. Meu amigo Seth é um daqueles fisiculturistas cuja pele parece que vai se romper se ele espirrar. Não entendo como, mas ele adora. Quanto maiores os músculos, mais feliz ele fica. Quero estar em forma e sem flacidez, mas com o abdômen um pouco definido. Não há nada mais gostoso que ver sua acompanhante lambendo sua barriga, passando a língua sobre os gominhos e o cabelo deslizando sobre a região até que os lábios dela envolvam a cabeça do seu pau. Só de pensar nisso, já fico excitado, mas não o suficiente para ligar para Brandy.

Hoje à noite, quando a Strip ganhar vida, vou dar um pulo em algum clube para encontrar alguém de fora da cidade que não me conheça e que só queira uma coisa: sexo alucinante. É tudo o que posso oferecer. Vi o que a morte da minha mãe fez com meu pai. Isso e o subsequente casamento com a minha querida madrasta, cimentaram o fato de que sou perfeitamente feliz vivendo uma vida de solteiro. Sem estar preso. Sem laços. O prazer honesto é o tipo de prazer mais pecaminoso da Cidade do Pecado.

Depois do treino, que termina com uma corrida de oito quilômetros na esteira, vou para o banho, deixando que o jato quente escorra pela minha cabeça e criando a ilusão de que fui pego em uma tempestade. O designer de interiores me disse que as mulheres adoram essa sensação. Ainda tenho que perguntar se elas gostam de transar na chuva. Meu único pensamento quando as levo até lá é colocar meu pau em sua intimidade molhada. Se elas querem se sentir na chuva, que assim seja.

Saio do chuveiro, me seco, coloco uma roupa e envio uma mensagem aos meus melhores amigos, Seth, Brady e Cory, sugerindo algo para fazermos. É quase meia-noite e hora da festa começar. Os três respondem, informando que estão prontos.

Que comece o jogo.

Três

MACEY

Strippers mentem. Não importa se são suas colegas de trabalho ou não, elas não são suas amigas. Essa é a primeira regra que aprendi há anos, mas parece que a esqueci, porque agora estou em Las Vegas, gastando as economias que eu tinha para alugar um apartamento e pagar pelos "extras" necessários para fazer strip aqui.

Tudo estava indo de acordo com o que planejei na minha cabeça: ir para Vegas, encontrar um clube e começar a ganhar dinheiro. Eu me preocuparia com um lugar para dormir depois de estar com o dinheiro na mão.

Mas descobri rapidamente que não funciona assim.

Depois de fazer o teste e de me dizerem que minha *cara nova* deixaria os frequentadores loucos, recebi duas folhas de papel listando tudo o que eu precisava: autorizações de trabalho, licença para servir bebidas e um endereço em Las Vegas. Cora não mencionou nada sobre autorizações de trabalho ou ter que servir bebidas. Isso não deveria me incomodar, mas estou gastando mais dinheiro que tenho. É fácil dizer que você precisa gastar para poder ganhar quando você tem dinheiro. A segunda folha fornecia uma lista de hotéis que atenderiam minhas necessidades.

Faz horas que deixei o palco. Estou com fome, cansada e sem paciência. Estou começando a pensar que ser acompanhante é a maneira mais rápida de ganhar dinheiro, mas pensar em ser paga para ir para a cama com alguém me provoca repulsa. Não que *strip-tease* seja melhor, mas pelo menos estou no controle. Eu decido quem e por quanto tempo.

Depois que toda a minha documentação está em ordem, com um endereço de algum hotel decadente em Vegas, descubro que posso dançar aqui por cinco anos. Cinco anos! Esse deve ser um objetivo de carreira ou uma estimativa de longo prazo para que você possa se planejar, só que não é. Algumas das mulheres que vi hoje eram uns vinte anos mais velhas, mas estavam muito melhores que eu. Se nao me sinto à vontade fazendo isso agora, quem dirá pelos próximos cinco anos? Não foi assim que imaginei minha vida.

Faço uma ligação rápida para Steph para saber como minha filha está, e então volto ao clube com a documentação na mão, lembrando a mim mesma que estou fazendo isso pela Morgan. Toda vez que ganho dinheiro de um homem por uma *lap dance* ou por ele ter ficado boquiaberto com meus

peitos, penso que estou fazendo isso pela minha filha. Ela precisa de uma vida melhor.

O segurança corpulento verifica tudo e me leva até os fundos. O camarim é melhor e maior que aquele com que estou acostumada. Armários na parede, o chão não tem roupas em excesso e há várias bancadas para se maquiar. A única constante é a névoa densa e persistente causada pelas quantidades abundantes de spray de cabelo que está sendo usado.

Tusso e abano o rosto, afastando os efeitos do aerossol. Os olhares que recebo não têm preço. É o olhar semicerrado de costume, juntamente com o clássico que te olha de cima a baixo e que você normalmente recebe do grupo de garotas malvadas do ensino médio. É como se estivéssemos na puberdade e a cena do vestiário feminino estivesse se repetindo, mas desta vez, os peitos são maiores, as unhas são mais longas e a aparência, definitivamente, é de matar. É fácil dizer quem são as dançarinas regulares, porque elas não dão a mínima. Elas não se importam se você está aqui, pois ainda ganham a mesma coisa, uma vez que têm clientes fixos que frequentam o clube.

São em tipos como esse que se deve prestar atenção. Estou aqui para ganhar dinheiro rápido e farei o que for necessário para isso.

— Sou a Johanna, a mãe da casa. — A única mulher vestida normalmente se aproxima de mim, apertando minha mão.

— Mãe da casa? — questiono, me perguntando o que isso significa. Ela me olha de forma inexpressiva e dura.

— Primeira vez aqui?

Assinto, odiando ter deixado que ficasse evidente que não sei o que estou fazendo.

— Eu me certifico de que você tenha água, lanches, preservativos... o que você precisar.

— Ah. — Tento calcular de cabeça quanto os seus serviços vão me custar e faço uma nota mental para trazer água e lanches. Já estou ferrada por ter vindo pra cá e não posso me endividar mais. Senão, uma semana não será suficiente.

Desta vez, ela sorri e coloca a mão no meu braço. O gesto é doce e carinhoso.

— Sua taxa cobre o meu serviço, mas aceito gorjetas.

— Como você sabia no que eu estava pensando?

— Faço isso há muito tempo, querida. Sei o que se passa pela sua cabeça antes mesmo de você. Encontre um armário vazio e o tranque depois de se arrumar. Nunca o deixe aberto ou suas coisas vão desaparecer — ela diz, balançando a cabeça. Olho pela sala e percebo como esse lugar será cruel. — Uma pequena dica: fora do palco, você ganha mais dinheiro. Se quer ganhar bastante, pague a taxa e trabalhe no chão.

Ela se afasta antes que eu possa agradecer, me deixando em pé no camarim enquanto as mulheres se apressam ao meu redor. Nenhuma delas ri ou fala com a outra. As únicas formas de comunicação são os olhares mortais que trocam ou os esbarrões enquanto saem dali.

Assim que me troco, colocando salto agulha e calcinha, Johanna se oferece para dar uma volta comigo e me explica como as coisas funcionam, bem como o que o clube sugere que cobremos por uma *lap dance* ou um tempo em uma das salas VIP. Me sinto um pouco constrangida por andar com os seios à mostra, mas isso faz parte do negócio. A aparência dos clientes me dá esperança de que estejam dispostos a pagar por uma dança.

— Eu disse que o dinheiro é melhor *fora* do palco, mas é bom que você faça algumas apresentações por noite para que os clientes te vejam. A maioria dos homens gosta de conversar, então seja uma boa ouvinte para que eles descarreguem seus problemas e não se esqueça de definir seus limites. Os caras — ela aponta para vários seguranças que estão no salão — são seus melhores amigos. Não saia do clube sem que um deles te acompanhe e se tiver algum problema com um cliente, informe-os. Eles vão cuidar disso.

— Certo, acho que entendi.

Ela continua me mostrando o lugar e, finalmente, me leva a um escritório nos fundos, longe de tudo.

— Diga a ele seu nome artístico e está liberada. — Ela me deixa na sala com um homem que está sentado atrás de um computador.

— Você é Macey Webster? — ele pergunta, levantando meus documentos.

— Sim.

— Certo, a partir de agora você é...? — Ele olha para mim com uma sobrancelha levantada.

— Ah, hum... Catalina.

— Tudo bem. — Ele volta a se esconder atrás do computador e começa a digitar como se estivesse com pressa.

Dou meia-volta e saio, me lembrando de tudo o que Johanna falou. A primeira coisa que faço é reservar um horário no palco e rezar para que esse

plano funcione, porque a próxima ideia de empreendimento comercial da lista não é algo em que eu queira pensar. O último recurso é uma linha que espero nunca ter que cruzar.

***

— Steph, eu realmente estou gostando daqui.

Já passou uma semana e vou embora hoje para Spokane. Ganhei o suficiente para que Morgan e eu possamos nos mudar para um lugar melhor e para que eu possa guardar um pouco. Mesmo depois dos problemas com a documentação, trabalhei em dois clubes e aproveitei todos os turnos possíveis, dormindo pouco. E quando eu dormia, era em uma espreguiçadeira sob o sol. O quarto que aluguei é questionável e a última coisa que quero fazer é levar percevejos para casa. Se o gerente se importa com o fato de eu estar dormindo lá fora, não disse nada.

— Você não pode se mudar para Las Vegas.

— Por que não? — Não tenho certeza se isso tem importância no momento, mas estou curiosa para saber o que ela tem a dizer.

Ela suspira do outro lado da linha.

— Porque você está fazendo *strip-tease* para ganhar a vida e não é o que você está tentando construir para a Morgan. Isso deveria ser um meio para um fim, Macey, não uma oportunidade de emprego.

Sei que ela tem razão, mas é a minha realidade e talvez até mais uma mudança temporária, se isso se tornar uma opção.

— Seja realista, Steph. O que vou fazer quando voltar? Mesmo depois que eu e a Morgan nos mudarmos, ainda vou precisar de dinheiro e servir mesas no Eddie’s não vai pagar meu aluguel.

— Você pode se candidatar a um emprego administrativo. Fazer algo diferente.

— O quê? Não tenho as mesmas habilidades que você. — Stephanie é minha melhor amiga desde o colegial e é o que chamo de história de sucesso. Mesmo terminando a faculdade comunitária, ela escolheu ser bartender. Então ganhou muito dinheiro à noite. É algo que eu deveria fazer, mas entrar naquela boate famosa do centro seria difícil, assim como seria difícil desistir das gorjetas que ganho ao me despir.

— Só estou te dando uma sugestão.

— Eu sei — digo a ela. Steph está sempre preocupada com minha segurança e me pediu para não fazer strip. Quando éramos crianças, um homem matou cerca de trinta prostitutas e nós, de brincadeira, prometemos

que nunca faríamos isso. Ela não acha que ser stripper é muito diferente. — A Morgan está aí?

— Sim, espere aí.

— Oi, mamãe.

— Oi, amorzinho. Você está sendo boazinha com a Stephanie?

— Sim. Quando você vai voltar para casa? — Posso ouvir a tristeza em sua voz e isso traz lágrimas aos meus olhos. Odeio deixá-la quando vou trabalhar, então ficar longe por uma semana tem sido uma tortura. Cada vez que entro em um dos clubes, me lembro que estou fazendo isso por ela, para que possa lhe dar uma vida melhor.

— Hoje à noite, boneca. Estarei aí para te levar à escola pela manhã. Você está fazendo a lição de casa?

— Sim, toda noite. A Judy tem me ajudado.

Judy é a mãe de Stephanie e, provavelmente, está ficando de olho na Morgan quando minha amiga está trabalhando. Nunca pensei sobre o que Steph teria que deixar de fazer para cuidar da minha filha enquanto eu estivesse em Vegas para mostrar os peitos a um bando de caras excitados e estudantes em férias da primavera.

— Que bom. Dê um beijo na Judy por mim.

— Pode deixar.

Judy adora a Morgan, mas não gosta de mim. Ela nunca gostou e não queria que Stephanie saísse comigo. Felizmente, Steph toma suas próprias decisões. Não sei por que sua mãe se sente assim a meu respeito, mas acho que pode ter algo a ver com a minha mãe. No ensino médio, muitos rumores surgiram de que ela tinha um caso com um homem casado e sempre achei que era com o pai de Steph. Pelo que minha amiga diz, o pai saiu de casa quando ela estava na sexta série. Pelo menos, ela o conheceu. O meu sumiu desde o primeiro dia. Muito parecido com o de Morgan.

— Amo você, amorzinho. Te vejo de manhã.

— Tchau, mamãe. Também te amo.

Ela desliga, e eu deixo as lágrimas escorrerem. Odeio a minha vida e tudo que ela se tornou. Sei que não é culpa da Morgan, mas sempre me pergunto como seria se ela não existisse, se eu tivesse tomado uma decisão diferente. A dura realidade da minha situação é que ela me salvou. Eu poderia facilmente acabar como minha mãe ou coisa pior. E eu a amo demais para renunciar a ela. Morgan é a razão de eu fazer o que faço. É meu tudo.

Durante a semana toda, evitei os cassinos. A tentação estava lá. Quando eu tinha quinze anos, um namorado da minha mãe me ensinou a jogar *blackjack,* e eu me esgueirava nos torneios *underground* em que ele era convidado. Ele me ensinou como ser esperta e quando apostar tudo.

Mas me abstive. Escondi as gorjetas na bolsa e disse a mim mesma que não tenho o suficiente para sequer considerar jogar... ainda. Que não ganhei o suficiente para fazer uma única aposta ou até para entrar em um dos hotéis e me sentar junto a uma mesa.

Mas minha consciência está me incentivando a tentar, pois sei que poderia ganhar mais. Eu poderia pegar uma parte dos meus ganhos, fazer uma aposta e dobrar, talvez até triplicar o que tenho agora.

Digo isso a mim mesma enquanto me visto para trabalhar. Os saltos são altos demais, o vestido é curto e meus peitos estão quase saindo pelo decote. Não é meu traje normal, mas quando eu estava arrumando as malas para vir, não tinha dinheiro para despachar bagagem, então tive que enfiar tudo que pude na bagagem de mão, o que não deixava muito espaço para minhas roupas normais.

Dentro do taxi, vejo um vídeo com a propaganda do Allure, um dos cassinos mais novos da cidade. Do ponto onde estamos na Strip, consigo ver o letreiro azul neon me chamando para ir até lá.

— Pare aqui — digo ao motorista. Ele para ao lado de um dos manobristas. Pago a corrida e seguro a mão do atendente que oferece ajuda para sair do carro. Ele me olha de cima a baixo com um sorriso que diz exatamente o que quer. Passo o dedo em seu peito enquanto me afasto, sem olhar para trás para ver se ele está me observando.

No minuto em que entro no hotel e ouço as máquinas caça-níqueis, tomo minha decisão. Posso dobrar meus ganhos aqui, ir ao clube para meu último turno e pegar o voo para casa. Tenho quase uma hora antes do meu turno começar e a quantidade de dinheiro que posso ganhar, com certeza vai melhorar a minha vida e da Morgan.

Examinando a sala, vejo meus alvos: dois homens de terno com uma pilha de fichas na frente. Troco meu dinheiro por fichas e me acomodo entre eles. Parecem ser do tipo que gastam muito, mas não estão nas mesas de grandes apostadores. Eles são exatamente o tipo de jogadores que preciso para aumentar meus ganhos. Sinto os dois me encarando, mas me concentro no *crupiê*. Não preciso olhar para nenhum deles para ver suas expressões.

Tenho a sensação de que ambos estão olhando minhas roupas e se perguntando quanto eles têm que gastar para me levar para a cama.

Faço minha aposta e as cartas são distribuídas. Eu ganho. Eu perco. Eu ganho. E ganho de novo. Quanto mais ganho, mais confiante eu fico. Parar seria a melhor coisa agora, mas ainda não dobrei meus ganhos e foi isso que vim fazer aqui. Perder não é uma opção. Depois de um tempo, já não tenho mais ideia de quanto ganhei e quanto perdi, mas sei que ainda estou bem no jogo.

O homem à minha esquerda, aquele cuja coxa está tocando a minha, empurra todas as fichas para a frente, e eu faço o mesmo. Ganhar esta mão significa que posso parar. Eu poderia ir para casa mais cedo e esquecer o último turno, onde levarei um tapa na bunda por mais vinte dólares.

Minha nuca começa a suar enquanto minhas mãos estão nas fichas. O *crupiê* está esperando que eu decida. A voz dentro da minha cabeça está me dizendo para desistir, sacar o dinheiro e voltar para casa e para o meu amorzinho, mas o diabo no meu ombro diz que ela quer os brinquedos e eletrônicos que as outras crianças da sua idade têm e que se eu ganhar, vou poder proporcionar tudo isso a ela.

Afasto as mãos e as cartas são distribuídas. Meu estômago se aperta quando eu ganho um rei e um cinco. As chances de acertar vinte e um nesta mão são pequenas e agora sei que cometi um erro gigantesco. O pânico me atinge e as lágrimas nublam minha visão. Quando o *crupiê* pergunta se quero outra carta, assinto, porque não tenho escolha. É nesse momento que o vejo em toda a sua glória.

Finn McCormick, o cara mais gostoso que já cruzou meu caminho, está parado atrás do *crupiê* e olhando para mim. Recupero o fôlego ao olhar para ele. Nunca pensei que o veria de novo. O *crupiê* bate na minha mão tentando chamar minha atenção, mas continuo focada nele. Quando desvio o olhar, eu o vejo enfiar as mãos nos bolsos da calça, esticar os ombros e dar aquele olhar casual, embora perigoso. A última vez que o vi, ele tinha, como escrevi em meu diário: *olhos azuis frios nos quais alguém poderia se perder com facilidade*. Sabia disso porque eles me engoliam toda vez que o via.

Meu mundo começa a girar quando olho para o *crupiê*, que está me dando uma carta. Quando vejo um oito, todo o ar sai do meu corpo e solto um soluço que rivalizaria com alguém sofrendo de uma enorme dor de cabeça. O homem à minha esquerda tenta me consolar, mas tudo o que posso fazer é

cobrir a boca e desocupar a mesa o mais rápido possível enquanto o *crupiê* coloca minhas fichas na bandeja.

E dessa forma, tudo se foi.

Sinto minha bunda sendo apertada e meus seios sendo agarrados conforme abro caminho entre as pessoas que estão assistindo ao jogo. Tento afastá-las, mas muitas não se movem de bom grado. Quando me liberto, ele está ali, esperando por mim.

— Saia do caminho — digo, me certificando de colocar toda a força em minhas mãos ao empurrar seus ombros.

Antes que eu possa sair do cassino, alguém agarra meus braços e pernas. Eu chuto e grito, sabendo muito bem que estou fazendo uma cena, mas não me importo. Não me importo que todos no cassino possam ver minha vagina. Eles vão poder saber como é, porque a maioria vai vê-la hoje à noite nas salas VIP. Não tenho escolha a não ser mostrar tudo por mais dinheiro.

Sua voz é suave e ridiculamente sexy quando ele ordena que os seguranças me soltem. Eles o obedecem, se certificando de me jogar no chão com força. Tenho sorte de não torcer ou quebrar o tornozelo com o impacto. Quando Finn tenta me ajudar, eu grito para ele não me tocar. Não quero a sua ajuda.

Ele ajeita o paletó e me lembra de que eu o empurrei primeiro.

— Você mereceu — digo, mesmo que ele não tenha ideia do porquê.

— Como você está? — ele pergunta, mas reviro os olhos e mordo o interior das bochechas. Ele não precisa saber nada sobre mim.

— Que interesse você tem nisso?

Finn dá de ombros como se isso... como se *eu* fosse uma perda de tempo.

— Sempre me importo quando vejo alguém da minha cidade natal perdendo milhares de dólares no meu hotel.

O que resta do meu coração e orgulho cai no chão e se despedaça. Claro, ele é dono do cassino em que decidi me aventurar. Não posso evitar as lágrimas que escorrem pelo meu rosto, arruinando a maquiagem. Devo parecer um palhaça agora. Um simples ato de desespero... não, não foi, são muitos ao longo dos anos, mas este é o pior de todos. Fui boba em achar que poderia dobrar ou até triplicar meu dinheiro, porque um namorado da minha mãe me ensinou a jogar. Estamos em Vegas e aqui, você ganha ou perde. Perdi tudo e qualquer dignidade que me restava desapareceu.

— Foi bom te ver, Finn, mas tenho que ir.

Ele segura minha mão, interrompendo meus passos.

— Me deixe te ajudar. — Sua voz é suave e, por um minuto, penso na hipótese até perceber o que pode significar.

— O que te faz pensar que preciso da sua ajuda?

Seus olhos percorrem o meu corpo, e ele sorri. Nem preciso das palavras para saber o que ele está pensando.

— Tenho uma proposta para você — ele deixa escapar antes que eu possa mandá-lo se foder.

Sou alta, mas mesmo com saltos de doze centímetros, ainda sou menor que ele. Tento me preparar para a briga, mas sei que não o estou assustando. Ele inclina a cabeça para a esquerda, esperando que eu diga alguma coisa, mas tudo o que posso fazer é pensar em agredi-lo. Vê-lo se curvando e sofrendo seria uma maneira satisfatória de terminar este momento épico. Em vez de fazer isso, vou embora o mais rápido que posso.

Quatro

FINN

O segundo andar do Allure, onde ficam localizados nossos escritórios, tem uma vista panorâmica do andar principal, me permitindo ver tudo o que acontece no cassino, na recepção do hotel e quem está esperando na fila de qual restaurante. Tenho funcionários que são pagos somente para ficar nas janelas e observar. Eles analisam quais máquinas estão em jogo e o que as pessoas estão fazendo. O que começou como uma precaução, rapidamente se transformou em uma maneira de ganhar mais dinheiro. Isso também me permite saber quais dos funcionários estão excedendo as expectativas no trabalho e quais não estão. O ramo de cassinos é cruel e, no minuto em que eu baixar a guarda, vou me queimar. Há muitas pessoas na cidade que gostariam de me ver falhar.

Este não é o meu único hotel e cassino, mas é o primeiro que abri e é onde faço a maior parte dos meus negócios. A configuração do Fick's, meu outro hotel, é a mesma, mas o foco está nas pessoas que querem vir para Las Vegas se divertir sem gastar muito. As tarifas no Fick's são acessíveis e isso significa que o local está sempre lotado. No Allure, só oferecemos o melhor.

Com as mãos pressionadas no parapeito para não deixar marcas no vidro escuro, observo enquanto um grupo de mulheres bêbadas entra no cassino. Uma delas usa uma tiara e uma faixa que diz ANIVERSÁRIO ou NOIVA, e todas usam vestidos extremamente curtos, dando a impressão de que estão querendo se dar bem.

— Presa fácil — Lamar fala, se aproximando de mim. Lamar Johnson é o meu braço direito. A princípio, ele foi contratado para ser o chefe da equipe de segurança, mas se tornou muito mais nos primeiros meses de trabalho. Ser ex-*linebacker* dos Running Rebels faz dele um cara assustador pra caramba. Nos conhecemos em meu primeiro ano na faculdade, quando transei com a sua namorada. Ele ia me dar uma surra, mas contei que a garota saía com todo mundo. Como o salvei de um péssimo relacionamento, nos tornamos amigos. Ele foi convocado para a NFL, mas uma concussão o deixou apavorado e ele desistiu de jogar. Lamar foi a primeira pessoa que contratei quando comprei o hotel.

— Elas também estão bêbadas. Não são nem nove da manhã e mal conseguem andar direito.

— Vou pedir a Tracey que cuide delas.

Assinto enquanto observo o grupo de mulheres indo em direção às máquinas caça-níqueis. Lamar liga para Tracey, a supervisora de andar, e informa o que estamos vendo. No ano passado, aconteceu uma série de estupros nos hotéis da Strip. Desde então, lutamos muito para garantir que nunca mais aconteça. Lamar implementou um plano de segurança para manter homens e mulheres protegidos e para que o hotel fique livre de atenção negativa desnecessária.

— Ela vai cuidar do assunto.

— Obrigado. Pode mandar alguém buscar a Mercedes na concessionária da Ferrari? Eu a deixei lá ontem.

— Claro.

Lamar desaparece, me deixando sozinho para vigiar o cassino. Ser um dos milionários mais jovens de Las Vegas tem suas vantagens, e essa é uma delas: posso espionar as pessoas sem que elas saibam e uso isso a meu favor. Muitas vezes vi mulheres que desejei conhecer melhor.

Volto para minha sala, que tem vista para o átrio. Na maior parte do tempo, o lugar é tranquilo, mas geralmente é uma distração, especialmente quando há casamentos. Sempre me pergunto o que o cara está pensando quando fica parado olhando a mulher com quem vai viver até que os dois desistam ou alguém morra. Casamento não é para mim, especialmente depois que vi meu pai se envolver com a enfermeira da minha mãe. Ela havia se formado no ensino médio dois anos antes de mim e chupou todos os paus que passavam pelo vestiário. Mal tinha completado uma semana da morte da minha mãe quando a enfermeira safada se mudou para minha casa e os gemidos começaram a ecoar pelo corredor. Felizmente, eu tinha um quarto no dormitório e fui embora no dia seguinte. Achei que ele precisaria de mim depois que minha mãe morresse, mas me enganei. Amo meu pai, mas não tolero muito minha madrasta. A palavra interesseira nem chega perto de descrevê-la.

Ouço uma batida na porta e quando me viro, Lamar está voltando. Raramente alguém da minha equipe encontra a porta fechada. Não acredito em me esconder. É assim que meu pai administra seus negócios e as pessoas têm medo dele. Quero que meus funcionários se sintam confortáveis comigo, especialmente quando me veem no cassino ou no escritório do hotel. Eles não devem ficar nervosos quando estou por perto.

— Aqui está o relatório sobre o Fick’s. — Lamar me entrega uma pilha de papéis. Os números indicam que estamos com reservas esgotadas para os

próximos seis meses. Os restaurantes também estão prosperando.

— Isso é bom. — O Fick's era um hotel decadente que estava à beira da falência. Comprei e o mantive fechado por cerca de seis meses para que eu pudesse fazer algumas reformas. Pintura, colchões novos e tapetes limpos fazem toda a diferença. A maior decisão que tomei foi baixar o preço dos quartos. Poucos dias após a reabertura, o hotel estava lotado e permanece assim desde então.

— Muito bom. Você deveria pensar nesse conceito para o próximo.

Afasto os papéis e pego as fotos do hotel que estou comprando. Fica ao lado do Allure, o que me oferece a possibilidade de conectá-los e aumentar o Allure ou seguir o caminho da novidade e torná-lo um hotel temático. O problema é que o preço e o conceito do Fick's não combinam. Eu perderia dinheiro e isso é algo que *odeio*.

— Quanto tempo levaria para reservar o hotel se seguíssemos esse caminho?

Lamar dá de ombros.

— Depende do que você vai decidir fazer.

— Certo — digo, sabendo que ele está se referindo às opções que tenho. — O que mais você tem para mim?

— Seu carro está vindo. A Tracey está de olho naquelas mulheres. E tem alguns apostadores grandes começando a ter sucesso na mesa vinte e sete — ele fala, mexendo no celular.

Pressionando algumas teclas do laptop, levo a câmera para cima da mesa de *blackjack*. Há dois caras sentados com um assento vago entre eles. Os dois têm uma porção de batata chips na frente. Eu os observo por um minuto antes de perceber que estão contando cartas. Sei disso porque costumava fazer a mesma coisa na faculdade.

— Eles estão contando.

Lamar não espera instruções. Se levanta e dá ordens pelo rádio antes de sair do meu escritório. Vejo o chefe do caixa aparecer com um novo baralho para o *crupiê* e observo enquanto um dos nossos funcionários disfarçados se senta entre os dois caras. Os homens parecem chateados, mas tudo bem, porque estão prestes a conhecer Lamar e provavelmente vão se borrar. Infelizmente para eles, seus ganhos não lhes pertencem mais e a essa altura, Lamar já ordenou que alguém analise as câmeras para ver o quanto ganharam.

Quando vejo Lamar liderando a equipe de segurança, troco de tela e começo a verificar os e-mails, respondendo todos eles. A maioria é sobre a compra do meu terceiro hotel e se o investimento será benéfico. Não tenho dúvidas de que será, mas isso vai depender do que eu fizer. O atual proprietário havia me sugerido uma parceria. Não tenho interesse nisso. Gosto que meus investidores sejam silenciosos, colocando dinheiro no empreendimento, mas sem se envolver. A forma como trabalho funciona bem e a última coisa que quero é responder a alguém. Seria como ser casado e, como eu disse, casamento não é para mim.

Já passamos do horário do almoço. Pego minha agenda e solto um gemido alto. Hannah, minha assistente, grita de sua mesa:

— Eu ouvi.

— O que é isso? — pergunto quando vejo todos os bailes beneficentes e encontros que estão marcados para essa semana. Todos esses eventos buscam dinheiro em forma de doações. Abro alguns e vejo que me pedem para fazer um discurso. Apoio a cabeça na mesa. Odeio falar em público.

— Finn, não posso fazer nada se você é o orador mais procurado de Nevada. — Hannah está na minha porta, sorrindo.

— Você pode recusar.

Ela ri, entra e se senta. Está com uma agenda grande e um lápis na mão. Ela só escreve a lápis, pois mudo de ideia com frequência.

— Você precisará de acompanhantes.

Eu a olho pelo canto do olho, mas ela não hesita.

— Qual deles não te agrada?

— Só um? — pergunto.

Hannah me ignora e olha para a minha agenda. Ela é minha assistente pessoal desde que comecei e todo mundo sabe que para chegar a mim, é preciso passar por ela. Isso lhe dá poder e acho que ela adora.

— São dois eventos de caridade e um baile. Ao baile, você precisa ir. Posso ligar para a Brandy e ver se ela está disponível.

Suspirando, me viro e olho pela janela. Vejo uma morena passando pelo átrio. Ela está com um vestido curto e saltos altos demais, sem dúvida para atrair o tipo errado de homem. Antes de desaparecer no cassino, ela se vira e olha ao redor. Me inclino para frente, tentando ver melhor. Já a vi antes, mas não sei onde.

— Finn?

— Ligue para a Brandy. Ela estará disponível. Vou participar dos três eventos — digo a Hannah quando me viro, mas não antes de dar outra olhada pela janela.

— Você não vai se arrepender.

— Você sempre diz isso, Hannah, e sabe que me arrependo de cada um deles.

Ela pisca e sai do meu escritório enquanto eu acesso as câmeras de segurança, procurando a morena. Eu a encontro depois de alguns minutos, sentada em uma mesa de *blackjack*. Os homens ao seu lado são muito amigáveis. Não sei dizer se ela está se encolhendo quando a tocam ou se está gostando.

Saio do escritório e vou até a janela para poder vê-la melhor. Quando a encontro novamente, a noção me atinge bem no peito. Eu a conheço, mas não consigo me lembrar do seu nome ou de onde. Saio rapidamente do escritório e vou para o térreo, esperando que ela ainda esteja lá quando eu chegar à sua mesa.

Ela está e seu vestido indecente deixa os seios à mostra para quem quiser olhar. Me pego balançando a cabeça quando ela me vê. Nesse momento, percebo de onde a conheço: da minha cidade natal. Mas já faz anos que não a vejo. Na verdade, a última vez foi na noite em que ficamos juntos e eu a levei para sua casa. Ela me implorou para não levá-la, mas tínhamos acabado de transar e achei que seria a melhor coisa a se fazer.

Assim que ela me deu o endereço, entendi o porquê. Viver na periferia devia ser embaraçoso, especialmente quando alguém como eu a levava para casa. O garoto rico e mimado que tinha um carro novinho em folha, bolsa de estudos e havia acabado de se formar na escola particular.

Mary?

Megan?

Nenhum desses nomes parece certo, mas não consigo me lembrar como ela se chama. Como vou cumprimentá-la se não posso chamá-la pelo nome?

Ela não se parece em nada com a garota de que me lembro. O tempo muda as pessoas, mas parece que ele tem sido seu inimigo. Ela é linda, linda mesmo, mas parece estar exausta. É como se não dormisse há semanas. Claro, se está andando por Vegas vestida assim, provavelmente não tem dormido mesmo. Infelizmente para ela, identifico uma stripper ou prostituta a quilômetros de distância. Pela quantidade de fichas que tem na mesa, é fácil ver que ela teve uma boa semana de gorjetas. Estou um pouco triste

pelo fato de alguém com quem estive ter precisado recorrer a esse tipo de trabalho.

Enquanto a observo do outro lado da sala, ela me olha de vez em quando, me fazendo pensar se ela se lembra de quem sou. Éramos jovens e o sexo não foi exatamente memorável.

Os homens se reúnem ao seu redor, prestando cada vez mais atenção enquanto ela continua ganhando. Eu me aproximo e procuro os membros da equipe de segurança. Alguns deles hesitam, observando tudo à medida que acontece. Meu coração dispara quando ela empurra todas as fichas para frente. Calculo o número de cabeça e acho que é mais de dez mil dólares. Ela está focada em suas cartas. Há uma ligeira hesitação em seu rosto, como se tudo acontecesse em câmera lenta. O *crupiê* lança a última carta e seu rosto se desfaz quando as fichas são empilhadas na bandeja da casa. E em um piscar de olhos, ela perdeu o dinheiro.

Assim que vejo suas lágrimas, vou em direção à mesa. Não ligo para quanto dinheiro tenho, nunca é fácil perder algo, especialmente quando estamos falando de milhares de dólares e as chances de ganhar são de pouco mais de quarenta por cento. Quando ela dá a volta na mesa, estou ali, esperando por ela.

— Saia do meu caminho. — Ela me empurra, me derrubando à medida que passa por mim com aqueles sapatos de salto altíssimos. Antes que eu possa reagir, os seguranças partem para cima dela, levando-a para fora do cassino enquanto me levanto e me limpo. Me certifico de sorrir para os espectadores, informando que estou bem, assim eles podem voltar a gastar seu dinheiro em meu estabelecimento.

— Me soltem — ela grita, chutando e dando a todos uma visão clara do fio dental que está usando.

— Soltem-na — eu digo ao me aproximar. Os seguranças a soltam, e ela mal consegue ficar em pé sozinha. Eu a seguro antes que caia.

— Não me toque.

Olho para ela de um jeito questionador e ajeito o paletó.

— Tenho certeza de que você me empurrou primeiro.

— Você mereceu.

Colocando as mãos nos bolsos, dispenso os dois homens que a levaram até lá. Não sei o que fiz para merecer ser empurrado no meu próprio cassino, mas deixarei passar.

— Como você está?

Ela revira os olhos e franze os lábios.

— Que interesse você tem nisso?

Dou de ombros.

— Sempre me importo quando vejo alguém da minha cidade natal perdendo milhares de dólares no meu hotel.

A menção ao dinheiro causa mais lágrimas. A quantia que ela perdeu não prejudicaria meu talão de cheques, apenas meu orgulho, mas parece que ela precisava desse dinheiro. A quem estou tentando enganar? A maioria das pessoas precisa dessa quantia e, provavelmente, é um golpe no ego perdê-lo. Mas algo me diz que ela precisa um pouco mais que os outros.

— Foi bom te ver, Finn, mas tenho que ir.

Meu sexto sentido me diz para estender a mão e segurá-la antes que ela se afaste. Ela vira a cabeça e me olha.

— Me deixe te ajudar.

— O que te faz pensar que preciso da sua ajuda?

— Tenho uma proposta para você. — As palavras saem da minha boca antes que eu perceba o que estou dizendo, e o plano se forma na minha cabeça.

Cinco

MACEY

Não me afasto de Finn como uma dama. Corro o mais rápido e da melhor forma possível com essa porcaria de salto, furando a fila de pessoas que espera um táxi. Entro no primeiro carro, batendo a porta. O motorista diz alguma coisa, mas se cala rapidamente quando olha por cima do ombro e vê meu rosto. Não quero saber o que está se passando pela sua cabeça. Como todos os outros, ele está me julgando pela maneira como me visto e como meu rosto está agora, mas estou acostumada.

Ele dirige para o endereço que dou. Faço o melhor que posso para consertar a maquiagem borrada enquanto ele entra e sai do trânsito. Quando para, não espero que abra a porta – não que ele esteja tentando fazer isso. Saio e jogo uma quantidade de dinheiro suficiente em seu colo para cobrir o valor da corrida, mas sem gorjeta.

Me encosto na parede dos fundos do clube e tento conter minhas emoções. Meu coração está acelerado e não consigo recuperar o fôlego. Há muito o que processar. Não acredito que perdi o dinheiro que iria salvar a mim e a Morgan das garras da periferia, tudo porque fui gananciosa e estúpida.

Batendo a cabeça contra a parede de concreto, deixo as lágrimas fluírem. Estou muito cansada de ter que paparicar homens estranhos para que eles abram as carteiras ou beber com eles na sala VIP enquanto me olham com uma fome que dispara todos os meus sinais de alerta. Vivo com medo de que alguém me pegue em um beco, de ser estuprada por um cliente que não gostou de pagar para ver meus peitos ou de perder minha filha quando o sistema finalmente me achar por causa da vida desestruturada que levamos.

O muro áspero arranha minhas costas quando deslizo até o chão sem me preocupar com o fato de que se alguém parar atrás do clube, verá o meu vestido levantado. Abraço os joelhos e choro. Tomei uma decisão estúpida e arruinei tudo o que construí na semana passada. A única maneira de recuperar o que perdi é transar com algum cliente. Recebi ofertas durante toda a semana. Números de telefone foram encaixados no meu fio dental de forma sutil depois que eu dançava para eles na sala VIP. Eram homens casados e solteiros que queriam transar no estacionamento, tentando realizar a fantasia que têm com *strippers*.

Quem fantasia sobre isso?

— Catalina, você está bem?

Olho para quem está me chamando. É Johanna, uma das mulheres mais legais que já conheci. Não que as outras garotas que trabalham aqui não sejam legais, pois elas são. Estava errada sobre as outras dançarinas. Contanto que você cuide da própria vida e não exponha sua história pessoal, as personagens que todas nós interpretamos, dia após dia, querem ser amigas. Todo mundo aqui me conhece como Catalina, a mulher que está tentando encontrar seu lugar no mundo, e não Macey, a mãe solteira que está tentando desesperadamente tirar sua filha do subúrbio.

Concordo, mas as lágrimas continuam fluindo. Limpo as bochechas com raiva, mas elas não param. Continuo dizendo a mim mesma que é porque perdi todo aquele dinheiro e tudo se deve ao fato de ter tido uma queda por Finn McCormick quando era mais nova. Não frequentamos a mesma escola, mas eu o via de vez em quando. Frequentávamos as mesmas festas ou o via sentado na praça de alimentação do shopping. Eu achava que ele era bonito naquela época, mas agora ele está ainda mais gostoso e sabe disso. Imagino que ter dinheiro proporcione esse tipo de coisa às pessoas.

Em vez de me levar para o clube, ela se senta ao meu lado. Johanna nunca saberá o que isso significa para mim, o conforto que está me dando ao agir como uma amiga. Ela não está me julgando pelo que faço para viver, mas tentando tornar minha experiência profissional confortável.

— Esta é sua última noite, é por isso que você está chorando?

Balançando a cabeça, pego o lenço que ela está oferecendo e limpo meu rosto.

— Perdi todo o dinheiro que ganhei esta semana. — Soluço.

— Você foi roubada?

Gostaria de dizer que sim, e talvez essa seja a desculpa que vou usar quando disser a Steph que o dinheiro acabou e não posso pagar o aluguel ou lhe pagar por cuidar da Morgan esta semana.

Desviando o olhar, observo meu vestido rosa. Eu o usei com a intenção de informar aos homens onde eles poderiam me ver mais tarde, esperando que viessem e gastassem seu dinheiro comigo. Sou péssima para me vender até mesmo quando estou completamente vestida.

— *Blackjack*. Eu sabia que deveria ficar longe. Conhecia os riscos, mas o pensamento de duplicar meu dinheiro foi muito atraente.

Johanna coloca o braço em volta dos meus ombros e me puxa para si. O abraço ajuda, mas, ao mesmo tempo, me faz sentir ainda pior. Não acredito que fui tão idiota. Eu deveria ter apostado só um pouco e deixado por isso

mesmo, mas não. Eu tinha algo a provar para mim mesma e agora perdi tudo.

— Vamos entrar e te limpar. Você vai ganhar um dinheiro esta noite. Sei que não vai substituir tudo, mas talvez seja o suficiente para que você possa prolongar sua estadia por uma semana.

Ela me ajuda a ficar de pé e mantém o braço ao meu redor quando entramos no clube. Algumas das meninas me oferecem um sorriso simpático. Não quero saber o que estão pensando, porque, se os papéis fossem invertidos, eu assumiria automaticamente que foram atacadas. De acordo com as mulheres esnobes e ricas que não conseguem manter os homens fora dos clubes, merecemos o que acontece conosco.

Johanna me leva ao banheiro e me ajuda a lavar o rosto. Meus olhos estão vermelhos e inchados, a combinação infalível para me afastar do salão e me deixar confinada ao palco se não conseguir controlar minhas emoções.

— Você não deve dinheiro a alguém, não é?

— Não, só a mim mesma — digo a ela, esperando aliviar sua preocupação. Ouvi histórias horrorosas de mulheres que se prostituíam para pagar cafetões e a máfia. Independentemente do que as pessoas digam, a máfia continua aqui em Las Vegas.

— Bem, vamos para o salão para ganhar alguma coisa. Nem tudo está perdido.

Seu otimismo me aquece, mas no fundo sei que esta noite tem que ser a última. Morgan depende de mim e nunca ficamos tanto tempo separadas. Sinto sua falta e quero ir para casa. Não sei o que vou fazer, mas vou dar um jeito. Sempre dou.

No momento em que me acalmo e meus olhos desincham um pouco, o clube está fervendo. Há uma convenção na cidade desde ontem à noite. Ouvi dizer que é formada por nerds, o que se traduz em diversos homens olhando para computadores o dia todo. E a única ação é causada pelas mãos deles. Isso também significa dinheiro e que os caras estão dispostos a pagar por uma *lap dance* para ficarem excitados.

Enquanto trabalho no salão e dançando por vinte dólares a música, vejo Finn entrar com um homem enorme ao seu lado. Só consigo pensar em fugir, mas ele sabe que notei sua presença, porque está me observando. Uma das garotas o atende e embora eu esteja dançando com outro cara, fico de olho em Finn. Ele parece gostar de ver tudo o que faço enquanto toma um gole do seu líquido âmbar.

Quando a dança termina, ele me chama com o dedo. Não tenho escolha a não ser ir até lá, porque a última coisa que quero é causar outra cena ou fazer com que ele reclame com o chefe. Perder esse emprego, mesmo que seja minha última noite, não está na minha lista de prioridades. Preciso do dinheiro que posso ganhar hoje à noite.

Me aproximo lentamente da mesa, observando seus movimentos calculados. Finn parece ser o tipo de homem que está acostumado a conseguir tudo o que quer. Ele está acostumado com mulheres e até homens beijando o chão em que pisa. Detesto o fato de estar aqui. Fugir dele mais cedo foi a melhor coisa que já fiz na vida. Pensando bem, eu deveria dar um chute em seu saco e cuspir nele, mas isso seria um desperdício de energia e, provavelmente, teria uma contusão na canela depois.

— Olá, Catalina. — Meu nome artístico sai de forma suave de sua boca. Faço o meu melhor para manter as emoções sob controle, mesmo que eu queira perfurar seu peito com os saltos.

— Que tal uma *lap dance* para o seu amigo? — Aceno para o homem que poderia me quebrar ao meio com um movimento do pulso. Ele não parece interessado e está atento e ciente de tudo o que está acontecendo ao seu redor. Prefiro dançar para ele a dançar para Finn em qualquer dia da semana.

— Quanto? — ele pergunta, apoiando a bebida no balcão e pegando a carteira. Meus olhos se arregalam ao ver a quantidade de notas ali dentro. Pensar nisso me deixa enjoada, mas Finn havia dito que tinha uma proposta para mim. Não fiquei para perguntar o que era, porque é provável que tenha a ver com sexo e isso não faz parte das minhas atribuições.

— Vinte por música — falo, esperando que ele me diga para ir embora, mesmo que eu precise do dinheiro. Talvez não fosse tão ruim fazer Finn pagar para se divertir.

— E se eu quiser que você dance para mim também?

— A mesma coisa. Ou podemos entrar em uma sala VIP por quinhentos. — No momento, Finn é uma transação comercial e não um cara com quem saí no passado. Depois disso, ele vai embora e posso continuar com minha existência miserável.

— Combinado — ele fala, se levantando e apontando para que eu me mexa. Seu amigo não nos segue, porque levo Finn para uma das salas VIP. Ele entra primeiro, e eu fecho a porta, encostando a testa nela rapidamente e lembrando a mim mesma que isso é trabalho. Pegue o dinheiro, faça o que puder e volte para ganhar mais.

O couro do sofá range quando ele se senta. Me movendo rapidamente, giro o botão do sistema de som, fazendo com que a música que o DJ está tocando comece. Tudo que ele toca evoca sexo.

— Quinhentos — digo a Finn. Ele me observa, inclinando a cabeça de um lado para o outro. Quero cobrir meu peito, mas sei que a ação pode irritá-lo. Odeio que ele esteja me olhando como um pedaço de carne. Ele pega a carteira e coloca o dinheiro na mesa. Pego rapidamente e o coloco no bolso.

— Você tem algo para se cobrir?

— O quê? — resmungo, de repente me sentindo muito constrangida. Que tipo de bizarrice ele gosta?

— Quero conversar.

Não é incomum que homens paguem por uma sala VIP para poderem conversar. Às vezes, eles precisam desabafar e não têm alguém que os ouça ou estão sozinhos. Dessa forma, encontram companhia para lhes dar atenção. Resumindo, eles vêm até aqui porque não serão julgados e estão nos pagando para ouvir.

O clube mantém um robe pendurado na parede. Só usamos se o cliente pedir. Me visto, amarrando a tira na cintura com um nó. Não sei onde Finn quer que eu fique, então paro na sua frente, esperando que ele me dê instruções.

— Como está?

A sala está escura, então ele não pode ver minha expressão. Sorrio e digo:

— Ótima.

— E Vegas está te tratando bem?

— Claro. Quero dizer, tão bem quanto Vegas pode tratar alguém como eu.

Finn suspira e inclina a cabeça para o lado.

— Venha se sentar.

Faço o que ele pede e me sento ao seu lado. Seu cheiro é a primeira coisa que chama minha atenção. Ele cheira a sabonete fresco, areia e homem. É o tipo de cheiro que faz uma mulher cruzar e descruzar as pernas diversas vezes, do tipo que te deixa com os joelhos fracos e te faz roubar a camisa dele quando sai pela manhã para que possa ficar cheirando mais tarde.

— Você faz isso com frequência?

— O quê? Oferecer *lap dance* aos homens? Entre seis a doze horas por dia. — Eu rio, mas não estou brincando. Meus dias foram longos e até hoje, valeu a pena.

— Não se rebaixe dessa forma.

Não sei como responder, então fico quieta. Ele percebe e desvia o olhar.

— Você fugiu antes que eu pudesse fazer minha proposta.

Balanço a cabeça e aperto o robe com mais força. Não sei por que, considerando que ele já viu meus peitos. Mas me sentar ao seu lado e saber que ele é dono de um hotel me faz sentir vergonha.

— Meu Porsche estava parado em local proibido. Não queria levar uma multa.

Ele ri baixinho.

— Não me lembro de você ser tão engraçada.

— Você se lembra de mim?

— Claro. — Ele me olha e embora seja um olhar penetrante, paro de falar. Já vi isso antes, não só com ele, mas com outros caras e sei o que significa.

Mais uma vez, me encontro sem palavras. Se eu estivesse dançando, ficaria mais confortável e não me sentiria tão estranha.

— Você perdeu muito dinheiro hoje.

— Não preciso de um lembrete. — Passei as últimas horas tentando esquecer, planejando maneiras de tentar recuperar esse valor antes do meu voo à meia-noite. Sei que é impossível, mas pensar que estou tentando está me ajudando a lidar com isso.

— É por esse motivo que estou aqui.

— Certo, a proposta.

— Exatamente. — Ele se aproxima mais e puxa minhas pernas na sua direção, assim sou forçada a olhar para ele. — Sou um homem ocupado, com uma agenda de compromissos que odeio. Preciso de alguém para me acompanhar a alguns eventos de caridade e a um baile esta semana. E estou disposto a pagar.

Balanço a cabeça, sabendo que não posso ficar.

— Dobro o que você perdeu em troca de você ser minha por uma semana.

Minha garganta incha quando tento engolir. Dobrar o que eu perdi. Ele está disposto a pagar o dobro, mas pelo quê?

— Qual é a pegadinha?

— Como eu disse, sou um homem ocupado e quero que você seja minha durante a semana. Em todos os aspectos. Você ficará na minha cobertura e terá acesso ao que quiser. Em troca, estará à minha disposição.

Tenho que desviar o olhar e conter as lágrimas que ameaçam cair. Nunca me vendi por sexo antes. Nunca me rebaixei tanto assim, mas o pensamento de ir embora com vinte mil dólares é quase demais para deixar passar.

Droga, se ele me oferecesse cinco mil para dormir com ele, eu o faria. Eu deveria sentir nojo e dar um soco nele, mas é o Finn e a paixonite que tive por ele há anos está tomando espaço e me dizendo para aceitar a oferta antes que ele mude de ideia.

Não há dúvida de que deve haver uma enxurrada de mulheres à sua disposição, mas ele está aqui, se aproximando de mim sem saber o quanto eu odeio a ele e tudo o que representa. Ele tem a vida que pessoas como eu só podem sonhar. Mesmo com o dinheiro que está oferecendo, nunca estarei no seu nível.

— Você quer sexo? — pergunto. Sei a resposta, mas quero ouvi-la.

— Claro. Estou atraído e você será muito bem paga.

— Acho difícil acreditar que você precise pagar por sexo.

Ele ri e se mexe no sofá.

— Você está certa, mas sei que no final da semana você vai embora. É como uma garantia de que não vai me ligar na semana que vem me chamando para sair.

O elogio é indireto, mas ele está certo. Não vou ligar. Depois desta semana, ele se arrependerá de ter me oferecido o dinheiro.

— Eu não gosto de você — digo para que ele saiba no que está se metendo.

— Tudo bem, não gosto muito de você ou da sua profissão. Mas você é bonita e tem um corpo espetacular. Posso usá-lo em meu benefício enquanto estiver em uma reunião com potenciais investidores. E como disse, sem compromisso. Então podemos continuar nos odiando, transar como coelhos e nos beneficiar financeiramente.

— Trinta mil.

— Combinado. — Ele estende a mão, e eu a aperto enquanto meu estômago revira. Vendi meu corpo e meu orgulho por trinta mil. No fim das contas, acho que todo mundo tem um preço.

Seis

FINN

Permaneço impassível enquanto saímos da sala VIP. Quando disse que tinha uma proposta, sexo não havia passado pela minha cabeça. Eu só queria ajudá-la porque ela parecia desamparada depois de perder o dinheiro. E a julgar pela maneira como estava vestida, devia precisar. Não nego que me sinto atraído. Caramba, metade dos homens no salão a estavam observando. Ela é bonita, apesar da profissão. Não consigo imaginar como ficaria vestida com algo mais elegante, e não uma calcinha fio dental.

Mas no momento em que vi seus seios, uma imagem de nós dois na cama encheu a minha cabeça. Eu podia vê-la, com seus cabelos cor de chocolate e a pele morena acomodada nos meus lençóis brancos, com o suor escorrendo pelo corpo enquanto suas costas se arqueavam por causa da carícia da minha língua em sua boceta. Eu faria coisas que nem sonhava que existiam quando tinha dezoito anos.

E agora vou me certificar de colocar a fantasia em prática, porque não vou ser capaz de me sentar na mesma sala, limusine ou qualquer outro espaço com ela, sem saber como seria tê-la ao redor do meu pau. Transar com ela quando eu tinha dezoito anos e era inexperiente parece algo muito distante agora que a vi de novo.

— Use esse robe lá fora. Não quero mais ninguém te olhando.

Ela empalidece, mas não dou a mínima. A partir de agora, ela é minha. Pego o telefone e leio as mensagens que Lamar me enviou enquanto eu estava ocupado negociando a proposta. Ele esvaziou seu armário e pagou sua taxa pela noite, então podemos ir embora juntos. Eu o aviso que vamos sair, mas o mais importante é que ele precisa conseguir algumas informações a seu respeito, como nome, porque não me lembro de jeito nenhum.

Ela aceitou. Preciso do seu nome.

Coloco o telefone no bolso, sem interesse em ver a resposta dele. Gostaria de vê-lo dizer o nome de todas as pessoas que ele já conheceu ou com quem dormiu. Minha aposta é que ele não consegue e nem tentaria.

Lamar nos vê caminhando em sua direção e se levanta. O homem é ainda mais alto que eu. Ele nos segue até a limusine que está nos esperando.

— Preciso pegar minhas coisas — ela fala, se sentando o mais longe possível de mim.

— O Lamar já cuidou disso.

Ela abre a boca e tenta agir como se tivesse alguma autoridade aqui.

— O quê?

Eu a ignoro, nem um pouco disposto a me envolver em besteiras triviais sobre seus pertences no armário.

— Onde você mora?

— Estou ficando fora da Strip. — Ela diz o endereço e Lamar orienta o motorista a ir até lá. Não sei por que presumi que ela morava aqui, mas o fato de não morar, torna essa situação ainda melhor. Depois que ela for embora, todos os laços serão cortados e não precisarei me preocupar em encontrá-la.

— Preencha isso. — Lamar entrega um contrato de confidencialidade para ela assinar. É padrão, mas também é algo que não costumo fazer com as mulheres com quem saio. Porém, a situação exige. A última coisa que quero é a publicidade negativa que teria se ela fosse aos jornais. Ninguém precisa saber que estou pagando por sexo ou por uma acompanhante quando todos sabem que não preciso. E não tenho dúvida de que ela se esqueceria de contar à imprensa a razão exata pela qual eu fiz a proposta.

Ela devolve os papéis para Lamar, e olho rapidamente para ver seu nome. Macey Webster. Agora a ficha caiu. Eu me lembrava de onde ela morava e de como foi dormir com ela, mas não do seu nome.

A limusine segue pelas ruas estreitas da antiga Vegas, até o motorista parar em um hotel acabado. Muitas garotas estão na frente e entram instantaneamente em modo profissional assim que paramos.

— Quer que o Lamar pegue suas coisas?

— Não, eu resolvo isso. — Ela sai do carro, e Lamar a segue. Observo quando se vira para encará-lo, o que não o perturba. Leva poucos instantes para que eles voltem e possamos partir.

— Comprou mais alguém enquanto eu estava fora? — Seu tom é sarcástico e, por algum motivo, acho que gosto.

— Se você acha que estou te comprando, gostaria de fazer uma devolução.

Ela abre a boca de novo, mas a fecha bem rápido quando ouve Lamar rir ao meu lado.

— Vejo que Vegas te deixou mal-humorado.

Balançando a cabeça, olho pela janela e me pergunto o que aconteceu com ela. Agora que já repeti seu nome algumas vezes na minha cabeça, me lembro de ela ter me dito que ia sair da cidade. Que queria mudar de vida.

Odeio pensar que esse era o seu objetivo. Que dançar de topless em Las Vegas era a sua ambição.

— Estou longe de estar mal-humorado. Você supõe que tenho o hábito de "comprar" pessoas. Mas posso garantir que não tenho relação com tráfico humano ou prostituição. Como disse antes, sou um homem ocupado e, nesta semana, preciso de uma mulher ao meu lado para participar de alguns eventos. Sem compromissos, terminamos tudo no final da semana. Se eu quisesse ligações, mensagens de texto e as besteiras chorosas que acompanham o namoro, você não estaria no meu carro agora.

Ela não responde de forma espirituosa. Na verdade, volta a olhar para a janela e observa o cenário enquanto seguimos de volta para o Allure. Quando ela cruza as pernas, quase perco a cabeça.

— Mantenha as pernas fechadas. Lamar não precisa ver o que você está oferecendo.

Se espero que ela as descruze o mais timidamente possível e feche o robe, estou muito enganado. Em vez disso, ela abre as pernas, mostrando a nós dois o que está por baixo do tecido fino enquanto mantém os olhos fixos nos meus.

— Finn, acredito que você encontrou o seu par — Lamar fala ao meu lado. Eu rio, sabendo que ele tem razão. Não tenho certeza do que esperava dela, mas não era isso. No fundo, achei que encontraria a garota que conheci anos atrás.

— E você me diz que eu estou mal-humorado — zombo, saindo da limusine assim que o motorista chega à entrada de serviço. Muito raramente eu uso esse lado do hotel, mas a última coisa que preciso é ser visto com Macey enquanto ela está vestida assim. O som dos seus saltos me diz que ela está correndo para me acompanhar.

— Para onde você está me levando? — ela pergunta, segurando o robe para mantê-lo fechado. Está tremendo.

— Você está assustada?

Ela me encara com os olhos azuis royal de que me lembro e tudo o que vejo é apreensão. Ela assente de forma sutil e se eu não estivesse focando em seu rosto, não perceberia.

— Para a minha cobertura, onde você vai ficar esta semana. Minha assistente vai mandar algumas roupas para você e depois iremos às compras.

— Tenho minhas próprias roupas.

Mantenho a porta aberta para que ela possa entrar no elevador de serviço. Felizmente, estamos sozinhos. Insiro a chave e pressiono o botão que nos levará direto ao corredor do meu apartamento.

— Suas roupas não serão adequadas, a menos que você tenha uma variedade de Dior, Louis Vuitton e Chanel na sua bagagem de mão.

— Para o que você está me contratando, minhas roupas vão servir.

Dou alguns passos em sua direção até que suas costas estejam pressionadas na parede de metal. Apoio as mãos perto do seu rosto e sua respiração rápida me diverte.

— Vamos esclarecer algumas coisas agora. Ninguém sabe o que você faz, a não ser Lamar e eu. Ninguém vai te julgar. Durante essa semana, você é minha. Você vai usar as melhores roupas, os sapatos mais bonitos e os tecidos mais macios que o dinheiro pode comprar cobrirão sua boceta. — Acaricio seu pescoço com o nariz e tento não recuar quando sinto o cheiro do clube. — E quando estivermos sozinhos, se eu quiser que você dance para mim, você vai dançar. Quando estivermos no carro, se eu quiser te comer, eu vou. Não se engane, Macey. Tenho toda a intenção de fazer jus ao dinheiro que estou gastando por esta semana enquanto te ofereço presentes.

O elevador para, me impedindo de beijá-la. Se existe algo que eu não faço há muito tempo é beijar uma mulher. Não estou falando de um selinho rápido ou um beijo na bochecha, e sim de beijo de língua, daqueles em que você coloca uma mão no rosto e a outra nas costas da outra pessoa, puxando-a de encontro ao seu corpo. Beijos despertam sentimentos que não tenho intenção de explorar com ninguém, então por que arriscar? Mesmo quando estou transando, tenho uma regra estrita de não fazer isso. Beijar significa despertar emoções, e isso é algo que não sinto. Não quero complicações.

Os sapatos de Macey arranham o chão de mármore enquanto ela luta para me acompanhar. Abro a porta da cobertura e a deixo entrar primeiro. Não me preocupo se ela vai gostar, porque sinto que este é o lugar mais bonito em que ela já esteve.

Ela entra com cautela, olhando tudo à sua volta. Fico para trás, sem querer ficar em cima dela, mas também para poder observá-la. Quando ela chegar às janelas, sei que vamos transar apoiados naqueles vidros em breve. Ela é uma exibicionista por profissão. Com certeza, ficaria excitada por ser comida em um lugar onde diversas pessoas pudessem vê-la, certo?

— A vista é incrível.

Inclino a cabeça para o lado e vejo seu traseiro aparecendo por baixo do robe. A tentação de tocá-la está pressionando o zíper da minha calça, mas temos algumas coisas para fazer primeiro.

— Você não tem ideia — murmuro enquanto caminho em sua direção. Paro atrás dela, deixando-a sentir minha excitação. Ela fica tensa quando seguro seus quadris.

— Sabe o que faremos com você pressionada contra a janela?

— Tenho uma boa ideia.

Eu rio e me afasto antes de fazer algo para o qual ela não está pronta. No momento, ela está vestida como uma prostituta, mas quando fizermos sexo, quero que ela esteja usando tudo do bom e do melhor.

— Me deixe levá-la para ver o resto da casa.

Seguro sua mão e mostro a cobertura. Os suspiros que ela solta cada vez que entramos em um cômodo não passam despercebidos.

— Como você consegue dormir aqui? — ela pergunta quando entramos no meu quarto. As paredes são de vidro e as luzes brilhantes da Strip iluminam o quarto vinte e quatro horas por dia.

— Assim. — Aperto o botão que fecha as cortinas e, de repente, o quarto fica totalmente escuro. Me certifico de acender as luzes para que ela não se sinta mais assustada do que já está.

— Onde vou dormir?

Aponto para minha cama.

— Aí.

— Talvez devêssemos resolver isso agora.

Macey se vira para mim e desamarra lentamente o robe, deixando-o cair até ficar aos seus pés. Os seios estão à mostra, o que me faz salivar. Adoraria levá-los a boca e morder os mamilos enquanto meus dedos deslizariam em sua boceta molhada.

Faço o que ela espera e dou uma olhada de novo. Seu estômago é plano, mas parece incrivelmente macio e bem tonificado, e mesmo que sua intimidade esteja coberta, pela forma como meu pau está pulsando, tenho a sensação de que vou gostar de me enterrar entre suas pernas. Seguindo na sua direção, dou um tapa forte na sua bunda, fazendo-a pular antes de começar a massagear o local.

— É isso que você quer, Macey? Quer transar? — pergunto enquanto me esfrego em sua bunda. Como ela não responde, me afasto.

Ela se vira e me olha. Seus mamilos estão intumescidos pela antecipação.

A campainha toca, assustando-a.

— Salva pela campainha — digo, me aproximando dela. Passo os dedos em seus braços, provocando arrepios por toda a pele. — Vá tomar banho. Vou levar tudo o que você precisa para o banheiro.

Sigo pelo corredor, ajustando a calça em busca de um pouco de alívio. O pensamento de transar com ela corre solto, especialmente sabendo que ela está no chuveiro e suas mãos estão vagando sobre seu corpo.

Abro a porta e vejo Hannah com uma sacola. Não tenho ideia do que Lamar disse para ela comprar, mas eu a pego e tento despachá-la.

— Sequestrou alguém?

— Não, encontrei uma velha amiga que foi roubada. Eu a estou ajudando. — A mentira escapa com facilidade pelos meus lábios. Nunca menti para Hannah e não gosto disso. Sempre confiei nela, mas considerando que eu disse a Macey que ninguém saberia sobre a proposta, mantenho minha palavra.

— Me avise se precisar de mais alguma coisa. — Hannah se vira para ir embora, mas eu a chamo.

— Confirmou aqueles eventos?

— Sim. Devo avisá-los que a Brandy vai com você?

— Não, o nome da minha acompanhante é Macey Webster.

— Certo. — Hannah me olha, parecendo confusa e antes que possa dizer qualquer coisa, eu fecho a porta. Ela sabe que odeio ir a esses lugares, então o fato de eu demonstrar algum tipo de interesse deve tê-la deixado assustada.

Fico surpreso ao encontrar a porta do banheiro destrancada quando volto. A parede de vidro está embaçada e ela está cantando baixinho.

— Trouxe algumas coisas para você — falo, fazendo-a gritar.

— Você me assustou.

Abro a porta do chuveiro, e ela se cobre.

— Já te vi, lembra? — pergunto, arqueando a sobrancelha para ela. — Minha assistente comprou essas coisas para você. — Entrego duas embalagens, uma de shampoo e a outra de condicionador, e um sabonete. Pela expressão em seu rosto, eu diria que Hannah escolheu bem. Ela segura tudo contra o peito, esperando que eu vá embora. Estou tentado a me despir e me juntar a ela, mas me contenho.

— Quando terminar, sairemos para jantar e para fazer compras. As mulheres gostam de fazer compras, certo?

Ela assente e espera que eu saia. Fecho a porta do banheiro e vou para o armário me trocar. Assim que desabotoo a calça, meu pau começa a forçar para sair a cueca, me lembrando que ele está aqui e pronto para a ação.

— Safado — murmuro, empurrando-o de volta.

Sete

MACEY

Morri e fui para o paraíso da Cinderela. Quando se é uma garota pobre, você sonha com as coisas boas da vida. Você sempre quer o que os outros têm e as pessoas dizem que, com muito trabalho, é possível ter tudo o que se deseja. O que não dizem é que sair da periferia é um trabalho árduo e que as estatísticas estão contra você. Se não tiver alguém disposto a te ajudar a ter sucesso, você fica por conta própria e tenta fazer o melhor. Se não tem as roupas adequadas, não consegue um emprego que pague um salário decente. Você acaba trabalhando no McDonald's, ganhando um pouco acima do salário mínimo, além de servir mesas em algum restaurante. Se esforça para colocar comida na mesa e acaba ficando no lugar em que mora, porque, afina de contas, é um teto. Pelo menos é assim que minha vida se desenrola até agora.

Seguro a embalagem do sabonete, que nem consigo pronunciar a marca, e sinto como se estivesse vivendo uma fantasia. Penso em colocá-lo na bolsa para levar para casa e vender, mas não conheço ninguém que possa pagar por ele. Só compro sabonetes de noventa e nove centavos ou os da promoção de dois por um dólar. O shampoo não é diferente. O preço pago por ele alimentaria a mim e a Morgan por um mês.

De pé embaixo do chuveiro, tento entender tudo o que está acontecendo e não importa de que ângulo eu olhe, me tornei a única coisa que jurei que nunca seria. Me vender em troca de sexo é o ponto mais baixo de todos, mas o dinheiro é bom demais para deixar passar. Essa quantia vai mudar nossas vidas, e eu seria tola se não aceitasse.

Ao sair do chuveiro, encontro uma toalha felpuda esperando por mim junto com o roupão mais macio que já toquei. Eu o visto, levando o tecido até o rosto enquanto fecho os olhos e me deleito com o luxo. Temo que ele possa mudar de ideia a meu respeito a qualquer momento, mas isso não significa que vou abrandar. Para mim, ele é o inimigo.

O banheiro é ligado a dois lugares: ao seu quarto, onde vou dormir, e ao armário, que é maior que o quarto que divido com Morgan. Fico surpresa ao ver todos os meus pertences lá dentro. Há diversas peças de lingerie amontoadas na mesa de centro e um único vestido está pendurado em um espaço que imagino ter sido esvaziado recentemente.

Passo os dedos pela mesa, imaginando quanto custaria algo assim. Balanço a cabeça ao pensar em desperdiçar dinheiro e odeio o fato de que isso não significa nada para pessoas como ele. Ao lado do fio dental, há calcinha e sutiã novos. Acaricio o tecido. Finn tem razão: esta é a coisa mais delicada que já usei. Eu realmente odeio que ele esteja certo.

— Como foi seu banho?

Pulo com o som da sua voz atrás de mim. Estou em pânico desde que ele me levou para a sala VIP. Não sei o que esperar e o fato de ele ser furtivo me assusta.

Finn está com as mãos nos bolsos, encostado no batente da porta. Está usando jeans e uma camisa de botão com as mangas dobradas. Seu cabelo preto está despenteado, fazendo com que pareça ter saído de uma revista.

— O shampoo e o sabonete que você me deu eram demais. Não preciso de nada além das coisas que já tenho na minha mala.

Ele se afasta e entra no armário, me ignorando.

— Abri esse espaço para você.

— Não vou precisar disso.

Ele ri e balança a cabeça.

— Claro que vai. Tenho certeza de que você vai pendurar as roupas que irá comprar.

— Que vou comprar? O dinheiro para roupas vai sair do meu pagamento?

Ele se aproxima de mim, me fazendo ofegar. Quando seu dedo toca meu pescoço exposto, sinto a base da minha coluna se arrepiar e fecho os olhos. Tento não deixar seu toque me afetar, mas ele percebe a minha reação e pela sua expressão, está gostando muito.

— Eu disse que cuidaria de você esta semana.

— Em troca, devo transar com você.

Ele sorri e dá de ombros.

— Acho que pelo valor que estou pagando, você ficará feliz em realizar meus desejos.

Minha irritação aumenta enquanto fecho a mão. Quero dar um soco em seu rosto presunçoso e bonito para mostrar exatamente o tipo de mulher que sou.

— Não sou prostituta.

— Eu nunca falei que era, Macey. É você quem fica insinuando que nosso acordo não é benéfico para nós dois.

Finn se vira e se prepara para sair, mas para na porta.

— Temos reserva em uma hora. — Ele não me diz onde nem espera pela minha resposta, mas levando em conta que há um vestido pendurado na parte que ele reservou para mim no armário, sei que devo usá-lo.

Entre o banheiro e o armário, há uma espécie de quarto. Imagino que as mulheres ricas chamem *closet*, enquanto eu chamo de desperdício de espaço, mas é um lugar onde nunca me imaginei.

Meu secador de cabelo e o *baby liss* estão lá, ligados na tomada, junto com a maquiagem. Estão organizados bem à minha vista. Toda essa arrumação faz com que me pergunte se Finn é um lobo em pele de cordeiro, considerando que ele sabe como organizar a penteadeira de uma mulher. Se não for isso, ele teve ajuda. Alguém que ainda tenho que conhecer.

Sentada no banquinho macio, encaro meu rosto sem maquiagem no espelho. Há algumas horas, eu estava chorando e tentando diminuir o inchaço dos olhos para que pudesse ganhar gorjetas decentes antes de voltar para casa. Agora estou aqui.

Pensar em casa me faz voltar correndo para o armário e remexer em meus pertences até encontrar o telefone. É um aparelho antigo, mas funciona. Ligo para o número de Steph, esperando encontrá-la antes que saia para o trabalho.

— Não esqueci — ela fala ao atender o telefone.

— Steph — digo o seu nome, incapaz de formar as palavras necessárias para contar a ela o que fiz.

— O que há de errado?

Levo o celular comigo até a penteadeira e me sento. Me sinto enojada ao me olhar no espelho, pensando no que estou prestes a contar e pedir a ela.

— Perdi o dinheiro. Todo.

O silêncio é seguido por uma série de palavrões e um grito:

— O QUÊ?

— Mas se você puder cuidar da Morgan por mais uma semana, vou recuperá-lo. E nunca mais vou te pedir para fazer isso.

— Como você vai recuperar esse dinheiro em uma semana, Macey?

Olho para trás, verificando se realmente estou sozinha. Mesmo que eu não possa vê-lo através do espelho, suas habilidades de perseguição ninja me deixam tonta. Penso em contar a ela sobre Finn, mas percebo que isso só a deixará mais preocupada.

— Não é nada ilegal, juro. Só preciso de mais uma semana. Depois volto pra casa e posso deixar tudo isso para trás.

— Então você vai ficar mais uma semana, mas não pode me dizer por que ou para quê?

— Prefiro não dizer, Steph. Sei que está preocupada, mas juro que estou bem. De verdade. — Olho em volta e percebo que não poderia ter pedido nada melhor a menos que Finn seja um sádico.

— Olha, você sabe que eu faria qualquer coisa por você, mas...

— Eu sei e estou te implorando. Só preciso de mais uma semana. Depois, as coisas vão melhorar para mim e para a Morgan.

— Tudo bem — ela fala, suspirando. — Espere, a Morgan quer falar com você.

— Oi, mamãe. — Assim que ouço sua voz doce, olho no espelho para ver se Finn está ali.

— Oi, estou com saudade.

— Também estou. Quando você volta pra casa?

— Vou demorar mais uma semana — digo, meu próprio coração se despedaçando. O que estou fazendo vai ser benéfico para ela. É isso que tenho que continuar dizendo a mim mesma para me impedir de desistir e voltar mais cedo. Quando ela boceja, sei que vou mantê-la na linha por minha causa e não por ela. — Você deveria ir dormir. Eu te amo, Morgan.

— Também te amo, mamãe. — Ela desliga sem devolver o telefone a Steph. Fecho o flip do celular e o coloco sobre a mesa, dizendo a mim mesma que posso fazer isso por ela.

— Quem é Morgan?

Meus olhos encontram os de Finn pelo espelho. Ele não espera que eu responda antes de caminhar em minha direção. Ele empurra o roupão dos meus ombros e o desce até os cotovelos, descobrindo meus seios. Me sento ereta, mostrando que ele não me afeta, mesmo que meu coração esteja batendo rápido e eu tenha um nó na garganta. Não vou facilitar as coisas. Ele admitiu que está atraído por mim e que está esperando por sexo. Não poderei adiar esse acontecimento por uma ou duas noites enquanto me acostumo com sua presença.

— Está com frio? — Ele pressiona os dedos na minha pele, apertando meus músculos.

Balanço a cabeça, agradecida por ele não me perguntar sobre Morgan novamente. Ele me olha pelo espelho, seus olhos azuis penetrantes focando nos meus. Quando ele segura meus seios e os aperta de forma brusca, ofego devido à excitação que percorre meu corpo.

— Seus mamilos me dizem o contrário. — Ele aperta e puxa os mamilos intumescidos antes de massageá-los. Mordo a língua para não gritar com o prazer de ser tocada assim. Uma dor que não sinto há muito tempo cresce entre minhas pernas, mas me recuso a reconhecer que ele tem algum efeito sobre mim. O tempo que passaremos juntos será contado. Não vou poder sentir qualquer coisa e minhas ações serão robóticas. — Quem é Morgan? — ele pergunta novamente enquanto se inclina para a frente, roçando sua ereção nas minhas costas. — Ele sabe que vou te comer? Vai ficar com ciúmes?

— Não — digo, agradecida por ele estar assumindo que Morgan é um homem. Se eu estava pensando que ao dizer não ele interromperia o que está fazendo e demonstraria qualquer indicação de que nosso acordo está cancelado, estou muito enganada.

— Você é linda — ele fala, se afastando rapidamente. Fico sem palavras e excitada, desejando que ele volte e transe comigo para que a gente resolva logo esse problema.

— Vinte minutos — ele diz de algum lugar da casa, me lembrando de que vamos sair em breve. Uma rápida olhada no telefone me diz que é tarde para ir às compras, embora eu tenha a sensação de que as lojas costumam ficar abertas até tarde para alguém como ele.

Pela primeira vez em muito tempo, uso maquiagem leve e deixo meus cabelos compridos ondulados. Visto a calcinha que ele comprou e minha pele se alegra com a sensação da seda em meu corpo. Chego a pensar que minhas partes femininas estão fazendo uma dança feliz.

— Não se acostume — digo a mim mesma enquanto coloco o vestido e calço os sapatos de grife. Até meus pés estão em festa, porque não estou usando aquelas porcarias com que danço. E como em um passe de mágicas, dedos gentis afastam meu cabelo e lábios macios beijam minha pele enquanto o zíper nas minhas costas é fechado. Os arrepios que sinto são incontroláveis e o leve tremor do meu corpo faz com que ele sorria.

— Azul com certeza é a sua cor, Macey. — Estremeço com o som de sua voz e coloco a mão sobre coração, que bate rapidamente na esperança de recuperar o fôlego.

Inspirando profundamente, eu me viro e digo:

— Obrigada. — Nos últimos dez anos, me perguntei o que ele estava fazendo. Agora sei, e estou prestes a descobrir muito mais sobre Finn

McCormick. Ele estende o braço e eu o seguro, me encaixando facilmente ao seu lado.

Gostaria que as coisas fossem diferentes, que *eu* fosse diferente. Nos meus sonhos, sou casada com um homem como Finn. Podemos não ser ricos, mas nos amamos e estamos construindo uma família feliz.

Nos meus sonhos, não sou stripper, nem me tornei acompanhante de luxo por uma semana. Mas, na realidade, é isso que sou, mesmo que Finn não me faça sentir assim.

Oito

FINN

Vestida como stripper, Macey era gostosa e sensual. Mas assim, usando pouca ou nenhuma maquiagem, o cabelo solto e o vestido elegante, ela está sexy e despertando todos os meus desejos. Acho que a prefiro vestida como stripper, porque essa outra versão está me fazendo ter pensamentos românticos e bobos que nem deveriam passar pela minha cabeça.

Estou com dificuldade em manter meus pensamentos puros, pelo menos por enquanto. Quando voltarmos, não haverá como controlá-los. Olho ao redor do apartamento enquanto caminhamos em direção à porta e conto mentalmente os lugares onde podemos transar. As opções são ilimitadas, mas os pontos obrigatórios são a varanda, o sofá, o escritório, o chuveiro e assim por diante.

Quando olho para o sofá e a imagino montando no meu pau, ofego. Ela ouve e para. Seu olhar reflete medo quando olha para o vestido. Ela passa as mãos na frente da roupa e se inclina para olhar as costas.

— Tem algo de errado?

Sim, você é um pecado que quero cometer repetidamente.

— Não, está tudo bem.

— Você fez um barulho.

E pretendo fazer muito mais esta noite.

— Você é uma mulher bonita, Macey, e a roupa lhe caiu muito bem. Podemos ir? — Aceno em direção à porta, e ela me acompanha. Com o amplo corredor, sou capaz de manter meu espaço pessoal, mas quando estamos dentro do elevador, não há nada que me impeça de inspirar seu perfume. O cheiro da *Stripperville* sumiu e foi substituído por um aroma de verão e coco. É a única maneira de descrever o que sinto agora. Sinto vontade de me deitar ao seu lado na beira da piscina, bebericando coquetéis de frutas e passando protetor solar por todo seu corpo.

— Para onde estamos indo?

— Primeiro, vamos fazer compras. Depois, jantar com meus amigos.

— Seus amigos? — ela pergunta.

— Isso é um problema? —Olho para ela e encontro apreensão. Seus dedos estão entrelaçados, e ela está olhando para o chão.

— Não, quero dizer, se eles me viram fazendo strip, vão descobrir a verdade.

— Duvido que tenham visto.

Saímos do elevador e seguimos pelo hotel até chegarmos no shopping. A maioria das lojas está prestes a fechar, então eu a levo a uma boutique que pode equipá-la com tudo o que precisa. No caminho, pego o celular e aviso à gerente que estou a caminho e o que estamos procurando.

— A maioria das lojas está fechando.

— Parece que sim — digo, pensando que talvez seja interessante incentivá-la a me pesquisar na internet para ver como sou poderoso em Las Vegas. Não sou o tipo de dono de cassino que se esconde em uma mansão. Eu me misturo com todo mundo. Participo de todos os eventos e faço doações quando me pedem. Gradativamente, estou construindo meu nome.

— Sr. McCormick, é muito bom vê-lo. — A gerente da boutique me cumprimenta com beijos nas bochechas. — E quem nós temos aqui?

— Macey Webster — respondo antes que Macey possa tomar a iniciativa. No clube, ela usava o nome de Catalina. É fofo, mas me preocupo que ela deixe o nome artístico escapar.

— Olá, srta. Webster, sou a Carlotta. Vamos começar?

Macey me olha com medo. Dou de ombros e aceno quando as duas se afastam. Outro funcionário se aproxima, me indica onde posso me sentar e me oferece uma bebida.

Carlotta incentiva Macey a me mostrar tudo que experimenta. Posso ver em seus olhos que desfilar não é algo que ela queira fazer, mas Carlotta parece ser do tipo antiquado que acha que o homem precisa aprovar o que a mulher vai vestir. Vi tudo o que ela separou para Macey, de calça jeans e vestidos para o dia-a-dia até vestidos formais e camisolas, e eu realmente gostei mais dessas.

— Gostou das roupas daqui?

Ela se senta, fazendo um intervalo. Pego a garrafa de água que estão oferecendo antes que ela a alcance e a abro.

— São caras.

— Não foi isso que perguntei.

Macey olha para os espelhos que revestem as paredes e revira os olhos de forma sutil.

— Adorei.

— Perfeito.

— O que você escolheu para mim?

Sua pergunta me pega desprevenido.

— O quê?

Macey acena com a mão.

— Foi você que organizou tudo isso, então estou perguntando quais roupas você quer para mim.

Termino minha água e gostaria de ter algo mais forte.

— Não é assim, Macey. Se você gostar de algo, compre. Não sou seu dono e você pode ir embora agora sem me dar satisfação.

— E ainda assim sou só *sua*? — Não deixo de notar o jeito como ela pronuncia a palavra sua enquanto tenta evitar o contato visual comigo.

Me inclino e mordisco o lóbulo da sua orelha antes de sussurrar.

— Sim, você é *minha*. Não vou te dividir, Macey, mas também me recuso a te humilhar. Isso é um acordo entre amigos. Você faz por mim e eu faço por você.

— Então somos amigos? — ela pergunta enquanto respira fundo.

Volto para meu lugar, mas fico perto.

Claro.

— Nós mal nos conhecemos.

— Bem, eu não diria que mal nos conhecemos. — Suas palavras são práticas, me fazendo pensar se ela é a mesma garota com quem dormi na festa. Eu a observo de cima a baixo e é nítido em minha memória que sim, é a mesma pessoa.

— Esta noite, isso vai mudar.

Sua boca se abre e antes que ela possa dar uma resposta espirituosa, Carlotta está de volta e a leva para longe. Enquanto ela está se trocando para a próxima rodada de roupas, envio uma mensagem para os caras informando que vou levar uma acompanhante para jantar. Meu telefone toca com uma mensagem de texto de Brady.

Não quero sair com a minha irmã hoje à noite.

Zombo da ideia de que eu a levaria. Fora da faculdade, Brandy e eu nunca namoramos. Sim, ela é minha acompanhante em uma série de eventos, mas é aí que a noite termina, para seu desgosto.

Não é a Brandy.

Respondo antes de guardar o telefone. O desfile de moda continua, mas desta vez, Carlotta adiciona um pouco de tempero ao guarda-roupa. Quando Macey sai com um conjunto de sutiã e calcinha pretos, combinando com meias e liga, meu pau se move.

Ela está na minha frente com as mãos nos quadris, esperando minha aprovação. Mal sabe que tudo o que ela vestiu me excitou. Faço um sinal para se virar, e ela o faz lentamente. Quando está de costas para mim, ela vira o pescoço para ver se a estou olhando. Com certeza estou.

— Gostei. — É a primeira vez que dou aprovação verbal a qualquer coisa e isso não passa despercebido a ela.

Macey bufa e se vira, caminhando de volta para a cabine. Posso ouvir Carlotta comentando sobre sua beleza e realmente tenho que concordar com ela. A mulher exausta e arrasada que vi no começo da tarde não se parece com a que está desfilando para mim agora. Claro, ela ainda está cansada, mas há um brilho diferente em seus olhos. Não tenho dúvida de que ela vai me testar e me dar trabalho, mas vai valer a pena.

Ela reaparece usando o vestido no qual chegou, com Carlotta logo atrás.

— Terminamos? — pergunto, me levantando para me aproximar de Macey. Ela mantém distância e evita olhar para mim.

— Sim, sr. McCormick. Devo enviar tudo para sua cobertura?

— Sim, por favor.

Coloco a mão nas costas de Macey, no mesmo lugar onde estarei segurando mais tarde quando estiver enterrado nela e a guio para fora da loja e de volta ao corredor do shopping quase vazio.

— Obrigada — ela fala baixinho.

— Por nada. Conseguiu tudo o que precisa?

— Acho que sim.

— Caso precise de mais alguma coisa, pode pegar amanhã.

Saímos do shopping e atravessamos a rua, caminhando até chegarmos ao Cosmopolitan. O porteiro me chama pelo nome e ouço Macey murmurar algo, mas não entendo o que é.

— Sr. McCormick — o recepcionista me cumprimenta quando entro. A fila para o *Estiatorio Milos* é longa e ouço as pessoas resmungarem quando passamos.

— Vou encontrar alguns amigos — digo a ele enquanto guio Macey para dentro do restaurante, rapidamente identificando os caras. Aponto na direção deles para que ela saiba para onde estamos indo. Todos se levantam para nos cumprimentar, o que nunca fariam se eu estivesse sozinho.

— Seth, Cory e Brady, esta é a Macey, uma velha amiga da minha cidade.

Macey leva um tempo cumprimentá-los, mas é Brady que se demora mais. Quando seus olhos encontram os meus e ele sorri, sei o que está se passando

por sua cabeça. Ele a acha atraente. O que ele não sabe é que ela está completamente fora dos limites.

Quando ele se afasta para que ela se sente ao seu lado, fecho as mãos com firmeza e cerro os dentes. Ele está perto demais, e eu não gosto disso. Também não gosto da maneira como eles se olham.

Assim que me acomodo, puxo o tecido do seu vestido até deixar sua coxa exposta. Isso não tira sua atenção do que Brady está dizendo, o que me irrita um pouco. Ela deveria estar se concentrando em mim, não nele. Posso parecer um idiota mesquinho, mas pelo valor que estou pagando, ela deveria estar colada em mim.

Coloco a palma da mão em sua perna e deixo o dedo mindinho perto da sua boceta. Ela fecha as pernas, me fazendo rir. Quando me olha, suas bochechas estão pegando fogo e ela me encara. Não sei o motivo, mas não me importo.

Me inclinando para perto, eu sussurro:

— Será mais fácil te tocar se você estiver sentada ao meu lado... a menos que você queira que meus amigos saibam o que estou fazendo. Nunca se sabe, eles podem querer brincar também.

Ela ofega e se aproxima. É um golpe baixo, mas necessário. E até dizer isso, nunca tive a intenção de tocá-la de forma inadequada em público, mas talvez devesse. Talvez isso a deixe excitada e faça com que ela se abra um pouco. Não posso imaginar que essa situação seja ideal e se ela não tivesse perdido todo aquele dinheiro, não estaria aqui.

A garçonete aparece com os cardápios e anota os pedidos de bebidas.

— O que você quer beber?

Macey se aproxima.

— Não sei. Esse lugar é muito chique, e eu costumo tomar cerveja.

Consigo visualizar Macey de jeans e camiseta, bebendo uma cerveja e gosto da imagem.

— Posso pedir para você?

Ela assente, me dando sinal verde para dizer à garçonete que vamos tomar uma garrafa de cabernet. Pensei em beber uísque, mas quando o jantar terminar, Macey e eu vamos voltar para a cobertura, enquanto os caras vão sair. Eu tinha toda a intenção de sair com ela hoje à noite, mas não estou gostando da maneira com que Brady está se comportando.

— Hum...

— O que há de errado?

Ela fecha o cardápio e coloca as mãos no colo.

— Não gosto de frutos do mar.

Eu deveria ter perguntado isso antes de concordar em me encontrar com os caras para o jantar. Eu a puxo para perto e coloco os lábios em seu pescoço, aninhando-a por mais tempo do que deveria.

— Eles têm um filé delicioso.

Ela assente e quando a garçonete volta, Macey me deixa pedir para ela novamente. Gosto disso. Pelo menos agora. Tenho certeza de que ela mudará o ritmo em alguns dias, quando estiver confortável e falando sem medo novamente.

Coloco o braço ao seu redor e puxo sua perna até que ela esteja mais perto de mim. Gosto da sensação de tê-la aninhada no meu corpo. Como ela não se mexe, eu o faço por ela, colocando sua mão direita no meu pau. Desde que deixamos minha casa, ele está constantemente em alerta e pronto para entrar em ação. Essa proximidade só torna as coisas... *mais duras*.

Estremeço quando ela me aperta. Minha reação a faz rir. Felizmente, ela se afasta, mas ainda conseguirá acariciá-lo sempre que tiver vontade.

— Você e eu vamos nos divertir hoje à noite — digo, piscando para ela.

— Foi o que me disseram.

Nosso vinho é servido e enquanto tomo a bebida, Brady faz uma pergunta na qual eu não havia pensado.

— Em que você trabalha, Macey?

Cuspo o vinho, que cai sobre a mesa e respinga na camisa de Seth. Felizmente, não é branca. Quando tínhamos idade suficiente para sair para dançar, ele usava branco para se destacar nas luzes. Era a coisa mais idiota que já vi e nunca mais o deixei fazer isso.

— Me desculpe, cara.

— Você é um idiota.

— Ignore-os, Macey. Eles são infantis — Brady fala, me irritando.

— Sou dançarina — ela diz como se não fosse grande coisa. Espero que os caras somem dois e dois, mas isso não acontece. Se ela tivesse aparecido naquele vestido curto com os seios à mostra, eles estariam agora mesmo pedindo uma dança.

— Clássica ou moderna?

— Cara, o que é isso? — questiono Brady, que dá de ombros. — Virou fofoqueiro agora?

— O quê? Só estou tentando descobrir qual tipo de dança.

— Certo — digo, terminando a taça de vinho. — Ela também é ginasta. Isso deve responder à sua pergunta sobre flexibilidade.

Ele levanta as mãos como se estivesse pedindo uma trégua e se ajeita na cadeira. Imagino que Macey e eu deveríamos ter combinado alguns detalhes antes de sairmos, mas sinceramente, não esperava que meus amigos prestassem muita atenção nela.

Eu estava bem errado.

Nove

MACEY

O jantar foi interessante, para dizer o mínimo. Cheguei à conclusão de que quase prefiro ser pobre, comer sobras de pizza e pular refeições a pagar caro por uma carne só por causa do nome sofisticado do restaurante. E eu odeio peixe. Não suporto nem o cheiro, e é só o que sinto nesse lugar, ainda que não seja tão ruim quanto estar em um píer quando os pescadores voltam do mar. Dizer que fiquei chocada quando Finn pediu filé para ele também é um eufemismo. Não queria estragar seus planos com a minha falta de sofisticação culinária.

A conversa com seus amigos girava em torno de quais clubes eles iriam mais tarde e de negócios. Pelo que pude constatar, Brady, aquele que achou apropriado me comer com os olhos assim que me sentei, trabalha no setor imobiliário, comprando terrenos e edifícios em ruínas para desenvolvimento futuro.

Seth é fisiculturista e recebe dinheiro dos seus patrocinadores para usar suas roupas, consumir seus produtos e ir a eventos para mostrar o físico. Seu estilo de corpo não faz meu tipo, mas cada um tem a sua opinião. É o tipo de homem que eu evito sempre que entram em algum clube. Seus músculos me assustam.

Cory é herdeiro de um fundo fiduciário e trabalha na empresa de consultoria do pai. De acordo com Finn, ele trabalha quando quer e não contribui muito com a companhia, a não ser pela parte social.

E Finn, bem, descobri que ele não é apenas dono do Allure, mas também do Fick’s e que comprou outro hotel recentemente. Estou cercada por homens cheios de dinheiro. Essa é a única coisa que pode facilitar minha vida e esses idiotas o desperdiçam, pedindo vinho e garrafas caras de uísque. Por falar nisso, preciso parabenizar Finn pelo vinho, porque essa é, de longe, a melhor coisa que já provei.

Depois do jantar, Finn se despede dos amigos, dizendo que vai falar com eles mais tarde e pega minha mão para sairmos. Luto para acompanhar seus passos largos e me vejo segurando seu braço com as duas mãos.

— Para onde estamos indo?

Ele diminui a velocidade, talvez percebendo que não estou conseguindo acompanhá-lo.

— Para casa — Finn responde como se eu devesse saber. — Tudo bem?

Concordo, sem entender por que ele está preocupado com o que estou sentindo. Segundo ele, sou sua propriedade por uma semana e, para mim, isso significa que não tenho opinião sobre coisa alguma, embora ele tenha sido muito gentil.

— Vamos lá, quero te mostrar uma coisa.

Continuamos a caminhar para fora do hotel, mas agora seu ritmo é calmo e consigo acompanhá-lo com facilidade. Posso estar segurando sua mão, mas isso não impede que outras mulheres o observem ou mesmo chamem seu nome. O que me surpreende é que ele acena para elas e continua andando, sem parar para conversar, mesmo que esse seja o desejo delas. Sei que, lá no fundo, Finn é um cara decente e se eu tivesse uma outra vida, ele seria alguém por quem eu me apaixonaria. Mas como isso não é possível, vou lhe dar o que ele quer, pegar meu dinheiro e voltar para casa.

Sinto o ar noturno quente e pesado. Finn caminha em uma direção diferente da que viemos, nos guiando pela Strip e entre os turistas que estão sempre com pressa de chegar a algum lugar.

Em todas as esquinas, pessoas – homens e mulheres – distribuem panfletos fazendo propaganda do que chamam de dançarinas exóticas. Quando recebo um, não posso deixar de dar uma olhada. Meu estômago revira quando vejo a foto da mulher. Ela se parece comigo, embora eu saiba que não sou eu. Mas não é isso que me incomoda. Há crianças andando pela Strip, e essas pessoas, as que distribuem os panfletos, não se importam. A mulher está nua, com as pernas cruzadas e em um ângulo que esconde suas partes íntimas enquanto as mãos mal cobrem os seios.

Olho para todas as crianças acompanhadas dos pais e penso em Morgan. Eu disse a Steph que poderia morar aqui, mas acho que não posso. Não posso continuar fazendo strip para sustentar minha filha. Mais cedo ou mais tarde, ela vai descobrir. Por enquanto, ela acha que estou trabalhando em um bar. É a única maneira de explicar meus turnos nas madrugadas.

Finn puxa minha mão e atravessamos a rua. Não estou prestando atenção, pois estou focada no folheto e me certificando de não tropeçar. O chão está cheio de propagandas que vendem sexo.

Sinto o concreto frio encostando em minha barriga e a pressão me faz olhar em volta. Finn está atrás de mim, com as mãos apoiadas no parapeito largo, me prendendo contra ele. Há uma enorme quantidade de água na minha frente, sendo ofuscada pelo hotel Bellagio. Me disseram que eu precisava visitá-lo, porque a parte de dentro é magnifica, mas até agora, eu

não tinha roupas adequadas para entrar em um hotel como esse. Talvez Finn pudesse me levar até lá.

— Já viu as fontes? — Suas palavras são suaves, provocando um arrepio na minha coluna. Eu esperava que ele fosse rude e que me tratasse como uma prostituta, mas até agora, me tratou com respeito e dignidade, como quando pediu minha permissão para escolher a comida por mim. Nunca tive alguém que fizesse isso, nem que se importasse com o que gosto de comer.

— Não — digo enquanto a música aumenta e as fontes começam a se trabalhar. Fico ali, hipnotizada pela exibição. Me balanço ao som da música, tentando acompanhar a direção da água. Finn ri e se aproxima. Seu perfume me excita e me pressiono contra seu corpo. Ele não mudou muito desde o ensino médio, mas sua aparência é mais distinta. Ele já era bonito, mas agora é lindo. Alguns até o definiriam como charmoso e elegante. Tudo o que sei é que seus olhos azuis, seu sorriso arrogante e a maneira como ele se comporta podem me causar problemas se eu não tomar cuidado. *Uma semana*, é o que digo a mim mesma quando sinto sua mão no meu quadril. Sexta-feira vou pegar meu voo e me esquecer de Vegas.

Quando a dança das fontes termina, Finn segura minha mão mais uma vez e nos guia pela da multidão. As pessoas se acotovelam, chamam pelos amigos e algumas até caem, provavelmente por estarem bêbadas. A maioria das mulheres está vestida como eu, mas a diferença está nos sapatos e na maquiagem. Quando se é stripper, você aprende a fazer cabelo e maquiagem como os profissionais. Precisamos estar impecáveis para não perdermos nada enquanto estamos dançando. Os sapatos são como armadilhas mortais nas quais podemos trabalhar entre oito a doze horas, se necessário. No fim, pagamos um preço, mas as gorjetas nos fazem esquecer rapidamente da dor.

— Eu devia estar horrível quando você me viu do lado de fora do seu hotel.

Finn não diz nada, apenas abre a porta de um café. Ele me mostra uma mesinha nos fundos e sorri para a garçonete quando ela entrega um cardápio.

— Já tomou *gelato*?

Nego e me inclino em sua direção para ver o que eles servem.

— É como sorvete, mas mais suave e cremoso. Qual é o seu sabor favorito?

— Sempre gostei de menta.

— Humm, eu também. Vamos experimentar alguns sabores diferentes.

Antes que eu possa protestar, Finn se levanta e vai em direção ao balcão. Tento me ocupar olhando o ambiente, pois observar as pessoas pode ser divertido. Quando alguns dos homens me olham, fico paralisada pensando que talvez eles tenham me reconhecido. Sei que é bobagem, que nem todos os homens vão a clubes de strip, mas quando estão em Las Vegas...

Finn está de volta à nossa mesa com uma bandeja com diversos *gelatos*. Ele os coloca sobre a mesa com um sorriso.

— Prove — ele diz enquanto me entrega uma colher. Hesito por um momento, esperando que ele comece. O primeiro sabor que ele prova é hortelã, e eu observo com muita atenção enquanto ele coloca a colher na boca e a vira no último minuto para que o doce atinja sua língua em vez do céu da boca. Finn fecha os olhos enquanto puxa lentamente a colher e umedece os lábios com a ponta da língua.

Junto as pernas, observando-o comer. Quem poderia imaginar que algo tão simples seria tão erótico?

— Sua vez.

Sigo seu exemplo, pegando o mesmo sabor e fazendo exatamente como ele fez. Solto um gemido quando o sabor rico e cremoso atinge minha língua. O *gelato* derrete na boca e não é tão frio e duro quanto sorvete.

— Gostou?

— Sim — respondo, pegando outra sabor. Experimento o de chocolate, seguido pelo de cookie e tenho a mesma reação. Finn ri e pega mais. Depois de algumas colheradas, ele começa a misturar os sabores. Cada mistura é uma experiencia nova e não consigo enjoar.

Quando os copos estão vazios, me recosto na cadeira e apoio a mão na barriga.

— Acho que comi demais.

— Tenho um remédio para isso.

— Ah, é? Qual? — pergunto.

— Sexo — ele responde, piscando. Meu bom humor vacila quando penso em ir para a cama com ele. Não que eu não o ache atraente, porque acho. Finn é sexy e estar ao seu lado despertou minha libido. O que me incomoda é o fato de que estou prestes a transar com ele por dinheiro. Isso é algo que não consigo superar. Eu disse a mim mesma que nunca faria isso.

Só que estou desesperada e preciso do dinheiro. Ele sabe e está usando isso a seu favor. Não importa que tenha me comprado roupas... na minha

área de trabalho, isso não serve para nada a menos que eu pense no meu futuro e no de Morgan e use o dinheiro para crescer.

— É mesmo? Vamos voltar para sua casa e transar? — Não me importo se as pessoas ao nosso redor podem me ouvir. Além de estarmos em Vegas, pessoas solteiras fazem isso, embora eu não tenha certeza de que Finn saiba que sou solteira. Não o corrigi quando ele perguntou se Morgan ficaria com ciúmes.

Quando ele abre a boca, espero que saia algo inteligente, mas não é o que acontece. Em vez de dizer alguma coisa, ele se levanta, segura a minha mão e nos leva para fora do café. A quantidade de pessoas na rua aumentou e é mais difícil passar por elas, mas Finn não desiste. O ar fresco do cassino é um alívio bem-vindo em relação ao calor do lado de fora e quando estamos no elevador, meu coração bate forte. Quando o C da cobertura acende, meu nervosismo aumenta.

— Não precisamos fazer nada. Você pode ir embora — ele fala, segurando a porta para mim.

Ele está me dando a opção de ir embora, mas isso significa que vou para casa sem nada. Significa que estarei de volta à estaca zero, morando na periferia com minha mãe alcoólatra e que minha filha vai continuar passando fome enquanto eu tento ganhar dinheiro para cuidar dela.

Respirando lentamente, meus dedos tocam os botões da sua camisa, abrindo um por vez. Suas mãos fortes puxam meu corpo em direção ao seu e descem até meu traseiro. Ele me pega sem esforço e me leva até a porta, mas quase derruba o cartão-chave.

Eu me inclino para beijá-lo, e ele fica paralisado.

— Eu não beijo — ele fala.

— Você já me beijou — respondo, abaixando as pernas, o que faz com que ele me solte.

— Na boca, Macey. Pode apostar que vou te beijar em qualquer outro lugar — ele fala, se colocando entre minhas pernas. — Mas a boca está fora dos limites.

O filho da mãe deve pensar que tenho herpes ou algo assim.

— Por mim, tudo bem.

— Tire a roupa — ele grunhe, passando por mim. O homem gentil que estava comigo lá fora não é o mesmo que está nesta sala. Reviro os olhos e o sigo para o quarto. O céu noturno está iluminado pelas luzes de Vegas, lançando um brilho elétrico por todo o quarto.

— Vai fechar as cortinas?

— Não. — Ele segue em minha direção e eu fico em pé. Ele passa os braços por cima dos meus ombros e alcança o zíper do vestido. O movimento lento e metódico provoca meus sentidos já sensíveis. Finn puxa minha roupa para baixo, deixando-a no chão.

Meu peito se agita quando ele fica parado me olhando... esperando. Dou um passo cauteloso para frente e termino de desabotoar sua camisa, puxando-a para fora da calça. Seus ombros são largos e bronzeados e seu peito flexiona quando ele tira a peça de roupa.

Engulo em seco e solto meu sutiã, deixando os seios livres. Ele me olha com atenção e foca no meu peito.

— Última chance de desistir, Macey.

Balanço a cabeça devagar e seguro o botão do seu jeans. Ele se abre com facilidade, expondo os pelos que levam à sua excitação.

— Pronto para ação?

Ele dá de ombros.

— Te quero desde que te vi hoje à tarde no clube.

Lábios famintos alcançam meu pescoço e ombro, seguindo em direção aos meus seios enquanto ele me puxa para si e eu tiro sua calça jeans. Ele se remexe, joga a calça longe e me deita em sua cama. A seda do edredom esfria minha pele superaquecida.

— Seus seios são magníficos — ele fala enquanto alterna entre morder e sugar meus mamilos. Finn se move de um para o outro, massageando-os com as mãos e com a língua. Abro as pernas, implorando para que ele se acomode entre elas e quando ele o faz, me esfrego em seu corpo. O atrito dos nossos quadris faz a calcinha pressionar meu clitóris.

— Merda — ofego, movendo os quadris na direção dos dele. Finn deve saber o que quero, porque seu dedo roça meu clitóris antes de deslizar para dentro de mim. Grito, precisando de mais.

Ele se ajoelha e seus olhos percorrem meu corpo. Seguro os seios, acariciando os mamilos enquanto ele me observa. Ele sorri e acaricia o pau algumas vezes antes de se inclinar na direção da mesa de cabeceira.

— Primeiro eu vou te comer e depois vou adorar seu corpo.

Para alguém que estava tão reticente com relação ao sexo, não tenho problemas para tirar a calcinha e jogá-la por cima do ombro. Ele coloca o preservativo e encaixa seu pau na minha entrada.

— Última chance de desistir, porque assim que começarmos, você será minha pelo resto da semana.

— Me come logo.

— Com prazer.

Dez

FINN

Protejo os olhos do sol que entra no quarto. Deixei as persianas abertas ontem à noite, sem me importar se alguém perderia tempo para agir como um *voyer,* olhando para os quartos com equipamento especial. Na melhor das hipóteses, veriam sombras, mas não nossos rostos por causa do vidro refletivo e, honestamente, é um pouco excitante saber que alguém poderia estar olhando. Se isso aconteceu, com certeza presenciaram um show, tanto ontem à noite quanto no início desta manhã.

Aperto o interruptor perto da cama. As cortinas começam a abaixar e a escurecer o quarto. Dou uma rápida olhada no relógio. É fácil presumir que já passou do meio dia e que dormimos o dia todo. Precisávamos disso. Macey consegue transar como uma profissional e esse pensamento, por si só, revira meu estômago. O que estou fazendo é arriscado e embora ela diga que não é prostituta, nossa maratona me deixou em dúvida. Em retrospectiva, a proposta era idiota. E ainda é. Não tenho que pagar por sexo ou para que alguém seja minha acompanhante em qualquer um dos eventos que tenho que ir, mas vê-la em meu cassino provocou algo em mim que não consigo explicar. Não sei se é porque a conheci no passado ou porque ficamos juntos em uma festa, mas seu olhar de derrota e desespero enquanto observava as fichas indo para a mesa me levou a agir. Meu pau poderia estar apodrecendo agora... só que ela tem a boceta mais deliciosa que já provei e a maneira como reagiu aos toques mais simples me levou a acreditar que ela não dorme com qualquer um.

Também posso dizer que se eu decidir namorar alguém, é melhor que seja uma bailarina, ginasta ou contorcionista, porque ser flexível dá um novo significado à penetração profunda.

Me viro de lado e a observo enquanto ela dorme de bruços, só com um lençol cobrindo o bumbum. Em algum momento, tentamos dormir, mas meu pau não queria dar uma trégua. Era de se imaginar que não o trato de forma adequada ou que não lhe dou atenção suficiente. Mas o filho da puta agia como um morto de fome e continuava ganhando vida sempre que Macey suspirava, falava ou acidentalmente roçava em mim. E quando digo acidentalmente, estou falando sério, porque com uma cama king size, ficamos o mais longe possível um do outro.

Puxo o lençol lentamente, revelando sua bunda perfeita. Fico agitado ao ver as marcas vermelhas que deixei em sua pele. Fico duro novamente ao me lembrar de quando agarrei suas nádegas conforme ela se movia de encontro a mim. Me aproximo e paro para ver se ela vai se mexer. Como ela não se move, tenho a oportunidade de acordá-la da maneira certa.

Afasto seus cabelos para expor suas costas. É linda e sem marcas, coisa que não posso dizer a respeito das minhas. Ela mordeu meu ombro e enfiou a unha na minha pele tantas vezes que sinto como se tivesse brigado com um gato... ou uma gata gostosa.

Eu a beijo, mordiscando sua pele enquanto sigo em direção ao seu traseiro. Ela se remexe, se contorce e geme. O som profundo faz meu pau se avolumar ainda mais. Esfrego a cabeça, deixando-o animado com o que está por vir.

Monto nela, acaricio seu traseiro e abro as nádegas enquanto observo o que me espera. Cuspo na mão e acaricio meu pau para lubrificar um pouco. Depois o coloco entre suas nádegas. A menor das investidas faz com que o liquido pré-ejaculatório escape e fico tenso com a visão.

Macey levanta um pouco os quadris e o movimento me faz grunhir. Não me importo com o fato de ela fingir não estar confortável com nosso acordo, pois sei que ela gosta de ser comida.

— Não se mexa — falo e me inclino para pegar um preservativo. Coloco-o rapidamente e retomo minha posição. Coloco as mãos entre suas pernas, fazendo-a gemer quando alcanço meu objetivo. — Você já está molhada.

Lambo a umidade em meus dedos assim que me afasto, deixando seu gosto e seu cheiro invadirem meus sentidos. Bato o pau na sua bunda, empurrando de leve na sua entrada. Espero que ela me diga que não, mas não é o que acontece. Ela se contrai, me deixando saber que se vou penetrá-la ali, preciso garantir que esteja bem lubrificada. Vou pensar nisso mais tarde, porque agora, sua boceta e meu pau têm um encontro. E quem sou eu para deixar os dois esperando?

Este ângulo é difícil e insano. Reviro os olhos quando entro. O modo como Macey aperta meu pau é selvagem. Ela ofega e reage a cada movimento que faço com um gemido. Isso me leva ao limite.

Meus quadris se movem como se tivessem vontade própria, sem querer esperar que eu decida o ritmo. Macey aperta os lençóis e arqueia as costas, acolhendo cada uma das minhas investidas. Caio contra ela, mas mantenho o ritmo. Ela inclina a cabeça e deixa o pescoço livre para mim. Meu animal

interior quer marcá-la, mas o lado racional sabe que ela ficará constrangida, e essa é a última coisa que quero fazer. Então eu nos viro, e suas pernas se abrem, me permitindo acariciá-la enquanto ela monta em mim.

— Ahhhhhhhh... — ela grita. Depois da noite passada, sei o que isso quer dizer. Ela está quase lá. Movo a mão até seu clitóris e a acaricio até que seus gritos fiquem mais altos e seus músculos internos comecem a apertar meu pau. Ele se contrai com o movimento, me fazendo acelerar para poder gozar.

— Puta merdaaaa — resmungo, estocando o mais rápido que posso até que só reste um tremor secundário.

Macey sai de cima de mim e vai para o banheiro. Fico deitado com os braços abertos, o peito ofegante e o preservativo cheio de esperma apoiado na minha perna. Assim que a porta se abre, me levanto e a encontro no meio do caminho. Ela para, mas não me olha.

— Eu te machuquei? — pergunto, segurando sua bochecha. Sinto um desejo avassalador de beijar sua boca, mas isso complicaria as coisas e não quero que ela tenha ideias erradas sobre nosso acordo.

— Não.

— Eu te assustei? — Passo a mão livre sobre o seu traseiro, pressionando seu cóccix com a ponta do dedo.

Ela balança a cabeça.

— Nunca fiz isso antes.

— Humm... talvez devêssemos tentar — digo, me inclinando e sussurrando as palavras em seu ouvido. Então eu a beijo no pescoço e meus lábios se demoram além do necessário. — Vamos tomar banho. — Não dou a ela a opção de recusar ou me dizer que tem outros planos. Precisamos encontrar o motorista particular em poucas horas e ainda precisamos comer. O serviço de quarto que pedimos ontem à noite não ajudou a acalmar meu estômago.

Jogo a camisinha no lixo enquanto ela entra no boxe e liga os dois chuveiros. Se ela acha que não vou tocá-la enquanto ela está com sabonete cobrindo seus seios perfeitos está muito enganada. Pego um preservativo da gaveta e o carrego para o chuveiro. Estarei preparado, não importa o que aconteça.

Ela entra embaixo do jato quente de água e fecha os olhos. Então movimenta o pescoço de um lado para o outro. Me aproveitando dessa oportunidade, coloco sabonete nas mãos e começo a massagear seus ombros e pescoço. Ela fica tensa no começo, mas relaxa quase que imediatamente.

Adoro o fato de ela ser mais baixa que eu, pois consigo esfregar seus peitos e o traseiro impressionante. Acaricio os mamilos ganhando um suspiro audível sobre o barulho da água que cai a cada toque.

Macey se vira e me empurra até que minhas costas estejam pressionadas contra os azulejos frios. Observo enquanto seus olhos viajam sobre o meu corpo, mas perco os sentidos quando sua mão agarra meu pau. Agora ele já não está mais semiereto. Está duro como uma pedra. Ela umedece os lábios e fica de joelhos. Estendo a mão, apoiando-a na parede enquanto a outra segura seus cabelos.

Ela me acaricia lentamente, aumentando a expectativa do que está prestes a fazer. Seus olhos não deixam os meus quando a língua começa a percorrer a base do meu pau, indo até a ponta. Macey fecha os olhos quando abocanha a cabeça, gemendo enquanto me toma profundamente.

— Puta merda — digo, segurando seu cabelo. Nunca senti essa intensidade antes e isso faz minhas bolas se apertarem.

Os dedos de Macey apertam meus quadris, usando meu corpo como apoio para se mover para frente e para trás. Tiro a mão do seu cabelo. Estou muito acostumado a orientar minhas parceiras a como me dar prazer, mas neste caso não é necessário. Tudo o que ela faz me deixa louco e cada vez mais à beira do clímax. Sinto como se estivesse em um penhasco e a queda livre parece ser absolutamente incrível.

— Vou gozar — digo a ela, que se afasta e segura meu pau, mantendo os olhos focados em mim. Cada carícia me aproxima do êxtase, até que eu grito e flexiono os quadris em sua direção. O sêmen quente cai em seu ombro e no peito, incitando algo selvagem dentro de mim. Pego o preservativo que trouxe e rasgo o pacote. Ela fica de pé, observando meus movimentos e depois que nos protejo, ela se inclina, me mostrando sua bunda.

***

— Teremos algo para comer? — ela pergunta enquanto nos vestimos. Depois do banho, voltamos para a cama. A intenção era tirar um cochilo, mas mesmo as melhores intenções são deixadas de lado quando se tem uma deusa na cama.

— Sim, refeição completa — digo, puxando o zíper do seu vestido. Se tive alguma dúvida de que Macey era a mulher perfeita para estar ao meu lado essa semana, elas não existem mais. Ela está radiante em seu vestido vermelho sangue. O ombro de fora é o motivo pelo qual não deixei marcas no seu pescoço, embora não possa dizer o mesmo sobre sua bochecha. A

marca está suave, então esfrego distraidamente o local, deixando-a saber que sinto muito.

— Como estou? — Ela se vira para mim. Seu cabelo está enrolado e preso na lateral e o batom combina com o vestido. Aqueles lábios... só de pensar no que fizeram comigo mais cedo, meu pau se levanta.

— Linda — digo com sinceridade. — Vou ter problemas para te manter só para mim.

Seu rosto empalidece, e a olho intrigado.

— Qual o problema?

— Você vai... — Ela fecha os olhos, criando coragem para fala. — Me compartilhar?

— Porra, claro não — estouro. — Você é minha, Macey. Ninguém vai te tocar esta semana. — Infelizmente, não posso dizer a ela o que fazer a partir daí e sinto que Brady vai atrás dela. Talvez ela use parte do dinheiro para sair do hotel de onde a tirei ou volte para sua casa. Sinceramente, não estou preparado para responder perguntas a seu respeito ou sobre o que ela faz da vida.

— Tudo bem — ela fala baixinho, assentindo com minha declaração.

— Vamos. O carro está nos esperando.

Ela me segue para fora da cobertura e entra no elevador. A descida é tranquila, não que eu esperasse que começássemos a conversar agora. Verdade seja dita, não falamos muito desde que ela aceitou minha proposta, a não ser que você conte as palavras que saem dos nossos lábios enquanto estamos transando. Com certeza, foi o que mais fizemos.

Coloco a mão nas suas costas e a conduzo para fora do hotel. Caminho um pouco atrás dela. É a coisa mais gentil a se fazer e me permite colocá-la em uma posição de poder. Quem nos vê, assume que somos um casal e durante essa semana, estou bem com isso.

O caminho até o baile de gala é muito curto, mas necessário. Ser um jogador poderoso em Las Vegas significa que sempre tenho que jogar. Quando chegamos ao Bellagio, sua boca se abre.

— Já esteve aqui antes?

— Não, mas ouvi dizer que é incrível.

— Extraordinário — digo enquanto ofereço o braço, ajudando-a a sair do carro. Entramos de braços dados e seguimos pelo saguão até o grande salão de baile.

— Puta merda! Quem imaginaria que uma garota como eu estaria em um lugar como este?

Me aproximo e digo baixinho:

— Por favor, não se deprecie, especialmente na frente dessas pessoas. Elas são como abutres, e eu não posso te proteger do julgamento delas. Hoje à noite, as mulheres sentirão inveja de você. Deixe que se sintam assim. Seja a dona do salão — digo, dando um beijo em seu pescoço. Ela suspira e se inclina em minha direção, assentindo antes que eu me afaste.

Um garçom nos leva à nossa mesa, no meio da primeira fila. Antes que eu possa puxar sua cadeira, alguém chama meu nome. A voz é familiar e de alguém que eu não esperava ver esta noite. Me viro a tempo de ver Brandy se aproximando, fuzilando Macey com o olhar. Pego sua mão e a aperto, implorando silenciosamente para que ela me proteja do que está prestes a acontecer.

— Finn — Brandy fala, feliz demais para o meu gosto.

— Boa noite, Brandy.

— Quem é a sua amiga?

Olho para Macey e abro um enorme sorriso.

— Macey Webster, me permita apresentá-la a Brandy, a irmã do Brady.

Macey demonstra gentileza ao estender a mão, mas perebo que Brandy mal retribui o gesto.

— Encantada — Brandy fala, me deixando irritado.

— Como você veio? — pergunto, sabendo muito bem que ela não está na lista de convidados.

— Com o Brady. Ele disse que queria ver alguém que estaria aqui. — Brandy olha para trás, em direção ao seu irmão. Percebo que o olhar dele está fixo em Macey. Esse filho da mãe deveria ser meu melhor amigo, mas está de olho na minha acompanhante.

— Incesto é ilegal em Nevada — eu a lembro, zombando do fato de que ela é acompanhante do irmão. Todo mundo sabe o que acontece entre um casal quando se vai a esse tipo de evento acompanhado. Sua boca se abre, mas não dou tempo para ela refutar minha declaração. — Vamos, Macey? — pergunto, apontando para nossos lugares. O jantar está prestes a ser servido e estou morrendo de fome.

Macey fica em silêncio durante o jantar. Acho que é por causa de Brandy, mas secretamente espero que seja porque a comida está tão boa que ela não quer perder tempo falando. Eu deveria tê-la avisado sobre Brandy, mas não

achei que a encontraríamos aqui. Foi péssimo Brady tê-la trazido como sua acompanhante, especialmente sabendo que Macey estaria comigo.

— Ela está apaixonada por você — ela fala, interrompendo meus pensamentos.

— Acho que já esteve, mas isso já tem muito tempo. — Tomo um gole do vinho e passo o guardanapo na boca.

— Vocês já namoraram?

— Na faculdade, mas eu a levei como minha acompanhante em muitos eventos. A família dela é bem conhecida na região e tê-la comigo é bom para os negócios.

Macey se vira na direção de onde Brandy e Brady estão sentados. As pessoas ao redor deles estão rindo, desfrutando da companhia dela. Provavelmente, eu também deveria gostar, mas ela é carente e não suporto isso em uma pessoa.

— Por que não pagar *a ela* para estar ao seu dispor? — ela pergunta, me encarando.

Demoro um minuto para reconhecer a inveja, mas a vejo. Mesmo sabendo pouco sobre Macey, sei que sua vida foi difícil... ainda é. Brandy sempre teve tudo servido em uma bandeja de prata e ela ainda quer mais. Me lembro de ter levado Macey para casa naquela noite após a festa e ter pensado que meus pais me matariam se soubessem que eu tinha ido para a periferia, mas não a deixaria ir para casa de ônibus.

— Porque eu gosto mais da sua boceta — digo, ganhando um suspiro em resposta. Me levanto da mesa e chamo um dos meus potenciais investidores, deixando-a ali para refletir sobre o meu comentário antes de retornar com um dos desenvolvedores com quem espero trabalhar. Quando os apresento, Macey muda para o modo profissional. Ela começa a perguntar sobre seu trabalho, seu dia e ri de das piadas estúpidas. Não pedi a ela que agisse assim, mas não posso reclamar. Macey está me vendendo para esse cara e tudo o que posso ver são cifrões.

Quando a banda começa a tocar, ele a convida para dançar. Ela me olha em busca de aprovação, e eu assinto, lembrando-o de se comportar com ela.

Assim que me sento para olhar, Brandy ocupa a cadeira de Macey.

— Quem é ela?

— Uma velha amiga.

— Tenho que dizer que quando falei com a Hannah sobre esta noite, fiquei muito magoada ao descobrir que você ia trazer outra pessoa.

Faço um sinal para o garçom e peço que ele me traga rum e Coca-Cola. O vinho é bom para o jantar, mas agora preciso de algo mais forte.

— Brandy, infelizmente não posso fazer nada sobre seus sentimentos.

Ela zomba, como se o golpe não significasse nada.

— Você e eu sabemos que somos mais fortes juntos.

Brandy está certa, mas isso não significa que esteja disposto a me amarrar. Gosto de mulheres e sei que não seria fiel a ela.

— Bem, essa semana meu tempo será dedicado a Macey. — Deixo a mesa assim que vejo Brady se aproximar dela na pista de dança. Não me importo com o que ele está fazendo ou se é meu melhor amigo. Só sei que ela está fora dos limites para ele.

— Dance comigo — digo, puxando-a para meus braços e afastando-a dele. Ela se aconchega a mim, apertando a lapela do smoking com a ponta dos dedos. — Você me surpreendeu.

— É o que faço quando os homens entram no clube. Eu me torno amiga, terapeuta e alguém que as esposas não são.

Eu a puxo para mais perto e acaricio seu pescoço, sem querer pensar sobre essa afirmação. Posso ter dado roupas caras a ela, mas no fundo, ainda é uma stripper.

Onze

MACEY

Foi assim que sonhei com a noite de minha formatura: um lindo vestido e dançar com um homem que fazia meu interior formigar e que deixava meus joelhos fracos. Mas na noite do baile, eu estava em casa, coberta de vômito de bebê, usando camiseta e calça de moletom. Mesmo que eu tivesse voltado para a escola, nenhum garoto da minha classe teria me levado ao baile sabendo que eu tinha uma filha. E mesmo que alguém me levasse, teria feito isso porque estavam apostando que eu era fácil.

Não quero gostar de Finn. Na verdade, quero odiá-lo. Quero gritar com ele e reclamar enquanto dou um soco em seu peito. Ele é melhor que qualquer pessoa que já toquei ou tive o prazer de conhecer e depois de um dia, a fantasia de ser sua já é demais para suportar.

Dançamos ao som da música, nos movendo sem esforço. Ele me gira, me puxa de volta para seus braços e me inclina.

— Está se divertindo?

— Sim, estou. Aquele homem com quem eu estava dançando gosta de você.

— O sr. Cordova gosta de dinheiro e tenho dado um bom retorno aos seus investimentos. Gostaria que ele investisse no meu próximo empreendimento, mas o mercado não está favorável no momento, por isso tenho que me certificar de mantê-lo na mira e ter um plano de negócios sem falhas.

— Acho que você não tem nada com que se preocupar, Finn.

— Hum, gosto do jeito que você diz meu nome. — Ele apoia a cabeça no meu ombro e deixa um rastro ardente de beijos pela minha pele. Nunca quis tanto provar os lábios de um homem até agora, mas sua regra idiota me impede de fazer isso.

Ele canta baixinho junto com a música, me segurando firme. Não sei se ele está fazendo isso porque está escondendo sua ereção ou se realmente quer estar tão perto de mim. Posso tentar fingir que seu toque não me afeta, mas tenho certeza de que ele já pode sentir a mudança no meu coração.

Quando a música termina, Finn me leva de volta à mesa. Nossos pratos foram retirados e a sobremesa está sendo servida.

— Bem na hora — ele fala, puxando a cadeira para mim.

— Acho que vou ao banheiro. — Coloco a mão em seu peito por um momento. Ele assente e aponta em direção à porta.

— Vire à direita e siga pelo corredor.

— Volto já.

Seguro o vestido para facilitar a caminhada e assim que passo pela porta, me encosto na parede para recuperar o controle. Há movimento de algumas pessoas arrumadas enquanto outras estão usando short e camiseta devido ao calor. Algumas mulheres passam e me cumprimentam. Sorrio de forma calorosa e agradeço, me perguntando o que elas pensariam se me vissem de verdade. Me elogiariam com tanta facilidade se me vissem vestida para trabalhar?

— Srta. Webster. — O sr. Cordova me cumprimenta com um sorriso.

— Olá, sr. Cordova. Obrigada mais uma vez pela dança adorável.

— Imagina. Vamos dançar outra vez antes que a noite acabe?

— Claro.

Ele coloca a mão nas minhas costas, e eu fico tensa, tentando disfarçar a inquietação com uma risada. Com o sr. Cordova me conduzindo, tenho duas opções: segui-lo, ou tirar sua mão das minhas costas e acabar prejudicando as chances de Finn.

Não sei quando minhas decisões passaram a se basear em Finn, mas escolho segui-lo.

— Há quanto tempo você conhece o Finn?

— Há cerca de dez anos — digo, mesmo que esteja exagerando. Eu o conheci há muito tempo e nos reencontramos há cerca de vinte e quatro horas.

— É uma pena que ele nunca tenha falado a seu respeito. Com certeza, não manteria alguém como você escondida.

Engulo em seco e paro de andar.

— Eu o estou visitando antes de voltar para casa.

Ele me olha com cautela enquanto repasso os diversos rostos que vi na semana passada. Não me lembro do dele, mas isso não significa que não haja alguém aqui que não tenha sido atendido por mim.

— Fico por aqui — digo, apontando para a porta. — Guarde aquela dança para mim, sr. Cordova.

Passo pela porta de madeira, agradecida pelo banheiro estar vazio. Depois de fazer o que preciso, saio do cubículo e começo a lavar as mãos quando Brandy aparece ao meu lado. Sorrio para ela através do espelho, mas me concentro na tarefa em questão.

— O Finn sabe que você está transando com o principal investidor dele?

— O quê?

Ela arruma os cabelos e retoca o batom sem fazer contato visual comigo. Não sei de onde ela tirou algo tão absurdo.

— Ah, desculpe... era para ser segredo? — Ela cobre a boca como se tivesse me constrangido.

— Não há segredo, porque não há nada acontecendo. Eu o conheci esta noite.

— Sério? Não é isso que o Finn estava dizendo a Brady há alguns minutos. Na verdade, ele estava um pouco chateado por você estar no corredor com o sr. Cordova. Bom, você poderia ao menos ter esperado até que a noite acabasse.

Semicerro os olhos, e ela sorri para mim. Fico ainda mais irritada. Se estivéssemos em outro lugar, eu daria um soco nela, mas não posso fazer isso com Finn. Não aqui. Nem agora, porque minha única preocupação é o que ele está pensando. Não posso permitir que ele acabe com o nosso acordo. Finn deixou bem claro que sou sua e que não vai me compartilhar.

— Me deixe esclarecer algo, porque está claro que você gosta dele. Finn não se compromete — ela fala, parando ao meu lado. Ela sabe que estou chateada, mas não compreende a magnitude do motivo. — E quando ele finalmente decidir se estabelecer, a fila de espera pela aliança é longa e estou bem na frente. Ele vai se casar por dinheiro e poder, logo não perderá tempo com alguém da sua cidade natal.

— Que bom que não estou procurando por uma aliança — murmuro, mas é tarde demais. Ela sai do banheiro antes que eu possa pensar em alguma resposta.

Passo pela porta e dou de cara com Brady. Ele me segura para evitar que eu caia no chão e não deixo de perceber que quando recupero o equilíbrio, suas mãos ainda estão segurando meus braços.

— Opa, para onde você está indo com tanta pressa?

— O Finn está esperando por mim.

Ele olha por cima do ombro, ainda segurando meus braços e balança a cabeça.

— O Finn está enrolado no momento. Por que não vamos pegar uma xícara de café?

— Acho melhor voltar. — Me solto dele e dou um passo para trás. Brady levanta as mãos.

— Sinto muito, Macey, não quero te assustar.

— Você não está me assustando, é só que...

— O quê?

Penso duas vezes sobre o que vou dizer e percebo que isso poderia se voltar contra mim, mas neste momento, não dou a mínima. Seus amigos estão me assustando pra caramba e não tenho tempo para esses jogos ridículos.

— Você é amigo dele. Não deveria me convidar para sair.

Brady ri e assente. Ele se vira e olha para o corredor antes de me encarar.

— Ele é o meu melhor amigo, mas sei como ele é. Infelizmente, você vai descobrir da maneira mais difícil. Me ligue quando ele te magoar. Você é uma mulher bonita, Macey, e uma beleza como a sua não aparece por aqui com frequência.

Ele me deixa no corredor, completamente perplexa. Volto para o salão de baile e encontro Finn sentado à mesa. Procuro Brandy e a vejo dançar com o sr. Cordova. Que cobra.

— Ei, estava prestes a ir te procurar — ele fala, me cumprimentando com um beijo na bochecha. Estou tentada a me virar rapidamente para que ele me beije na boca, mas não quero irritá-lo. — A sua sobremesa está esfriando.

— Acho que quero ir embora — digo, e ele me olha com preocupação.

— Certo. Você está bem?

— Estou — respondo. Pego a bolsa de mão e caminho em direção à porta. Sei que não devo deixá-lo dessa forma, mas quanto antes sair daqui, melhor. Ele corre para me alcançar e segura minha mão em vez de coloca-la nas minhas costas ou me oferecer o braço. Na minha opinião, dar as mãos é algo íntimo, e ele deveria parar com isso antes que eu tenha ideias erradas.

Olho pela janela da limusine, contando os segundos até estarmos de volta ao hotel e poder tirar esse vestido. Finn continua segurando minha mão, mesmo quando chegamos ao Allure.

— Me diga o que há de errado — ele pede quando as portas do elevador se fecham.

— Não é nada...

Antes que eu saiba o que está acontecendo, ele me pressiona contra a parede e seus lábios estão perigosamente perto dos meus. Uma voz na minha cabeça pede para que eu me incline e o faça se submeter a mim, mas não dou ouvidos. Não vale a pena correr esse risco. Ele esfrega sua ereção na minha pélvis e grunhe.

— Não minta para mim, Macey. Algo aconteceu e você está chateada.

— Brandy e Brady. Foi isso que aconteceu — retruco quando o elevador para.

— Filhos da puta — ele deixa escapar, segurando minha mão de forma brusca e me arrastando atrás de si. Entramos na cobertura, e ele tira o paletó, jogando-o pela sala e seguindo pelo corredor até o quarto. Eu o sigo, pois quero tirar o vestido.

Quando entro no armário, ele está só de cueca, murmurando algo que não consigo entender. Abaixo o zíper o suficiente para poder tirar a roupa.

— O que ele te disse?

— Você está mais preocupado com o que *ele* disse e não com *ela*? — pergunto, colocando as mãos nos quadris. Estou na sua frente de sutiã, ligas, meias e calcinha.

— Sim, porque ele é meu amigo e deveria saber seus limites.

— E ela está na fila para conseguir um anel de noivado — respondo. — Aparentemente, a fila é longa.

— Deve ser mesmo.

Minha boca se abre, mas a fecho rapidamente.

— E parece que você disse ao Brady que eu estava transando com o sr. Cordova.

— A Brandy disse isso?

— Sim, um pouco antes do Brady me convidar para sair.

Ele balança a cabeça e caminha na minha direção. Rio com a visão do seu pênis espreitando pelo cós da cueca.

— Agora não, porra — ele grita, olhando para a virilha.

— Com quem você está gritando?

— Com o unicórnio zangado — ele fala, incapaz de manter sua expressão séria. Caímos na gargalhada, e ele me abraça.

— Juro que não disse nada ao Brady sobre você transar com o sr. Cordova. Mesmo que você estivesse, eu nunca contaria, porque o sr. Cordova é parceiro de negócios do pai dele.

— Eu não sou...

Ele coloca o dedo nos meus lábios.

— Sei que não é. Mas também sei como a Brandy se sente a meu respeito e não me importo. Os sentimentos não são recíprocos, e ela sabe disso.

— O sr. Cordova se aproximou no corredor. Acho que ele deu em cima de mim, mas não tenho certeza. Se não for isso, ele sabe que sou stripper. Depois, a Brandy me encontrou no banheiro e falou um monte de merda,

dizendo que você estava chateado por eu estar transando com o sr. Cordova. E então o Brady quis me levar para tomar um café.

Sua mandíbula está pulsando quando termino de contar sobre minha noite agitada. Tudo estava bem até eu ir ao banheiro. Perfeito, na verdade. Nunca fui de deixar que as pessoas me incomodassem, mas esses irmãos me deixam desconfortável.

Acaricio sua mandíbula, esperando acalmá-lo. É tão bom sentir sua barba roçando as pontas dos meus dedos e provocando uma agitação entre as minhas pernas.

— O que você quer fazer agora? Quer sair? Prometi que te daria a sobremesa — ele fala, se inclinando no meu toque.

— Acho que quero saber mais sobre esse unicórnio zangado. — Passo a mão pelo seu peito e a enfio na cueca para segurar seu pau. Eu o acaricio algumas vezes até que seu grunhido baixo me faz soltá-lo. Me afasto, mas ele segue na minha direção.

Finn tira a cueca e começa a se acariciar. Fico com água na boca ao me lembrar do seu gosto e minha boceta se anima. Não consigo decidir se prefiro seu pau na minha boca ou na boceta, mas sei que de qualquer jeito, vou sair ganhando.

— Onde você quer transar?

— Não sei. Devo correr e me esconder?

Ele assente e começa a contar. Saio correndo pelo corredor até chegar à escada que leva ao seu escritório. Tiro a calcinha e me sento nos degraus, abrindo as pernas para ele e toda Las Vegas verem.

Quando ele aparece na minha frente, está nu e colocando uma camisinha sobre a ereção. Ele segura minha boceta, empurrando dois dedos em mim e estocando vigorosamente. Gemo com o contato e me inclino para trás, sentindo o desconforto por estar na escada.

— Levante-se — ele fala e afasta as mãos. Eu o obedeço, e ele se senta. — Monte em mim. — Ele segura sua ereção e eu o monto, levando-o profundamente para dentro de mim.

— Cacete — murmuro conforme começo a me mover para cima e para baixo. Finn segura minhas mãos e as coloca nas grades, me oferecendo o impulso necessário.

— Se alguém no prédio da frente estiver olhando para cá, poderão nos ver.

— Não ligo. — Jogo a cabeça para trás, me deliciando com a sensação de tê-lo dentro mim. Ele envolve minha cintura e coloca um dedo entre minhas

nádegas, adicionando um pouco de pressão naquele ponto. Minhas terminações nervosas estão em chamas e gosto disso. Entro em um frenesi quando me movo em cima dele. Meus saltos raspam nos degraus, mas não vacilo.

— Porra, Macey, posso sentir seu orgasmo se aproximar.

— Sim, ah, caramba, sim.

Uma explosão de calor e um tremor tomam conta de mim enquanto o orgasmo percorre meu corpo. Mesmo quando diminuo a velocidade, Finn aumenta o ritmo, movendo meus quadris para cima e para baixo até alcançar o clímax.

Exausta, desmorono sobre seu corpo e fico ali, sabendo que minha bunda está à mostra.

— Podem mesmo nos ver?

Ele ri e beija meu pescoço.

— Somente se tiverem binóculos ou se estivéssemos do lado de fora. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Não se preocupe, pretendo transar com você na varanda.

Suspiro, sabendo que provavelmente vou gostar.

— Vamos lá — ele fala, me pegando no colo. Finn me leva até o banheiro, com seu pau ainda dentro de mim e se senta na beirada da banheira. — Vamos tomar um banho de espuma. Tire a roupa. Já volto.

Ele sai do banheiro depois de ligar a hidromassagem. Tiro as roupas lentamente e as coloco no chão antes de entrar. Quando ele chega, está carregando uma garrafa de champanhe e duas taças.

— Odeio desperdiçar champanhe bebendo-o — ele fala, servindo o líquido em uma das taças.

— O quê?

— Não entenda de maneira errada. Quis dizer que planejei lamber o champanhe do seu corpo mais tarde.

Finn me entrega a taça e depois se serve.

— Bem, nesse caso, saúde. — Tocamos nossas taças, e ele entra na banheira. As bolhas voam por toda parte quando ele entra atrás de mim, me fazendo rir. Ele me puxa de encontro ao seu peito, e eu suspiro, dizendo ao meu coração para não se envolver, pois por melhor que seja, acaba em uma semana e eu voltarei a ser Macey Webster, mãe solteira, garçonete e stripper. Não serei mais a Macey que está se apaixonando pelo homem que pode destruir sua vida.

Doze

FINN

— Como foi o seu final de semana?

Olho para cima e vejo Hannah entrar no escritório com uma xícara de café na mão. Este não é um dos requisitos do seu trabalho, mas também não é incomum que ela faça algo assim, embora isso normalmente aconteça depois de eu ter ido dormir tarde. Não em uma segunda-feira.

— Obrigado pelo café — digo, tomando um gole. Não costumo tomar café, mas estou precisando de energia. Ontem, Macey e eu não fizemos nada a não ser ficar deitados à beira da piscina, bebendo coquetéis e aproveitando o sol. É raro que eu faça isso e só aconteceu porque perguntei o que ela queria fazer. Eu poderia ter recusado, mas descobri que Macey feliz não faz nenhum tipo de provocação e provavelmente não vai querer me matar.

Hannah limpa a garganta, me fazendo olhar para ela, que está sorrindo. Sorrio de volta.

— Foi bom. E o seu?

— Ótimo. Encontrei a Brandy ontem.

Solto um gemido e me recosto na cadeira. Não engoli todo o fiasco com Brandy, Brady e o sr. Cordova desde que Macey me contou tudo. Falei com Brady ontem e deixei minha posição bem clara. Ele é meu melhor amigo, mas esse título pode ser revogado se ele der em cima da Macey de novo. Também pedi para que ele controlasse a irmã, porque não gostei de seu comportamento ao ir atrás dela no banheiro. Ele disse que entendia, mas vamos ver. Quanto a Brandy, ela é uma causa perdida para mim. Sua atitude para com Macey solidificou minha posição a seu respeito... chega. Daqui em diante, vou sozinho aos eventos ou encontrarei outra garota para levar comigo.

— Ela tinha muito a dizer sobre a srta. Webster.

— Tudo mentira, tenho certeza.

Hannah dá de ombros.

— Ela está preocupada.

— Com o quê? A Brandy é só uma amiga que faz o papel de acompanhante por causa do dinheiro do pai.

— Não sei, Finn. Essa mulher aparece do nada e de repente você compra um guarda-roupa novo para ela, a hospeda na sua casa e ela te faz perder o

jogo de golfe com seus amigos que estava marcado para ontem. Me perdoe por pensar que tem algo acontecendo aqui.

Giro a cadeira e olho pela janela. O cassino está agitado para uma segunda-feira. Na maioria das vezes, esse é o dia mais calmo da semana. As pessoas foram embora depois do fim de semana, as conferências terminaram e as festas também. Na quarta-feira, tudo estará a todo vapor novamente.

— Você não precisa se preocupar com ela.

— Bem, pode ao menos me dizer como a conheceu para que eu não fique pensando que você está sendo chantageado? — Hannah suspira, claramente frustrada. Entendo suas preocupações, mas não posso contar como conheço Macey. Já é ruim o suficiente que Brady saiba que ela é da minha cidade natal, um fato que espero que ele tenha se esquecido. Não quero que as informações cheguem a Brandy, porque se ela começar a procurar, pode deixar Macey envergonhada e fiz uma promessa a ela que pretendo cumprir.

— Não estou sendo chantageado, Hannah. Conheço a Macey a algum tempo, nada demais.

— Tudo bem. Você sabe que me preocupo.

— Sei e agradeço por sua preocupação. — Me viro para encará-la. — Pode conseguir um número de telefone novo na minha conta?

— Para a Macey?

Concordo. Mais uma vez, me pego falando antes de perceber o que estou fazendo. Já se passaram três dias e estou procurando maneiras de falar com ela ou garantir que ela possa entrar em contato comigo depois que nosso tempo juntos terminar. Estou violando minhas próprias regras no meu próprio jogo e nada disso faz sentido.

— Ela precisa de um apartamento também?

Balanço a cabeça. Pelo que pude perceber, ela não mora em Las Vegas e presumo que ainda viva em Spokane. Eu poderia estar errado. Parte de mim quer perguntar, mas a outra parte não quer saber, porque não quero me importar. Só quero lhe dar um telefone para que eu possa ficar de olho nela. Pareço estar mais ferrado do que imaginava.

— Não te entendo, Finn — Hannah diz ao sair do meu escritório. Eu também não.

Olho o contrato na minha mesa. As palavras estão misturadas e não fazem sentido para mim. Empurrando-o para o lado, pego o telefone, ligo para o ramal de Lamar e peço que ele venha ao meu escritório.

— Bom dia — ele fala quando entra. Olho para cima e faço sinal para ele fechar a porta. — Você parece cansado.

— Estou. — Passo a mão pelo rosto e pelos cabelos, me encolhendo ao tocar o ponto sensível onde Macey puxou a noite passada. Estava com o rosto enterrado entre suas coxas, me deleitando como se fosse a nossa última transa e focado em lhe dar melhor orgasmo da sua vida. Eu a deixava a beira do clímax e parava. Fiz isso diversas vezes até que me afastei, e ela cuidou do assunto por conta própria. O puxão que ela deu no meu cabelo doeu, mas valeu a pena.

Hoje de manhã, antes de sair para trabalhar, dei a ela um passe para o hotel com tudo incluso. Garanti todos os privilégios que ela poderia desejar. Havia de tudo ali, desde comida a serviços de SPA. Se ela quiser ficar bêbada e arrumar o cabelo, pode.

— Está valendo a pena?

— O quê? — pergunto, precisando saber exatamente o que ele quer dizer.

— O dinheiro. É uma stripper muito cara. Você está pagando trinta mil mais o guarda-roupa. Então vou perguntar de novo, está valendo a pena?

— Ela é uma conhecida — digo, suspirando. — Eu a conheci no ensino médio. Nos encontramos em algumas festas na minha cidade. Me disseram que ela tinha uma queda por mim e a via me encarando do outro lado da sala de vez em quando. Eu a achei bonita e, nas poucas vezes em que conversamos, pareceu inteligente. Ela queria sair da cidade assim que se formasse. Achei que seria divertido passar o verão com ela, mas ela morava em um bairro horrível e meus pais me matariam se soubessem. A formatura chegou, minha mãe estava doente e eu estava indo para a faculdade, então ficamos juntos uma vez.

— Então vocês estão relembrando os velhos tempos?

— Não exatamente — digo franzindo a testa. — O sexo não foi espetacular.

— Ai — ele fala, empalidecendo com as minhas palavras.

Balanço a cabeça, me levanto e vou até a janela.

— Eu tinha dezoito anos e era inexperiente. Não sabia o que estava fazendo. — Ao contrário de agora.

— Ela era virgem?

Me inclino na grade para olhar e me pergunto o que ela está fazendo hoje. Se fosse eu, estaria na piscina ou fazendo massagem. Tentaria aproveitar a

liberdade, porque tenho certeza de que minha personalidade tensa, maluca por sexo e mal-humorada a está deixando louca.

— Não sei. Não perguntei e não houve preliminares. Foi algo casual.

— E ela não trouxe isso à tona?

— Não — digo, jogando as mãos no ar. — Isso é estranho, não é? As garotas não gostam de falar sobre o passado? Porra, acho que nem tirei as roupas dela. Sei que minha calça nem passou pelos quadris.

— Quanta classe.

— Que seja. Sabe onde ela está? — pergunto, sabendo muito bem que ele a está vigiando. É uma merda, mas tenho que proteger meu investimento. Preciso saber se ela planeja me deixar antes que a semana termine. Essa é outra razão pela qual ainda não lhe dei o dinheiro. Não quero que ela vá embora no meio da noite.

— Ao lado da piscina. Estava indo encontrá-la quando você ligou. Achei que gostaria de surpreendê-la e aos homens que estão ao seu lado. — Ele me mostra a câmera do seu telefone, dando zoom no local. Há um cara de cada lado, mas ela parece estar ignorando-os. — Confia nela?

— Para não trepar com outro cara essa semana? Sim. Ela precisa do dinheiro e realmente parece gostar de mim.

Lamar coloca o telefone no bolso e olha pela janela.

— Eu pareço um *stalker*?

— Não, você está protegendo seu investimento. Há uma diferença.

Bom saber, porque me sinto um idiota por tê-lo mandado ficar de olho nela.

— Acho que vou até lá e vou levá-la para almoçar.

Lamar ri e me segue para fora do escritório. Digo a Hannah para atender minhas ligações, sem deixar de perceber o olhar de desaprovação que ela me dá. Tiro os óculos de sol do bolso ao sair do elevador e sigo em direção à piscina. Os funcionários que encontro me cumprimentam quando passo.

É fácil encontrar Macey quando a passagem se abre para a piscina. A música soa alta, há garçons e hóspedes bêbados se divertindo. Uma parte da piscina é uma praia artificial, enquanto a outra parte é mais profunda e normal. Sou o único que está usando um terno de três peças. Dizer que eu estava me destacando era um eufemismo.

Os dois caras ao lado de Macey estão brincando entre si enquanto ela está deitada de costas. Me aproximo deles, mas ela não se move, então me abaixo e mexo no seu pé.

— Podemos ajudá-lo? — o da esquerda pergunta.

— Não, obrigado.

Agora, Macey está sentada. Ela está de óculos de sol, o que torna impossível ver seus olhos e sua expressão.

— Certo, então nos dê licença — o da direita fala, usando a mão para me afastar. Eu rio e balanço a cabeça.

— Quer almoçar ou subir e transar? Talvez eu deixe você chupar meu pau. — Digo para provocar os dois caras. Não tenho dúvida de que eles estão tentando se conectar com ela. Mesmo com as roupas de grife, ela ainda está usando um biquíni que mal cobre seu corpo. Não os culpo por tentarem. Eu estaria fazendo o mesmo se já não estivesse pagando para ela transar comigo sempre que eu quiser. Nem me passou pela cabeça que isso poderia ser embaraçoso para ela e se foi, ela não diz nada.

— Acho que prefiro almoçar — ela responde com um tom sarcástico e termina com um bocejo. Os idiotas riem até perceberem que ela está arrumando suas coisas. Eles ficam boquiabertos quando olham para mim.

— Cara, que merda é essa? Estávamos dando em cima dela — o da direita diz enquanto o amigo concorda com a cabeça.

— E ainda assim, ela está indo embora comigo.

— Ela deve ser esposa dele.

Levanto a mão direita de Macey para que eles possam ver.

— Não, não há anel. A não ser que você esteja se referindo ao anel de um certo buraco.

— Você é tão grosseiro — ela fala, mas não acho que seja sério, porque ao invés de se afastar, ela entrelaça os dedos nos meus e começa a caminhar de volta para o hotel. — Não precisava agir assim.

— Eles estavam dando em cima de você.

— Talvez eu tenha gostado.

— Pode gostar na semana que vem. — Seguro a porta do elevador para ela entrar. Infelizmente, há hóspedes lá também e interrompemos nossa conversa. O homem mais velho e cerca de uns trinta centímetros mais alto que a esposa, está olhando o biquini vermelho de Macey. Não o culpo. Ela tem curvas incríveis e seus seios são naturais. Eu me peguei apertando-os ontem à noite porque podia.

O homem chama minha atenção e acena com a cabeça. Dou a ele o olhar que diz: *Sim, estou pegando*. Ele levanta o punho como se fosse bater no

meu, mas abaixa a mão quando a esposa o olha. Felizmente, chegamos ao seu andar, mas ele não sai antes de dar uma última olhada em Macey.

— Aquele homem queria transar com você.

Ela revira os olhos e bufa para mim.

— É verdade. Não entendo por que você se rebaixa tanto. Já te disse, te acho linda.

Macey balança a cabeça.

— Eles veem sexo. É o que todo mundo vê. Ninguém me olha e pensa em futuro ou que posso ser a esposa de alguém. Tudo o que veem é diversão.

Chegamos ao nosso andar e saímos do elevador. Ela está um passo à minha frente e usa o cartão que lhe dei para abrir a porta. Detesto admitir, mas ela tem razão. Olho para ela e vejo sexo. É incrível. Quando essa questão surgiu em nossa conversa sobre ela passar a semana comigo, pensei que aconteceria algumas vezes. Em momento algum achei que transaríamos em todas as chances que tivéssemos.

Assim que ela abre a porta, puxo as tiras do seu biquíni. Enquanto ela tenta segurar a parte de baixo, puxo a de cima também.

— Idiota.

Não posso deixar de rir enquanto ela tenta se cobrir.

— Você fala muito palavrão.

— Resultado de anos lidando com idiotas como você.

Tiro o paletó, o colete, a gravata e a camisa.

— Acho que você se esqueceu de colocar a música para o strip, Magic Mike — ela fala, me deixando louco.

Balançando a cabeça, tiro o cinto e desabotoo a calça, puxando o zíper e liberando meu pau.

— Quer se ajoelhar aqui ou prefere o sofá? — Não espero sua resposta. Vou até o sofá de couro e me sento, reclinando um pouco.

— Achei que você estava brincando — ela fala baixinho.

— Não estava, Macey. Você tem duas opções. Pode me chupar ou vou te comer. Escolha.

Não sei o que há nela, mas mesmo com sua atitude atrevida, ela me excita. Claro, pode ser o fato de saber que existem pelo menos três homens neste hotel que dariam tudo para estar com ela agora e o único que terá seu desejo atendido sou eu.

Se acho que alguma coisa vai ser fácil com ela, estou enganado. Em vez de ficar de joelhos para chupar meu pau, ela se senta em uma almofada

longe de mim e abre as pernas, mostrando a vagina que me pertence desde a noite de sexta-feira.

— É isso que você quer? — ela pergunta, separando os lábios. Em um instante, estou acariciando meu pau. Meus olhos estão focados em seus dedos enquanto eles brincam com seu clitóris. Quando ela coloca um deles lá dentro, quase perco a cabeça.

— Você é safada assim com todo mundo? — É algo que tenho que saber. Ela deixou bem claro que não é prostituta, e eu acredito, mas a voz irritante na minha cabeça quer saber se é assim que ela age com outros caras.

— Não, só com você — ela responde, adicionando outro dedo. A mão livre segura o seio, acaricia o mamilo e ela mexe os quadris para manter o ritmo que criou. Macey geme e revira os olhos. Vê-la se dando prazer faz meu pau se agitar. Ele quer se enterrar profundamente naquela boceta.

Abro a gaveta da mesa de centro para pegar uma camisinha. Rasgo a embalagem e pego o preservativo sem tirar os olhos dela.

— Não goze — digo enquanto deslizo a camisinha sobre meu pau dolorido. — Vire-se e olhe pela janela.

Ela faz o que digo sem deixar de se tocar. Alinho meu pau em sua entrada e espero, pressionando seus dedos enquanto ela se acaricia.

Me esfrego em seu corpo e mordo o lóbulo da sua orelha.

— Precisa de um brinquedo, Macey? Meu pau não é grande o suficiente para você? Que tal um trio, hein? Quer dois paus nessa boceta? — Com a última pergunta, eu a penetro e que se dane seus dedos.

— Sim — ela grita, segurando o encosto do sofá. Os únicos sons no quarto são os nossos: grunhidos pesados e o barulho de pele se chocando. Aperto seus quadris quando nossos corpos se encontram. Ela está muito perto de gozar e grita enquanto estremece.

— Tão molhada e toda minha — eu a lembro enquanto a preencho com meu pau.

Macey me olha por cima do ombro, me observando enquanto eu a como. Nossos olhos não se afastam quando encontro o êxtase, e por mais que eu queira desviar o olhar, não consigo. Saber que ela pode ver a satisfação que sinto por transarmos torna meu orgasmo ainda mais poderoso.

Treze

MACEY

Eu não deveria gostar do Finn. Só deveria estar aqui pelo dinheiro, para proporcionar a mim e a Morgan uma vida melhor. No entanto, enquanto o vejo parado do outro lado da sala, com uma mulher mais velha segurando sem braço e jogando a cabeça para trás, gargalhando por algo que ele disse, sinto a raiva ferver dentro de mim. Não deveria estar com ciúmes. Sei que ele não é meu e nunca será, mas é como me sinto depois de passarmos os últimos dias juntos.

Quando aceitei a proposta, estava determinada a tornar sua vida um inferno. Queria que ele se arrependesse de me pedir para fazer isso, mas mesmo quando estou sendo sarcástica ou desafiadora, quero estar com ele. Meu corpo anseia pela atenção que ele está me dando e muito mais. Ontem tive a prova de que estou muito envolvida. Não duvido que ele questione quando digo que sou apenas stripper depois que me desnudei por completo, que comecei a me acariciar na sua frente porque senti uma vontade incontrolável de fazê-lo. A alegria que senti ao vê-lo se transformar de um homem que queria ser chupado para alguém desesperado para nos dar prazer foi indescritível. Meu corpo formigava em antecipação, sabendo que eu estava dando um fim à sua decisão, que eu estava no controle.

Sou boba em pensar que algo mudou entre nós. O sexo não muda as pessoas, as emoções é que mudam. E as de Finn estão trancadas. Não posso culpá-lo. Eu sabia desde o início que quando a semana terminasse, seguiríamos caminhos separados.

Então por que estou com ciúmes da mulher com quem ele está falando? Não deveria me importar. Minha garganta não deveria se contrair nem meus olhos deveriam lacrimejar. No entanto, enquanto estou aqui, do outro lado do salão, vejo que ele parece feliz. Finn parece estar contente, mesmo estando cercado por pessoas que exigem demais da sua presença.

Essa noite foi divertida. Caramba, usar os vestido que escolhi foi uma fantasia, mas quando meu estômago revira e a ansiedade aumenta, não posso deixar de pensar que minha substituta pode estar ao lado dele. Em breve, voltarei para casa e esta semana de luxo será uma lembrança distante. Nem mesmo o dinheiro que vou ganhar apaga a ideia de como minha vida poderia ter sido tão diferente.

Com determinação de aço, caminho em direção aos dois. Seus olhos pousam em mim, e eu sorrio com gentileza, mas ela não retribui. Quando Finn se vira, não sei dizer se sua expressão é dedicada para mim ou para ela. De qualquer forma, não vou descobrir.

— Me desculpe interromper.

— Está tudo bem, o que você precisa? — ele pergunta, respondendo à minha dúvida anterior. Ele não me quer por perto agora. Não me quis por perto desde que chegamos.

— Vou pegar um táxi de volta para o hotel. Não estou me sentindo bem. — Não lhe dou a chance de responder, apenas me viro e saio rapidamente. Nem reparo se as pessoas estão prestando atenção. Meus olhos cheios de lágrimas estão focados na porta enquanto empurro a barra de metal pesada e saio.

Mais uma vez, me pego saindo correndo de um cassino, mas pelo menos dessa vez, os homens que olham para mim não assumem que sou uma prostituta ou alguém procurando diversão. Eles podem assumir que meu coração está partido e está mesmo, mas a culpa é minha. Finn nunca me prometeu nada a não ser dinheiro, roupas e sexo. Todas essas promessas ele cumpriu.

Felizmente para mim, a fila de táxis está vazia e consigo entrar em um. Peço ao motorista para me levar até o Allure, desejando poder ir a algum lugar onde eu fique sozinha a noite toda. Preciso de um tempo longe de Finn e da intensidade da nossa situação.

Quando o manobrista me vê, sorri e diz ao taxista para enviar a conta ao hotel e que sou uma hóspede especial do sr. McCormick. “Especial”, que palavra péssima para uma acompanhante de luxo. Por mais que eu queira discordar dele, não o faço. Agradeço e sigo o mais rápido possível para os elevadores.

Para meu azar, não sou a única a caminho do quarto. Um grupo barulhento, bêbado e um pouco desagradável está brincando para ver qual porta se abrirá primeiro. Nessas horas, eu gostaria que Finn tivesse um elevador particular, mas ele insiste em ser igual a todos quando claramente não é.

Todos comemoram quando uma das luzes se acende e a campainha toca. Posso esperar pelo próximo ou segui-los. Como estou louca para tirar este vestido, entro e pego o cartão que dá acesso à cobertura.

— Uau, moça chique — uma mulher zomba atrás de mim. Sorrio e continuo focada nas luzes dos andares.

— Deveríamos comemorar no quarto dela — diz outra pessoa. Não quero pensar que eles vão me seguir, porque se o fizerem, não sei como vou agir. Não há telefone para ligar para a sala de Finn e agora percebo meu erro. Já o vi fazer isso muitas vezes. Ele espera a outra pessoa no elevador apertar o andar e escolhe o que está acima. Quando a pessoa sai, ele passa o cartão.

O elevador para na boate. Uma vez que eles não se mexem, eu saio. Mostro meu cartão para o segurança – aquele que Finn me deu para que eu possa ter acesso a todas as áreas do hotel – e rezo para que esse homem não pense que sou uma fraude.

— Srta. Webster, obrigada por se juntar a nós esta noite.

— Não vou entrar — digo, me inclinando na sua direção para que ele possa me ouvir. — Há um grupo de pessoas no elevador que acha que pode se divertir no quarto do sr. McCormick, e ele ainda está no evento beneficente.

O segurança pega o telefone e faz uma ligação. Em questão de minutos, Lamar aparece. Ele não parece muito feliz por estar ali no meio da noite.

— Srta. Webster.

— Olá.

— Siga-me, e eu a levarei de volta à cobertura.

Ele estende o braço para mim e eu o seguro, me sentindo como uma anã ao seu lado. Seguimos pelos poucos andares extras, lado a lado. Ele deve odiar seu trabalho agora, uma vez que precisou acordar para vir me salvar. Não teria problema se eu fosse uma donzela em perigo em vez de uma completa idiota. A porta se abre e encontro o grupo de pessoas que deixei para trás. Aparentemente, meu esforço em evitá-los não foi claro o suficiente.

— Vou segurar a porta para vocês — Lamar fala, mantendo o braço aberto para que o elevador não feche. O grupo olha para nós dois. Ele sorri, assente e faz um gesto para todos entrem. Eles o obedecem. — Boa noite — ele diz antes da porta se fechar.

— Obrigada — digo, mas ele já se foi, e eu fiquei de pé no corredor vazio. Nem vou comentar o fato de que ele me viu nua e sequer me encarou. Finn tem sorte de tê-lo.

Dentro do apartamento, tiro o vestido e o penduro com cuidado no armário. O cheiro de Finn me envolve, me fazendo sentir sua falta. Penso em

guardar minhas coisas, mas nada disso vai caber na minha bagagem de mão, e eu seria tola em me livrar das roupas que trouxe comigo. Por mais que eu queira dizer que não voltarei a dançar, é a única coisa que sei fazer e é assim pago as contas.

Nua, visto um roupão de seda. Finn o trouxe para casa.... não. Esse lugar pode ser tudo, menos minha casa, e não devo me acostumar a pensar assim. Ele o trouxe para cá e achou que eu iria gostar. E realmente gostei. Minha pele se arrepia e os mamilos intumescem com o tecido e o ar frio da sala.

Vou para a cozinha, pego uma taça da prateleira e uma garrafa de vinho da geladeira e caminho até a varanda. Ainda tenho que passar algum tempo aqui e percebo que este é o meu lugar favorito. Me inclino em direção a grade e deixo a brisa suave da noite de Las Vegas me envolver. As luzes da Strip estão me chamando e tenho vontade de ir até lá me divertir. Não preciso me perguntar o que Finn diria ou faria. Isso seria uma passagem só de ida para casa e ainda espero um acordo proporcional à minha taxa.

Deitada na espreguiçadeira com uma taça de vinho na mão, ouço a agitação lá embaixo. O clube está vivo e a música, bombando. Ao longe, é possível ouvir pessoas gritando e buzinas, mas em geral, aqui é bem quieto.

— Achei que você estava se sentindo mal.

A voz de Finn me assusta e me faz derramar vinho no robe.

— Merda, merda, merda — digo, ignorando-o e enxugando a mancha com a mão. Finn se aproxima e se senta na espreguiçadeira.

— Pare. — Ele segura minha mão.

— Sinto muito, não tive a intenção de estragá-lo. — Sei que as lágrimas estão prestes a cair e me recuso a olhar para ele. Me recuso a deixá-lo saber que está me atingindo.

— Olhe para mim, Macey.

Balanço a cabeça e opto por terminar o vinho antes de colocar a taça vazia no chão.

— Você me deixou sozinho.

Eu zombo.

— Você estava ocupado. Sinceramente, nem achei que notaria. Quase nem fui falar com você.

Finn suspira e passa a mão pelos cabelos escuros, que caem de volta no mesmo instante. Seu cabelo está sempre do mesmo jeito, quer ele tenha acabado de acordar ou eu esteja passando as mãos por ele enquanto estamos transando.

— Olha, eu não estou chateada. Eu entendo.

— Entende o que exatamente? — ele pergunta, tirando o paletó do smoking. Ele começa a abrir as abotoaduras e depois os botões da camisa.

— Você queria levar a mulher do evento para cama. Você é um homem poderoso e estava claro que ela queria estar entre seus lençóis. Pensei em ir embora para que você pudesse selar o acordo sem precisar se preocupar comigo.

— Uau — ele fala, fingindo choque. — Não acredito que você pensa tão pouco de mim.

— Eu deveria pensar diferente?

— Não sei. — Ele dá de ombros. — Achei que estava agindo de forma decente e te tratando bem. Sei que sou exigente, mas você também não se intimida com isso.

Ele se levanta e anda em direção à sala de estar.

— Olha, se quiser ir embora, pode ir. Não vou te manter aqui se você não quiser ficar. Vou colocar o dinheiro no balcão para você.

Finn desaparece antes que eu possa abrir a boca e dizer que sinto muito, que talvez eu o tenha julgado mal. Ele não é uma pessoa ruim. Mas sei que depois que eu for embora, ele vai me substituir por outra pessoa. Pode não ser Brandy ou a mulher que estava dando em cima dele, mas semana que vem, outra mulher vai andar descalça pela sua casa, dividirá sua cama com ele e fará parecer que o mundo está a seus pés.

E talvez ela não seja stripper ou uma acompanhante. Talvez seja uma garota qualquer que ele vai ver andando na rua ou um caso antigo que voltou a Las Vegas para passar férias. Independentemente disso, não serei eu.

Fico de pé e o encontro parado diante da parede. Ele está usando apenas a calça do pijama que destaca o V definido de seus quadris. Minha boca se enche de água, conhecendo bem seu gosto e querendo mais.

Finn vem em minha direção, apoiando o joelho na espreguiçadeira até que eu fique presa nela.

— Não vá embora — ele sussurra. Seus lábios estão perigosamente perto de tocar os meus. Ele acaricia meu pescoço, deixando beijos leves na minha pele enquanto sua ereção pressiona minha perna. Fecho os olhos e me abro para ele. — Por favor, fique, Macey — ele implora, apoiando metade do seu corpo em mim enquanto segura minha bochecha. Encarando seus olhos azuis e a sombra da barba, me sinto perdida. Quero beijá-lo, sentir seus lábios e língua contra os meus.

Engulo em seco, lutando contra o desejo e assinto.

— Vai ficar? — ele pergunta e eu assinto mais uma vez, mordiscando o lábio inferior para me controlar. — Você não vai se arrepender. — Seus lábios são como fogo enquanto se movem lentamente pelo vale dos meus seios. A faixa que mantém o roupão fechado é arrancada, e a seda que me mantém coberta é puxada novamente. A mão de Finn no meu peito é rude, mas sensual e quando seus dentes mordem meu mamilo, eu gemo alto.

Com as mãos entre nós, puxo a tira da sua calça, afrouxando-a o suficiente para colocar minha mão lá dentro e sentir sua excitação na minha pele. Agarro seu pau e movo a mão para cima e para baixo em sua ereção enquanto sua boca faz amor com meus seios.

Finn empurra o roupão para longe, me deixando exposta. A brisa fresca atinge meus mamilos molhados, deixando-os mais eriçados. Arqueio as costas em sua direção, necessitando que ele me esquente. A cada carícia da minha mão, sua ereção roça no meu clitóris, aumentando minha necessidade. Eu o solto para tirar sua calça. Eu o quero em mim. Preciso dele dentro de mim para tirar a dor que sinto em meu coração. Nosso tempo juntos está chegando ao fim, e eu não quero que isso aconteça.

— Puta merda, seu corpo está pegando fogo — ele fala, beijando meu peito.

— Finn, por favor.

Ele se senta, apoiando as mãos nos meus joelhos e abrindo minhas pernas. Acaricio meu clitóris com os dedos, proporcionando um pouco do atrito de que preciso. Finn umedece os lábios e puxa meu corpo para a frente, se alinhando com minha feminilidade e esfregando a cabeça do pau na minha umidade. Ele geme com o contato, inclinando a cabeça para trás antes que seu olhar encontre o meu.

— Você me quer? — ele pergunta com a voz baixa.

— Sim. — Eu me contorço, me certificando de que ele possa sentir como estou molhada.

— Puta merda. — Um rugido primitivo ecoa quando Finn me penetra. Ele para e me olha nos olhos. — Me diga que você está protegida, porque agora que posso sentir sua boceta acariciando meu pau sem barreiras, não quero cobri-lo.

— Estou. Eu juro. — Acaricio sua bochecha. Ele beija minha palma e começa a mover os quadris em um ritmo lento, sem tirar os olhos ardentes dos meus. Eu o encontro a cada impulso, pressionando suas costas e

recebendo-o com avidez. Tento mantê-lo ali pelo maior tempo possível, até que nenhum de nós aguente mais.

Catorze

FINN

Os dias de Macey aqui à minha disposição são limitados e estou deixando meu coração falar mais alto. Em vez de usar a lógica de ir trabalhar, decido passar o dia com ela fora de Vegas. Quero lhe mostrar o Grand Canyon. Estou racionalizando a situação, dizendo a mim mesmo que ela nunca viu a beleza majestosa do platô do Colorado, nunca esteve na represa Hoover, cruzou a Route 66 ou experimentou o frescor das tortilhas artesanais na beira da estrada. E ainda que tudo isso faça sentido na minha cabeça, lamento minha decisão. Estou pendurado na proverbial corda bamba e se não tomar cuidado, acabarei perdendo no meu próprio jogo.

A verdade é que depois de ontem à noite, depois de estar com ela sem barreiras, algo mudou e por mais que eu não queira admitir, não quero que ela vá embora. Mas apesar disso, ela tem que ir e vou garantir que isso aconteça. Relacionamento é algo complicado e não posso oferecer o que ela está procurando. Caramba, não posso oferecer isso a mim mesmo, porque o pensamento de estar com alguém a longo prazo me parece tão estranho que não é um caminho que desejo trilhar. Sem mencionar que há alguém chamado Morgan entre nós. Eu a chamei para tomar banho comigo. Ela concordou, mas não apareceu, então fui procurá-la. Eu a encontrei na cozinha falando ao telefone. Fiquei ali, escutando até ouvir as palavras que me levaram a recuar. Eu não esperava sentir algo quando ela disse a Morgan que o amava, mas senti. E me odeio por isso. Me deixei envolver emocionalmente e isso precisa acabar.

É raro eu tirar folgas do trabalho, mas hoje estou abrindo uma exceção. Isso é algo que desejo fazer. Não por mim, mas por ela, porque, independentemente da minha incapacidade de me comprometer, Macey fez tudo o que pedi, mesmo quando eu não merecia.

A parte de cima do Jeep Wrangler está aberta, e ela está vestida com short e camiseta. Seus cabelos estão presos no topo da cabeça e há mechas voando por toda parte por causa do vento forte. Óculos escuros escondem seus olhos azuis. Olhos que me disseram tanta coisa na noite passada que nem precisei perguntar como ela se sentia. Cada vez que a olho, percebo que está observando a paisagem do deserto, apontando com espanto e me fazendo perguntas. Sei que que ela se lembrará desse dia quando voltar para casa. Talvez ela até traga o Morgan aqui e se lembre de quando viemos. O sexo

deve ser facilmente esquecido, especialmente porque foi pago. Quando ela voltar para casa, tenho certeza de que serei a coisa mais distante na sua cabeça. Além do mais, Morgan estará à sua espera. Ele deve ser um cafetão ou algo assim. Eu mentiria se não admitisse que quanto mais penso nele, mais irritado fico.

Quanto mais eu pensava sobre sua partida, mais curioso ficava. Muitas vezes fiquei tentado a pedir a Lamar que descobrisse onde ela mora, mas quanto menos eu souber, melhor. Cortar os laços é a única opção viável para mim.

Saio da estrada e seguimos em direção à barragem Hoover. O estado do Arizona construiu uma ponte, afastando o tráfego da barragem e, com maior segurança, transformou o lugar em um ponto turístico de verdade. Enfim, chegamos à área de estacionamento. Felizmente, ainda é cedo o suficiente para que não esteja lotada de turistas.

— Pronta? — pergunto, soltando nossos cintos de segurança. Não espero que ela responda antes de me mover para o outro lado do jipe para abrir a porta. Ela sai e procura a minha mão, mas da forma mais delicada possível, eu a coloco no bolso. Preciso voltar a agir com a razão e desligar meu coração. Não quero que ela pense que mudei de ideia, porque isso não vai acontecer. A última coisa que quero é lhe dar a esperança de que teremos um futuro. Ela precisa saber que em dois dias não nos veremos nunca mais. Não me importa que ela apareça no meu cassino novamente depois desta semana. Está acabado.

Finjo não perceber como ela fica chateada por não estarmos de mãos dadas. Ela deveria considerar que segurei sua mão a semana toda, muitas vezes iniciando o contato. Seus braços estão cruzados e o lábio inferior fazendo um biquinho. Sinto vontade de quebrar minha regra de não beijar na boca. Caramba, essa foi outra regra que desejei quebrar ontem à noite. Ouvi-la gritar por causa do que eu estava fazendo com seu corpo me deixou tenso. Queria engolir cada um dos seus gemidos e misturá-los aos meus, mas me contive. Beijar é íntimo demais. No entanto, me vejo cada vez mais perto da sua boca sempre que estamos juntos.

Macey se inclina contra a ponte, apoiando os antebraços no parapeito enquanto as mãos pendem para a frente. Sinto uma brisa leve, mas com o calor crescente do deserto e o ar sufocante, estamos ficando mais quentes. O único consolo é que não está úmido. Posso lidar com o calor, mas ficar suado nunca é agradável, a menos que seja por causa do sexo.

— Dizem que se jogar uma moeda sobre a ponte, seus desejos se tornarão realidade. — Macey olha para a água enquanto fala.

— Acho que você ouviu isso em algum filme.

Ela dá de ombros.

— Talvez.

Percebo que ela não tem dinheiro e que se tiver, não o trouxe. Prometi a ela que durante essa semana eu pagaria por tudo. Remexo no bolso e encontro uma moeda, me perguntando qual é o seu desejo. Felicidade eterna? Riqueza? Não sei o que alguém na sua posição gostaria. Se fosse eu... sim, nem sei o que gostaria.

Fico atrás dela e coloco os braços na sua cintura. Não passa de tortura, mas não consigo me conter enquanto inspiro o seu cheiro. Nada além de calor, coco e luxúria me atingem. Se estivéssemos sozinhos, eu transaria com ela agora mesmo.

Abro a mão e estendo a moeda para ela pegar. Espero sentir seus dedos tocando minha pele enquanto ela a pega, mas Macey usa apenas as unhas. É como se me tocar lhe fizesse mal. Sua reação é exatamente o que quero. Que ela fique chateada comigo. Isso só vai tornar o que planejei para nós mais tarde ainda melhor, mas quando partir, ela vai agradecer por finalmente ter se livrado de mim.

Macey segura a moeda e a deixa cair no rio abaixo de nós. O som fraco é quase inaudível.

— O que você pediu? — pergunto, me inclinando para fazê-la se virar um pouco e me olhar com o canto dos olhos.

— Se eu disser, não vai se tornar realidade.

— Você sabe que a probabilidade de que seu desejo se torne realidade é quase nula, certo?

Macey se vira em meus braços e se inclina de encontro as grades.

— Qual é o seu problema?

— Como assim? — questiono.

— Você muda de atitude o tempo todo, e eu não consigo acompanhar. Em um minuto, você é um cara legal que me trata como se eu valesse alguma coisa e, no outro, você é um cínico idiota.

— E o que sou agora?

— Com certeza o idiota — ela bufa enquanto se vira. Se seu cabelo estivesse arrumado, não tenho dúvidas de que ela o jogaria na minha cara,

mas é o revirar dos olhos que realmente faz sua declaração ser épica. O gesto foi tão dramático e tão intenso que eu pagaria para que ela fizesse de novo.

— Idiota, é? — pergunto, tentando manter a voz baixa. Macey suspira novamente e se inclina sobre o parapeito, pressionando sua bunda na minha virilha. A reação é instantânea e sinto que ela sabe disso. — E por quê?

— Porque depois da noite passada, pensei...

Ela não termina a frase. Não precisa. Já sei o que vai dizer. Macey pensou que depois de transarmos sem camisinha, as coisas mudariam entre nós. Mudaram, mas não do jeito que ela quer.

— Ouça — digo, puxando seu braço para virá-la. Seus movimentos são automáticos. — O que aconteceu ontem à noite foi um erro. — Seu rosto empalidece e ela desvia o olhar.

— Você me pediu para ficar quando eu quis ir embora — ela fala, cutucando meu peito. — Ontem à noite, na porcaria do evento de caridade, vi você com aquela mulher. Ela estava dando em cima de você, e você esperava que eu ficasse ao seu lado enquanto isso acontecia. Você não a afastou. Riu do que ela estava dizendo. Me senti muito usada.

— Tenho certeza de que não foi a primeira vez.

Não sei se todos ouvem o tapa, mas com certeza o barulho de sua mão batendo na minha bochecha ecoou bem alto no meu ouvido. E, para efeito dramático, deixo minha cabeça virada para o lado, sentindo a ardência. Não acredito que ela me deu um tapa, mas mereci. O que eu disse foi golpe baixo, especialmente depois de lhe dizer que nunca a chamaria de prostituta. A palavra pode não ter saído da minha boca naquele momento, mas estava implícita.

Eu a liberto e esfrego meu rosto. Dói pra caramba, mas é um lembrete de que sou um idiota. Independentemente da sua profissão, ela merece respeito, porque foi isso o que me deu a semana toda. Ela fez tudo que pedi sem reclamar.

Quando estou pronto para enfrentá-la, ela não está mais por perto. Olho para a ponte e a encontro caminhando em direção à divisa com o Arizona. Penso em segui-la, mas percebo que ela deve precisar de espaço, então fico onde estou, assumindo seu lugar no parapeito e olhando o rio correr abaixo de mim. A cada trinta segundos, olho para ela. Às vezes, eu a vejo com facilidade, em outras, tenho que semicerrar os olhos, mas ela ainda está na represa, embora possa estar procurando uma carona para volta a Las Vegas.

Não sei quanto tempo se passa antes que eu caminhe em sua direção. Ela está do outro lado da fronteira, conversando com um guarda. Me vejo obrigado a agir com calma, porque um movimento errado e posso ser jogado na cadeia.

— Oi, querida. — Coloco a mão em seu quadril e dou um beijo na sua bochecha. Ela dá um meio sorriso e seu corpo parece se acalmar. Ainda que esteja brava comigo, ela anseia pelo meu toque. — Viu tudo o que queria? — pergunto, esperando estabelecer um tom amigável com o guarda.

— Sim, só estávamos conversando.

Não escapa à minha atenção que sua declaração pode ser facilmente tirada de contexto. Não sei se vou embora ou espero pacientemente. Ela torna a escolha mais fácil para mim ao se despedir do guarda e seguir caminhando na minha frente. Me certifico de manter a mão em sua cintura para que ele saiba que ela está comigo.

— Sinto muito por ter lhe dado um tapa — ela diz no caminho de volta para o carro.

— Eu mereci, Macey. Agi de forma errada, mas não sobre a noite passada ser um erro. Eu não deveria ter perdido o controle. Isso não vai acontecer de novo.

— Tudo bem. — Sua voz soa baixa, quase como um sussurro enquanto caminhamos de volta ao Wrangler. Eu a ajudo a entrar e depois vou para o banco do motorista. Não consigo deixar de querer acalmá-la assim que voltamos para a estrada. Estendo a mão e a coloco em sua perna, puxando-a para mais perto. Sua tentativa de se ajustar no banco é sutil. Se não fosse o sistema de refrigeração automática, suas pernas estariam queimando agora.

Paramos em um restaurante à beira da estrada para jantar, e depois ela entrelaça os dedos aos meus e vira a cabeça para poder me observar. Olho para ela toda vez que tenho uma oportunidade, me perguntando se essa é a mulher que ela deveria ser se alguém tivesse dado um pouco mais de atenção a ela no ensino médio.

Quinze

MACEY

Ainda que o dia de hoje tenha sido ótimo no que diz respeito a Finn ter tirado um tempo para me mostrar Nevada, tudo estava estranho. O fato de ele se arrepender da noite passada pesa muito na minha cabeça. Eu deveria tê-lo parado. Deveria tê-lo lembrado do nosso acordo, de que ele está me pagando para estar ao seu lado, mas não consegui. Queria senti-lo sem barreiras. A mudança foi completamente egoísta de ambas as partes, mas eu deveria ter sido mais cautelosa. Lembrar aos homens o que é permitido e o que é proibido, é o que faço para viver e sexo sem camisinha é totalmente proibido para mim.

Por mais que eu queira dissecar suas ações e me fazer acreditar que depois de quase uma semana juntos, ele tenha se apaixonado por mim, não sou tão idiota. Por um breve momento, quando ele me pediu para ficar, acreditei que talvez ele quisesse algo comigo. Algo além de sexo. Esse é o problema: os homens não veem possibilidade de compromisso de longo prazo com alguém como eu. Daria tudo para mudar essa visão, especialmente no que diz respeito a Finn. Tê-lo na minha vida e na de Morgan é como um sonho, e sei que com uma frase, posso mudar tudo.

Mas ele me odiaria e prefiro ir embora sabendo que Morgan vai ficar bem. Ela é a única razão pela qual estou fazendo isso. Semana que vem, nos mudaremos para a nossa própria casa e começaremos uma vida mais saudável do que a que temos agora.

Assim que chegamos, Finn vai ao escritório e me deixa pensativa no apartamento. Faz quase duas semanas que não vejo meu bebê e sinto saudade.

— Oi — Steph diz ao atender. — Está tudo bem?

— Sim, por quê?

— É a segunda vez que você liga hoje. Está ligando porque realmente está com saudades ou para me dizer que não vai voltar para casa? — Ela suspira antes de continuar. — E se você me dissesse isso, eu diria que te amo, mas que você precisa voltar.

— Vou voltar, Steph. Prometo.

— Que bom. Quer me dizer o que está acontecendo aí?

Balanço a cabeça, mesmo que ela não possa me ver.

— Não posso — digo a ela, deixando meus pensamentos vagarem um pouco demais enquanto olho para o horizonte de Las Vegas. Eu podia me ver morando aqui com Morgan, mas estaríamos sozinhas e isso é algo que não posso fazer com ela. Por mais que eu odeie admitir, dependo de Steph e da minha mãe para me ajudar.

— Você está com problemas?

— Não, não estou. Estou bem, Steph. Estou ótima, sério. E estarei em casa amanhã. Você pode me buscar?

— Amanhã?

— Sim, eu preciso... — Não sei do que preciso, além de me afastar de Finn e do domínio que ele tem sobre mim. Isso está começando a tomar forma. Minha mente e meu corpo querem mais do que ele pode me oferecer. Não que eu espere que ele mude, mas há esperança. — Preciso ir para casa.

— Tudo bem. Morgan e eu estaremos lá.

— Falando nisso, ela ainda está acordada?

— Espere. — Steph chama Morgan enquanto espero pacientemente, olhando constantemente para trás e me perguntando se Finn vai aparecer. Sei que ele me ouviu dizer o nome de Morgan e que ele acredita que ela é um homem. Eu o deixei pensar assim, porque sei que ele sente um prazer perverso ao pensar que está me afastando de outra pessoa.

— Oi, mamãe.

Fecho os olhos ao ouvir o som da sua voz. Amanhã, nós duas estaremos aconchegadas em uma cama de algum hotel, porque me recuso a voltar para a casa da minha mãe. O dinheiro que Finn me deu é mais do que suficiente para que possamos recomeçar em uma nova vida. Ainda não sei o que vou fazer, mas depois de hoje à noite, *strip-tease* não é mais uma opção para mim. Quero encontrar um trabalho do qual Morgan possa contar a seus amigos.

— Oi, bebê. Só mais um dia.

— Eu sei. Estou animada.

— Eu também. As coisas vão ser diferentes para nós quando eu chegar em casa. Nada mais de se esconder em armários, tá?

— Quem está escondido em armários? — Me assusto com a voz de Finn. Me viro apenas o suficiente para encontrá-lo em pé atrás de mim, encostado no batente da porta. Engulo em seco e luto para reprimir o medo que está tentando me dominar.

— Ligo para você mais tarde. Eu te amo, Morgan.

Ela diz que me ama e desliga, me poupando de ter que responder a quaisquer perguntas.

— Ninguém com quem você precise se preocupar — digo a Finn. Desligo o telefone e o coloco no bolso. Passo a maior parte do tempo com medo de que ele o atenda. Não acho que ele invadiria minha privacidade assim, mas não tenho certeza.

Ele me olha com cautela e se afasta da porta. Cada passo em minha direção é calculado. Minha respiração falha quando seus dedos entram em contrato com a minha pele. Finn me empurra suavemente em direção à parede da varanda, me fazendo ofegar. Posso sentir que ele está duro e pronto enquanto toca a parte inferior das minhas costas.

— Meus amigos querem sair hoje à noite. Quer ir? — ele pergunta, parado atrás de mim. Nego. Duas noites com seus amigos, especialmente Brady, são suficientes para durar uma vida inteira. — Não — ele verbaliza para mim. — Vai ser divertido.

— Vá você. Preciso começar a arrumar as coisas.

Ele assente, mas não afasta os dedos da minha pele. É ridículo, mas os toques sutis estão me excitando. É como uma prévia do que está por vir.

— Nossa semana está quase acabando. Você realmente acha que vou te deixar aqui?

Dou de ombros, sem saber o que responder. Depois do que aconteceu hoje, achei que ele renunciaria a qualquer relação sexual. Talvez eu esteja errada.

— Que pensamento bobo, Macey. Você ainda é minha.

Sim, claro que sou.

— Estarei aqui quando você voltar.

— Hum-hum — ele sussurra enquanto beija a parte de trás do meu pescoço. Sinto arrepios em meus braços, na coluna e em meu núcleo. Um simples toque e eu derreto. Ele sabe disso, e provavelmente foi o que fez nossa semana tão espetacular. Estou dividida por saber que vou sentir sua falta quando for embora. Será péssimo me sentir sozinha, mas o fardo que carrego desaparecerá. Vou ter uma vida nova graças a ele.

— Tenho uma ideia melhor — ele fala, segurando meus seios. Tudo o que ele me prometeu, aconteceu. Transamos em todos os cantos da casa. Ele me tomou por trás, com as mãos estendidas nas janelas de vidro que vão do chão ao teto, na varanda, sob o céu noturno, nas escadas, no chuveiro, no sofá e na cama. Em todos os lugares que pudemos, fizemos.

— Qual? — pergunto, quase que incapaz de falar sem que minha voz falhe.

— Volto já. — Seu tom é calmo e preciso. O som delicioso da sua voz é substituído por um homem em ação, e isso deixa meus joelhos fracos. O calor que senti se foi e o abrir e fechar da porta são os únicos sons que ouço.

Me inclino no parapeito, exasperada e me perguntando como meu corpo pode ser tão sensível a ele quando, no fundo, eu o odeio e o amo ao mesmo tempo. Talvez o que sinto por ele não seja amor, mas uma sensação avassaladora de luxúria. Eu o desejo. Desejo seu corpo moldado ao meu, desejo sentir algo em vez de tanta mágoa e dor. Ele me tirou de minha agonia, pelo menos por enquanto. Amanhã tudo será diferente. O Finn que me resgatou do clube vai retornar. O homem aborrecido, frio e calculista me verá partir e vai lavar suas mãos. Esse é o Finn de quem preciso me lembrar. Não daquele que faz meu corpo despertar com um simples toque ou o som exuberante da sua voz. Esse homem não pode existir no meu mundo.

É fácil perder a noção do tempo em Vegas e quando ele volta, já parei de contar.

— Macey. — Ele chama meu nome, e vou até ele. Ainda estou na sua folha de pagamento e farei tudo o que ele pedir. Ele está na sala, segurando uma sacola. Pela embalagem, não preciso perguntar o que é. Já sei.

— Os caras querem ir a um clube de strip, e pensei...

— Que eu tiraria a roupa para eles? — Tento esconder a raiva e o desgosto na voz, mas sei que ele percebe. Mesmo que ele nunca tenha me chamado de prostituta, suas ações hoje à noite provarão o contrário.

— Acha mesmo que eu deixaria que meus amigos te vissem? — ele pergunta, colocando a sacola no chão.

— E se eles já tiverem visto? — contesto. — Como sabe que não fiz *lap dances* ou apresentações particulares na sala VIP para eles?

Finn segue em minha direção, apertando meu bumbum quando me alcança. Solto um gemido, mas ele não me solta.

— Você é minha, Macey. E você se esquece de que conheceu meus amigos. Não acredito que nenhum deles tenha dado qualquer indicação de que viu seus peitos ou sentiu sua boceta roçar em um deles. A menos que você queira isso. Quer que meus amigos apareçam? Essa é a sua fantasia, estar com três caras? — ele pergunta, deslizando os dedos em direção ao meu centro. — Quer um pau na sua boceta e um no seu traseiro enquanto chupa outro?

— Não — sussurro. Uma orgia nunca esteve no topo da minha lista de desejos. Nem dupla penetração, mas, infelizmente, se Finn me pedisse ou até me obrigasse, eu não negaria. Por qualquer motivo, estou determinada a agradá-lo, mesmo uma última vez.

— Pensar em te ver trepando com meus amigos me provoca repulsa — ele fala, se afastando como se eu tivesse algum tipo de doença ou que o pensamento de estar comigo o deixasse enjoado. Sua atitude me irrita.

— Que bom — zombo.

— Sim, que bom. — Ele se afasta e aponta para a sacola. — Vá se trocar e me encontre lá embaixo no clube.

Pulo quando a porta bate e luto contra uma onda de lágrimas. Ele tem sido bom para mim. Muito bom, considerando o nosso acordo. Pego a sacola, corro até o armário e a esvazio. As roupas pretas não são nada além de pedaços de tecido que me lembram da minha profissão e a razão pela qual estou aqui.

O sutiã sem taças não é páreo para a calcinha com abertura que estou usando. Estou acostumada a ficar com os seios livres, mas a calcinha, é outra história. As tiras finas se apoiam lindamente na minha bunda, me fazendo sentir sexy e surpreendentemente poderosa. Não me importo de estar exposta. É isso que Finn quer. É o que ele deseja, e eu vou jogar com sua fantasia mais uma vez. Coloco as meias pretas e as prendo nas ligas antes de calçar os sapatos de salto agulha e vestir um casaco para me cobrir.

Entro no elevador, pressiono o botão que me leva ao clube e rezo para que esteja fechado. Que eu esteja prestes a fazer um show privado para Finn. Se não, amanhã vou embora e posso deixar tudo isso para trás.

O clube está escuro e vazio, a não ser por um homem sentado no sofá que fica em frente a um dos postes. Há dançarinas em todo clube e em todo cassino. Mas elas ficam completamente vestidas. Imagino que seja para entretenimento ou para tentar fazer com que os clientes gastem mais dinheiro. Essas mulheres deixam os homens excitados o suficiente para seguirem até um clube de strip de verdade, onde gastam milhares de dólares conosco. E nós agradecemos muito o negócio.

A música começa a tocar em algum lugar e agora sei que estou dançando para duas pessoas. Talvez até três, porque quando olho para Finn, inclinado no encosto do sofá e com uma bebida na mão, percebo que deve haver um barman em algum lugar.

Sei o que fazer. Essa é minha vida. A música. O palco. O pole. Domino a arte de me despir há dez anos, e hoje vou mostrar a Finn exatamente pelo que pagou.

Tiro o casaco e o deixo no chão enquanto subo os degraus, um de cada vez, colocando um pé na frente do outro para que ele possa ver meus quadris balançando. Agarro o metal frio e algo dentro de mim ganha vida. Me inclino para trás, deixando meu cabelo cair e balançar ao meu redor antes de me levantar e girar. Cada vez que me viro, encaro Finn, me certificando de que ele esteja assistindo.

Me movo no ritmo da música e deixo minhas mãos percorrerem meu corpo. Meus quadris empurram poste de pole, fazendo barulho toda vez que encontro o metal frio.

— Você gosta disso? — ele pergunta.

Como não obtém resposta, ele pergunta novamente.

— Disso o quê? — questiono.

— A maneira como a barra de pole toca a sua boceta. Você gosta? Isso te deixa excitada?

Mais uma vez, não respondo com palavras, mas com ações. Deslizo pelo poste, sem quebrar o contato visual com ele. Com as mãos nos joelhos, afasto as pernas para que ele possa ver minha boceta e empurro os quadris, mostrando-lhe tudo como se fosse a primeira vez que ele me vê. Finn se inclina para a frente e esfrega o polegar no lábio inferior, fazendo meu interior doer. Ele se divertiu comigo diversas vezes. Me fez gozar em sua boca, em sua língua e só com o toque de seus dedos. Ele é magistral quando se trata de sexo, me levando ao êxtase várias vezes até que a dor seja grande demais para suportar. Ele está lá quando desmorono, aproveitando cada segundo e saboreando a vitória.

Finn se recosta no sofá e abre a calça. Observo enquanto continuo movendo os quadris ao ritmo da música. Ele liberta seu pênis e agora sou eu quem está umedecendo os lábios, me lembrando do seu gosto.

A primeira carícia é lenta e metódica. Ele está me mostrando seu comprimento, como se eu nunca o tivesse visto antes. Como se eu nunca tivesse me enterrado nele, me proporcionando prazer intenso.

Ele me chama com um dedo e cada passo que dou em sua direção é tão lento como quando subi ao palco. Um pé na frente do outro. Estou diante dele, observando enquanto sua mão se mexe para cima e para baixo. Minhas mãos percorrem meu corpo, mantendo o ritmo da música.

Seguro os seios e meus mamilos intumescem quando os aperto e os acaricio. Continuo dançando para ele, me virando e me curvando, acariciando minha bunda e abrindo as nádegas para ele. Se tivéssemos mais tempo juntos, não tenho dúvida de que ele me comeria ali. E sei que deixaria.

Quando a música para, me levanto e o encaro, observando-o cobrir sua ereção com a camisinha.

— Que pena — digo enquanto passo o dedo pela língua. — Queria te chupar, Finn. Queria sentir seu esperma escorrer pela minha garganta.

— Na hora certa — ele responde enquanto segura o pau. — Agora, eu quero sua boceta encaixada no meu pau.

Monto nele, pairando sobre a cabeça, esfregando a boceta molhada para frente e para trás enquanto olho em seus olhos e imagino como ele se tornou tão blasé. E por que tem tanto medo do amor. Ele me olha de volta, esperando que eu me sente em seu pau. E quando o faço, quando finalmente o sinto dentro de mim, seus olhos azuis ganham vida.

Os mesmos olhos azuis que me encaram toda noite. Aqueles dos quais ele nunca saberá a respeito.

Dezesseis

FINN

Meus músculos queimam. Eles doem quando tento me mexer. O sexo com Macey durante a semana foi incrível, mas na noite passada, foi explosivo. Do tipo que faz a Terra tremer. A ardência causada pelos arranhões na minha pele é um lembrete do que fizemos nas últimas doze horas. Ainda posso ouvi-la chamar meu nome, implorando por mais. Pensei que ia perder o controle quando a deitei na cama e fizemos amor, uma ação e um sentimento que nunca pensei ser capaz. Meu corpo assumiu o controle quando a penetrei, criando um ritmo lento e profundo. Nossos olhos ficaram presos um no outro e nossas bocas estavam a centímetros uma da outra enquanto suas mãos pegavam tudo que podiam, desde os lençóis até a lateral do meu corpo e, finalmente, meu rosto. Seus lábios me chamavam. Sua língua me provocava, me dizendo que eu queria prová-la. E quero mesmo. Nunca senti tanta vontade de beijar alguém até agora. Mas não consigo fazer isso.

Estendo a mão e encontro seu lado da cama vazio e frio. Acendo o abajur na mesa de cabeceira e meus olhos se ajustam à luz suave. Há um brilho vindo do armário. Visto a cueca, atravesso o quarto e abro a porta para encontrá-la no chão em frente a sua mala.

— O que está fazendo?

— Arrumando minhas coisas — ela fala sem fazer contato visual.

— Estou vendo, mas são cinco da manhã. — Olho para trás para verificar a hora. — Isso pode esperar até depois do jantar.

Macey continua no chão, dobrando e enfiando as roupas que comprei na sua malinha. Olho para a sua parte do armário e vejo que os vestidos que ela usou esta semana ainda estão pendurados.

É só quando a ouço fungar que percebo que algo está errado.

— Eu te machuquei?

— Não — ela murmura. Me sento ao seu lado no chão, tirando a mala do caminho para poder vê-la. Ela me olha, e seus olhos estão molhados e vermelhos.

— Macey?

Ela balança a cabeça.

— Tenho que ir para casa.

— Temos mais um dia — eu a lembro, mas ela continua balançando a cabeça de um lado para o outro. Me ocorre que algo pode estar errado em

sua casa e de forma egoísta, eu a lembrei de que nossa semana ainda não acabou.

Ela não responde e desaparece no banheiro, me deixando imaginar por que ela sentiu essa vontade repentina de ir embora. Quando ela liga o chuveiro, eu a sigo e me junto a ela.

Seu corpo estremece, não sei se pela água que ainda está fria ou pelo meu toque. Quero que seja por mim, mas nunca admitiria isso para ela. Eu a abraço, e ela inclina a cabeça para trás quando a água começa a nos molhar.

— Por que você precisa ir embora?

Ela suspira, e sinto que ela começa a chorar. Macey tenta se segurar, mas não consegue.

— É melhor assim — ela fala, mas não entendo. Nosso acordo é claro. Se ela for embora antes da hora, eu poderia negar o pagamento. Será que ela não percebe isso?

Nos afasto da água, deixando o chuveiro ligado para que ele nos aqueça um pouco. Seguro seu rosto e levanto seu queixo para que ela me olhe.

— Me diga o que há de errado.

Ela aperta meu pulso e balança a cabeça. Macey esquece que a leio como um livro, que sei quando ela está chateada. Não importa que ela esteja tentando lutar contra as lágrimas ou não.

— Não vou perguntar de novo, Macey. Se você for embora agora, não vai receber o dinheiro. Vai ser uma quebra do nosso contrato. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa perceber o impacto que elas terão sobre nós. Não quero tirar o dinheiro dela, mas sem nenhuma indicação do motivo pelo qual ela quer ir embora, não tenho escolha. Tudo estava bem. Pelo menos, eu pensava que estava.

— Estou muito envolvida — ela fala. — Estou sentindo coisas que não deveria. — Suas palavras me fazem recuar. Abaixo as mãos e quando ela me alcança, saio do chuveiro para digerir o que ela disse e a deixo ali. Suas palavras me atingem e fazem meu coração disparar. Não posso estar no mesmo lugar que ela, sabendo que não sinto a correspondo. Que nunca vou corresponder. Algumas pessoas dizem que sou emocionalmente destruído, e estou bem com esse título. Gosto do jeito que sou.

Eu me seco e me visto rapidamente antes de correr para o escritório. Macey anda de um lado para o outro e a ouço soluçar. Sei que devo ir até ela, mas não o faço. Em vez disso, pego o dinheiro que lhe devo e o levo para o andar de baixo.

— Precisa que eu reserve seu voo? — pergunto, atrás dela. Ela endurece, mas balança a cabeça. Assinto, embora ela não possa me ver. — Seu dinheiro está na mesa. Foi ótimo vê-la novamente, Macey.

Me viro e saio do quarto, do meu apartamento e da vida dela. Não sei agir de outra maneira. Não quero uma despedida prolongada ou uma rapidinha. É melhor terminar as coisas assim, antes que ela se envolva ainda mais.

— É cedo — Lamar grunhe, atendendo minha ligação.

— A Macey está indo embora. Certifique-se de que ela chegue ao aeroporto.

— Certo — ele fala, fazendo uma pausa. — Algo mais?

— Deveria haver?

— Não sei, chefe. Você é quem tem que me dizer.

O silêncio entre nós é preenchido com estática. Há muito mais, mas nada que eu esteja disposto a admitir. Não quero que ela vá. Nem hoje, nem amanhã. Não sei se é o ciúme que está queimando profundamente por causa de Morgan, ou talvez seja o fato de que quero que ela fique por vontade própria, que seja uma presença constante ao meu lado, sabendo que a observarei sempre que ela entrar no meu cassino. Quero que ela preencha o vazio e a solidão que sinto há anos.

— Ela precisa de um telefone celular. Pedi que Hanna providenciasse um para ela. Está na gaveta da minha mesa. Avise que vou cuidar da conta e deixe meu número programado no aparelho.

— Você vai ligar para ela?

Sim, todas as noites para que eu possa ouvir sua voz.

— Provavelmente não, mas quero que ela tenha meu número caso precise de algo. — Desligo antes que ele possa me convencer de que isso é loucura. Antes que ele possa apontar o quanto estou sendo estúpido. Não era Lamar quem deveria levá-la ao aeroporto, era eu, mas não posso. Hoje, não. Preciso que ela saia nos meus termos, não nos dela.

Vou até a garagem e entro na Ferrari. Eu tinha planos de levar Macey para passear neste carro, mas raramente saímos do apartamento, a menos que fosse para irmos a algum evento. Não saí para beber e jantar como havia planejado. Só transamos até a exaustão e depois voltei para mais.

Nada do que planejei pareceu dar certo, a não ser a viagem à represa Hoover. Depois de um começo difícil, acabou sendo um dia agradável e uma noite excepcional. Fazer Macey dançar para mim me proporcionou o maior tesão que já senti. Meu pau estava gritando para se enterrar dentro da sua

boceta desde o momento em que o tirei da calça. O líquido pré-ejaculatório estava escorrendo antes que eu pudesse me tocar. Eu a queria demais.

Acelero e pego a Strip, indo em direção à academia. Sei que vou encontrar Seth com um bando de mulheres ao seu redor. Seu título de treinador profissional é amplo. Ele é mais um conquistador profissional, daqueles que transa com todas as mulheres que entram na academia para malhar. Todas querem seu pau, e ele o dá com prazer.

Não estou vestido para ir malhar, mas isso não importa. Ele mantém uma pilha de roupas no armário e as troca toda semana para que sempre haja algo novo para vestir. Assim que saio do vestiário, ele me vê e assente. Vou até ele, sorrindo para as quatro ou cinco mulheres com quem está malhando.

— Vocês estão lindas, garotas — digo, e elas se derretem. Sou um cretino, mas sei como elogiar.

— O que está fazendo aqui tão cedo?

Movo a cabeça de um lado para o outro, deixando-o saber que agora não é hora de conversar. Normalmente eu procuraria Brady, mas como ele está interessado em Macey, não precisa saber que ela está indo embora hoje.

Seth dá algumas instruções ao grupo e me encontra no supino. Ele me ajuda a colocar os pesos. Depois de dez repetições, peço que ele adicione mais alguns quilos.

— Você parece estar frustrado. Está precisando transar? Uma daquelas mulheres aceitaria de bom grado. Há uma que anda implorando por um trio. Ela quer dois caras.

Minhas mãos escorregam, e Seth garante que a barra não caia no meu peito e me mate. A conversa que tive ontem com Macey se repete na minha cabeça: eu a descrevi com três homens e o que faríamos com ela. O pensamento de estar com qualquer uma daquelas mulheres da academia faz meu estômago revirar.

— Você transou com todas? — pergunto. Ele inclina a cabeça e sorri.

— Sim.

— Vi que algumas delas usam alianças.

Seth passa a mão sobre o cabelo perfeitamente penteado.

— Sim, elas estão solitárias. Os maridos não prestam atenção nelas ou coisa do tipo. Aquela de azul é uma loucura. Você gostaria dela.

— Não, obrigado — digo. Não posso julgá-lo por seu estilo de vida, mesmo que eu queira. Estamos em Vegas e as regras não se aplicam aqui. Há mais casamentos e divórcios em um dia em Nevada do que em qualquer

outro estado. A maioria das pessoas vem até aqui para se casar e anula a coisa toda até o final da semana, porque algo bobo acontece. É por isso que nunca me casarei. Nunca cruzarei essa linha com alguém, porque não posso confiar em mim para amar outra pessoa.

— Onde está sua garota?

— Não sei. — Vim até aqui com a intenção de contar a Seth sobre Macey, mas não consigo dizer nada. Acho que é melhor deixar algumas coisas em particular.

Termino a repetição e peço licença para bater no saco de pancadas. Normalmente, Lamar vem comigo, mas hoje estou sozinho, o que significa que infelizmente tenho que usar o saco.

Coloco as luvas e inicio meu ataque, imaginando a aparência de Morgan. Soco sua cara feia diversas vezes, acabando com ele no processo. Na minha imaginação, o nariz inchado, o lábio cortado e os olhos roxos não são suficientes e tenho que esmurrar seu corpo. Ele fica ali, me encarando como o lixo que é por prostituir a mulher. Ele sabe o que ela tem feito a semana toda? Não consigo imaginar uma vida onde eu faria minha mulher tirar a roupa para outros homens. Um cara deve cuidar de sua mulher ou deixá-la.

Foi o que fiz, a deixei voltar para esse idiota e nunca mais a verei. O que isso diz sobre mim? Não muito, a não ser que paguei por ela. Paguei para ela se entregar a mim, para que se submetesse a todos os meus desejos e aos dela também. Talvez isso me faça tão ruim quanto *ele*.

Termino com o saco e sigo para o vestiário. Tomo um banho rápido e vou para o carro, me perguntando o que vou fazer agora. Não posso ir para casa, porque o cheiro de Macey está por toda a parte. A cobertura precisa de uma limpeza e todas as roupas que ela deixou precisam ser retiradas. Não quero nenhum vestígio dela em minha casa. Será como se ela não existisse.

As horas passam enquanto dirijo sem rumo pela cidade. Lamar mandou uma mensagem durante o almoço para me avisar que ela havia ido embora, e eu lhe disse que queria que todos os vestígios dela fossem apagados do meu apartamento. Há alguns minutos, ele me avisou que a casa está limpa.

Mas quando entro no elevador, posso senti-la. Seu cheiro permanece nos meus dedos, mesmo eu tendo tomado banho. O silêncio me atinge assim que abro a porta e me vejo abrir a boca para chamar seu nome. Não entendo minha reação. Foi um acordo comercial e agora acabou. Paguei pela sua boceta e nada mais.

Me deito na cama e meu telefone cai no chão. Me inclino para pegá-lo e vejo um pedaço de papel debaixo da cama, do seu lad... do outro lado. Vou até lá para pegá-lo, esperando que seja o número do seu antigo telefone. Mas não é. É a foto de uma garotinha com cabelos escuros e olhos azuis, uma versão menor de Macey. Viro a foto e meu coração se aperta.

Morgan, 9 anos.

Dezessete

MACEY

— Quer falar sobre isso?

A senhora idosa ao meu lado me entrega um lenço de papel. Aceito e lhe ofereço o maior sorriso possível. Sabia que seria difícil ir embora, mas não achava que meu coração fosse doer tanto. Mal posso respirar devido à dor que estou sentindo no peito. Não doeu tanto nem quando descobri que estava grávida e sozinha.

— É sempre difícil deixar Vegas — ela me diz. — Você não é a primeira mulher a chorar em um voo saindo desta cidade.

— Imagino — murmuro e apoio a cabeça na janela. Chorei ainda mais quando ouvi a porta do apartamento se fechar, mas esperei que Finn voltasse para se despedir. Quando Lamar apareceu, soube que ele estava ali para me levar ao aeroporto e que meu último momento com Finn havia se perdido para sempre. Repassei a cena inúmeras vezes na minha cabeça: Finn me levaria e estacionaria na calçada. Me ajudaria a sair do carro e ficaríamos ali, em um silêncio estranho, mas familiar. Então ele me beijaria. Ele finalmente me daria um beijo depois de uma semana juntos.

Em vez disso, minha partida espelhava minha chegada. Lamar carregou minha mala para um carro e seguimos em silêncio até o aeroporto. A única diferença era que, dessa vez, eu estava vestida. Ele não estava vendo meus mamilos atrevidos pelo robe fino ou dando uma olhada na minha virilha. Hoje, eu usava jeans e um suéter para me manter aquecida durante o voo.

— Você o ama?

— Sim. — A resposta é automática e sem reservas. Por mais complicado que Finn seja, é fácil se apaixonar por ele. Sei porque Brandy disse que há uma fila esperando sua aliança, e embora parte disso seja em decorrência do seu status em Las Vegas, a maior parte se deve ao fato de, no fundo, ele ser uma alma sensível. Ele cuidou de mim quando mais precisei, quando não fui forte o suficiente para cuidar de mim mesma. Finn estava lá, sem perguntas. Ele nunca me perguntou por que eu estava em Las Vegas ou para que eu precisava do dinheiro. Ele apenas se ofereceu para ajudar, me dando o dinheiro que perdi no cassino. Ele não precisava fazer isso. Eu poderia ter contado tudo a ele, mas não o fiz, e isso pesa muito nos meus ombros.

— Se você o ama, por que está aqui? Você deveria estar lutando por ele.

Abro um meio sorriso. Gostaria de poder seguir o seu conselho, mas não é tão simples assim. Com um leve movimento de cabeça, respondo:

— Ele não me ama e nunca vai me amar. Somos muito diferentes, levamos vidas diferentes.

— Como assim?

Suspiro, passo a mão pelo cabelo e puxo o rabo de cavalo.

— Somos como a noite e o dia. Nós dois somos ferozes, mas de maneiras diferentes. Quero cuidar dele, ajudar a aliviar suas preocupações, mas ele... ele não acredita e se distancia das emoções, talvez pela vida que leva na cidade. Não sei. Ele não quer amar, mas houve momentos em que pensei que ele me pediria para ficar. Achei que as coisas seriam diferentes e que eu conseguiria ter meu conto de fadas.

— Mas?

— Mas não é para ser. Ele gosta da vida de solteiro, das mulheres batendo na sua porta e de sair por aí sem compromisso. Não posso competir com essas coisas.

— E, ainda assim, vocês ficaram juntos e algo incrível aconteceu?

— Por que você está dizendo isso? — pergunto, olhando para ela.

— Sinto isso pelo seu olhar e pela maneira como você fala sobre ele. É como se ele tivesse te magoado, mas você estivesse disposta a perdoar.

— Sim, é por aí. — A coisa incrível aconteceu há anos, e é a Morgan. Tudo o que aconteceu na semana passada foi maravilhoso e bonito e ainda assim, eu me odeio por isso.

O avião se afasta do portão de embarque, e toda a esperança de ver Finn entrar no avião e me pedir para ficar desaparece. Eu sabia que era um tiro no escuro, mas a esperança é a última que morre. A única coisa que tenho são meus sonhos. Só isso vai me manter sã agora. A senhora ao meu lado começa a cantarolar. Não conheço a música, mas é reconfortante.

As lágrimas caem ainda mais rápido à medida que decolamos. Ela segura minha mão, me consolando. Fecho os olhos quando o horizonte de Vegas aparece, pois não quero vê-lo desaparecer em um piscar de olhos. Uma vez que estamos no ar, ela me solta.

— Não entendo o amor de hoje em dia.

— Nem eu — respondo com uma risadinha.

— Qual o nome dele? Deste homem que você ama?

— Finn. — Seu nome escapa dos meus lábios antes que eu possa me impedir de dizer. Tenho duas horas para tirá-lo da cabeça e me concentrar no

futuro, e aqui estou, revivendo tudo que aconteceu, porque não consigo parar de chorar. Se eu pudesse me manter distante e com raiva, estaria em uma posição melhor. Droga, talvez eu devesse ter usado minhas roupas de stripper no avião. Com certeza isso faria com que ela não falasse comigo, mas o cara ao seu lado, sim. Seria mais fácil para mim, já que lido melhor com os homens. Eles são transparentes e fáceis de entender quando sou Catalina e não Macey.

— Bem, Finn é um babaca.

Desta vez, rio alto. Ele é babaca, mas ao mesmo tempo, não é. Ele me disse que nosso acordo tinha prazo para acabar desde o primeiro dia e no começo acreditei, mas ele entrou no meu coração, me mostrando tudo o que faltava na minha vida. O fato é que se ele soubesse que engravidei na única noite que passamos juntos há anos, ele não seria um figurão de Las Vegas. Pelo menos, acho que não. Ele ficaria em casa e estudaria na nossa cidade. E estaria por perto para nos ajudar.

Mas agora, ele tem uma vida boa. E eu tenho trinta mil dentro da mala. Esse dinheiro vai me ajudar a recomeçar. Claro, tive diversas chances de contar quem é a Morgan, mas a que custo? Ele tem dinheiro suficiente para contratar advogados poderosos para tirá-la de mim. Ela é tudo que eu tenho. Os tribunais não se importariam que eu seja sua mãe, porque é nítido que precisamos lutar para viver. Com o pai, ela teria tudo.

E ela merece tudo.

— Finn é um babaca — concordo. — Mas também é inteligente e bonito. Ele sabe cuidar das pessoas quando quer, mas está com o coração fechado e com medo de se apaixonar. Fui boba em pensar que ele poderia mudar de ideia, mas não sou o suficiente para que ele considere. — Talvez porque eu não tenha tentado ou por não ter baixado a cabeça para sua atitude arrogante. Mesmo que ele estivesse me pagando para fazer o que queria, não deixei que pisasse em mim.

— Vegas faz isso com os homens. Eles ficam muito acostumados a ter tudo o que querem.

Ela não faz ideia.

— Seu namorado parece um idiota completo.

Nós duas olhamos para nossa direita, encarando o homem que ocupa o assento do corredor. Franzo o cenho e volto a olhar para a janela. Sei que falamos alto, mas isso não lhe dá o direito de se intrometer.

— O quê? — a senhora pergunta com um tom surpreso.

— Olha, estou sentado aqui ouvindo a conversa de vocês. É sério, esse cara é um idiota. Me perdoe por dizer isso, mas você é linda e tem um corpo incrível. — Ele dá um tapinha no meu braço para chamar minha atenção e agora que estou olhando, ele continua. — E me perdoe por dizer isso, mas se eu estivesse te pegando — ele faz um movimento com a mão entre nós dois — não abriria mão.

— Amor não tem a ver com sexo — eu o repreendo. — O amor deveria ser diferente.

— Tem razão. Amar é fazer sacrifícios, desistir dos fins de semana com os amigos, porque sua mulher está doente. O amor tem a ver com as necessidades do outro, em garantir que a mulher amada tenha prazer, seja querida e adorada. Amar é voltar para casa depois de um dia duro no trabalho e cair nos braços da sua companheira, sabendo que você tem com quem dividir os problemas. — Ele para e balança a cabeça. — Não sei há quanto tempo você está apaixonada pelo Finn, mas me parece que ele não te merece.

Sinto exatamente o oposto. *Eu* não o mereço. Nunca o mereci, nem mesmo quando ele me deu uma parte sua para sempre.

O voo transcorre relativamente calmo depois disso. Fecho os olhos e sonho com Morgan correndo até mim no aeroporto. Só que a pessoa que está junto com ela é Finn, não Steph. Acordo enquanto o avião aterrissa. Olho pela janela e vejo o aeroporto vazio.

— Você mora aqui? — a senhora ao meu lado pergunta. Eu concordo. — Eu também.

Quando o avião chega ao portão, soltamos os cintos de segurança e começamos a pegar nossas coisas. O homem que estava sentado no assento do corredor fica de pé e nos pergunta qual é a nossa bagagem. Ele age com cortesia e pega nossas malas, segurando a fila para que possamos sair antes dele. Gostaria de pensar que Finn faria a mesma coisa até me lembrar que ele provavelmente só voa de primeira classe ou deve ter um jato particular.

Quando chegamos no desembarque, o cara me puxa para o lado.

— Olha, me desculpe pelo que disse. Passei dos limites.

— Tudo bem. Eu não deveria ter me aberto tanto assim.

— Não, os aviões tendem a se tornar sessões de terapia. De qualquer forma, gostaria de te compensar, se você quiser. — Ele me entrega um pedaço de papel com seu nome e número. — Me liga. Sou da região.

Olho rapidamente para o seu nome antes de enfiar o pedaço de papel no bolso.

— Obrigada, Joel. Vou pensar sobre isso.

Ele sorri, assente e começa a andar. Corro o mais rápido que posso quando chego ao saguão, arrastando a mala junto. No setor de retirada de bagagens, vejo minha filha com um buquê de flores na mão e Steph examinando a multidão. Assim que me vê, ela aponta para Morgan, que sai correndo.

— Mamãe — ela grita. Não me importo que ela tenha dez anos e aja como se tivesse cinco. Nunca ficamos tanto tempo longe uma da outra, e eu amo cada minuto desse encontro.

Me ajoelho segundos antes que ela se jogue em cima de mim. Ela é um pouco pequena para a sua idade, o que me permite pegá-la no colo.

— Senti tanta saudade.

— Eu também, docinho. Eu também.

Morgan e eu nos sentamos no chão e nos abraçamos enquanto as pessoas andam ao nosso redor. Não estou nem aí se estamos no caminho ou não. Preciso desses momentos com minha filha.

— Não vá embora nunca mais, tá?

— Prometo. — É uma promessa fácil de fazer, porque nunca mais vou voltar a fazer strip. Eu seria tola se desperdiçasse o dinheiro que Finn me deu e não fizesse algo com ele, como estudar para ter uma profissão ou fazer algo útil.

Abraço Steph e a agradeço por tudo. Nunca poderei retribuir os favores que ela me fez, mesmo que eu tente. Entramos no carro, e eu peço que ela nos deixe em um hotel. Digo que só vou voltar para a casa da minha mãe para pegar nossas coisas. Isso se ela não tiver vendido tudo. Fiquei fora por duas semanas, e ela não me ligou em momento algum. Ou minha ausência passou completamente despercebida ou ela simplesmente não se importa. Mas ela vai se importar quando o senhorio bater à sua porta para pegar o dinheiro do aluguel e eu não estiver lá.

Morgan e eu entramos no hotel. Há um parque aquático lá e mal posso esperar para irmos nos divertir. Faço o check-in, desarrumo a bagagem e coloco a maior parte do dinheiro no cofre embutido do quarto. Tenho que confiar que ninguém vai entrar e pegar meu dinheiro enquanto eu estiver fora. Essa é outra razão pela qual precisamos ficar em um hotel. Se eu levasse esse dinheiro para a casa da minha mãe, ele desapareceria no minuto em que eu piscasse.

Ao desfazer nossas malas, percebo como as roupas de Morgan estão surradas. Nenhuma das suas coisas é nova. Foi tudo comprado de segunda e terceira mão. Precisamos de roupas novas, acessórios e comida. Não vamos pedir delivery nem comer sobras. Hoje, vou tratar minha filha como uma princesa. Continuo a esvaziar a bolsa e encontro um iPhone novinho em folha com um bilhete:

Finn queria que você ficasse com isso.

Lamar

P.S. Sugiro que você não desista com tanta facilidade.

— O que é isso? — Morgan pergunta.

— Um telefone. Daqueles que têm joguinhos.

Seu rosto se ilumina. Todas as suas amiguinhas têm algum tipo de dispositivo eletrônico enquanto ela não tem nada. *Chega*, digo a mim mesma. Tudo isso vai começar a mudar a partir de hoje. Se Finn quiser pagar por um serviço do qual não preciso, mas Morgan sim, que seja. Terei prazer em deixá-la usar o telefone.

Minha curiosidade me vence, e eu ligo o aparelho, me perguntando se ele mandou alguma mensagem. Espero mais que o necessário para que a mensagem seja exibida. Coloco-o na bolsa ao perceber que nada acontece. Seguro a mão de Morgan e vou para a porta.

— Para onde estamos indo?

— Para o shopping.

Seu rosto fica ainda mais radiante.

— Sério?

Meu coração se parte com a sua animação para ir ao shopping. É uma extravagância, e ela sabe disso.

— Sim, precisamos de roupas novas. E talvez alguns brinquedos?

Ela assente e aperta minha mão.

— Podemos comprar algumas meias? As minhas estão furadas.

Luto para conter uma onda de lágrimas e agradeço a Finn em silêncio. Ele não tem ideia do que fez por mim. Não me importo com minha dignidade ou com o fato de ter dormido com ele durante uma semana para ganhar esse dinheiro, porque a expressão de Morgan faz tudo valer a pena.

— Com certeza nós vamos comprar meias novas. E qualquer outra coisa que você queira. Hoje, não precisamos nos preocupar com dinheiro. — Beijo sua testa e a levo para fora. Hoje, tudo será diferente.

Dezoito

FINN

Viro a foto várias vezes, sem parar. Macey tem uma filha e o principal, seu nome é Morgan. Durante toda a semana, pensei que Morgan fosse seu cafetão ou um namorado e joguei isso na sua cara várias vezes. Zombei da nossa situação, perguntando se Morgan não se importava que eu estivesse transando com a mulher dele. É claro que não se importava, porque ele não existe. Mas essa Morgan sim, e aposto que ela não tem ideia do que a mãe faz.

Tenho certeza de que Macey é a mãe de Morgan. Agora as conversas que ouvi fazem sentido e a julgar pela foto da garotinha, ela se parece com a mãe. Também me lembra alguém mais, só não consigo identificar quem é.

Não consigo parar de pensar nisso dede que encontrei a foto. Fico tentado a mandar uma mensagem para Macey, mas cada vez que seleciono seu número, meus dedos pairam sobre o teclado. O que devo dizer? *Obrigado por deixar meu mundo de cabeça para baixo com sua boceta incrível, mas ei, você deixou essa foto debaixo da minha cama*. Quero ir direto ao ponto, mas sem mostrar que me importo. Não quero que ela tenha esperanças de que exista algo entre nós.

Ainda que...

Me viro e olho pelas janelas do escritório. De onde estou sentado, vejo pessoas andando e se divertindo pelo cassino. Estão gastando dinheiro e me sinto agradecido por isso. Faz quase três semanas desde que Macey entrou por aquelas portas e perdeu todo o seu dinheiro. Aproximadamente vinte e um dias desde que minha vida mudou. Gostaria de poder dizer que foi para melhor, mas a única parte boa do mês passado foi ela ter ficado aqui. Odeio admitir isso para mim mesmo, mas é a verdade.

O interfone toca e a voz de Hannah preenche o espaço silencioso do escritório.

— A Brandy está aqui para te ver.

Reviro os olhos e penso em não atendê-la, mas Hannah sabe que estou aqui.

— Tudo bem — digo enquanto aperto o botão. Segundos depois, Brandy entra. Ela está de salto alto, saia lápis e blusa por dentro. No papel, é a esposa perfeita para qualquer empresário. Ela tem uma família influente, principalmente o pai, que financiou meus dois projetos.

— Bom dia — ela fala, se sentando de frente para mim.

— Brandy. — Não me esqueci de sua atitude com Macey e também não chamei sua atenção quanto a isso. Parece inútil agora. Ela foi embora e ainda tenho que lidar com Brandy.

— Meu pai vai fazer um evento de caridade. Você está convidado, é claro, mas gostaria de saber se você seria meu acompanhante.

Começo a negar quando ela levanta a mão.

— Sei que o que fiz foi errado, Finn, mas eu estava com ciúmes. Estou apaixonada por você há muito tempo e me doeu te ver com ela. Quero que você me olhe da mesma forma que olhava para ela.

— Como exatamente eu estava olhando?

— Como se estivesse apaixonado, o que é um absurdo, já que você não se apega.

Ela tem razão, não me apego. Isso ficou bem evidente quando vi a rapidez com que meu pai substituiu minha mãe depois que ela morreu. Isso não é amor. Quando se ama alguém, você está ao lado de pessoa de corpo, alma e coração. Não transa com outra no minuto em que a pessoa vira as costas ou morre.

— Não estou apaixonado por ela. — Mesmo quando digo as palavras, não sei se acredito nelas. Achei que só precisava de uma semana com Macey, que quando terminasse, eu lavaria minhas mãos e seguiria em frente, só que penso nela constantemente e agora é a garotinha na foto quem está lá ao seu lado. Me pergunto o que elas estão fazendo e se estão sozinhas. Será que estão seguras? Me lembro claramente do tipo de lugar em que Macey cresceu e não consigo imaginar sua filha sendo criada lá também. O pensamento me deixa enjoado.

— É bom ouvir isso.

— Também não te amo, Brandy. — Sua expressão se desfaz, mas só por alguns segundos.

— Eu sei, mas juntos somos mais fortes. Juntos, poderíamos ser o casal mais poderoso de Vegas. Faríamos essa cidade de gato e sapato.

— Boa analogia — zombei.

— Sabe que tenho razão, Finn.

Infelizmente, sim. Mas admitir isso é outra coisa. Recosto na cadeira e olho para o computador. Quando pedi a Lamar que desse um telefone a Macey, deveria ter pedido para colocar algum tipo de dispositivo de rastreamento para que minha mente perversa pudesse observá-la ou pelo

menos para ver o que ela tem feito o dia todo. Ela voltou a fazer strip? Deus, espero que não.

— O que você está propondo?

Seu rosto se ilumina como se eu tivesse pedido a ela para se casar comigo. Ela se apoia na mesa e apresenta seu plano.

— Participamos das festas e eventos juntos e quando não tivermos aparições públicas agendadas, saímos pelo menos duas noites por semana para que as pessoas nos vejam juntos. — Ela volta a se sentar e sorri.

— Qual é a pegadinha? — Com Brandy, sempre algo.

— Vamos passar um ano noivos e depois nos casamos.

— Brandy — gemo e apoio a cabeça nas mãos. — Não quero me casar. — Quero continuar tendo minha liberdade. Quero poder sair por aí, olhar, tocar e sentir outra mulher quando quiser algo diferente. A última coisa que quero é me amarrar. Não suporto a ideia de que alguém me mande fazer algo ou ter que mudar para me adequar a outra pessoa. Além disso, quando olho para Brandy não vejo uma esposa. Vejo um troféu. *Se* e quando eu me casar, será porque não posso viver sem que a outra pessoa esteja comigo todos os dias, o tempo todo. Vai ser porque a minha vida parece vazia quando ela não está por perto e porque não consigo parar de pensar nela.

Tenho pensado muito em Macey, mas...

— Finn? — Brandy bate o pé, me fazendo morder a bochecha e me impedindo de falar exatamente o que penso a seu respeito.

— O quê?

— Como eu estava dizendo, meu pai não quer mais investir. Ele está começando a achar que não vale a pena, e eu concordo. Mas também sei que eu poderia fazê-lo mudar de ideia se fosse necessário. E posso garantir que ele afaste o sr. Cordova de você também. — Ela dá de ombros como se não fosse grande coisa. Conheço a sua família há muito tempo e sei que ela sempre consegue o que quer. Se ela falar com o pai, eu poderia me dar mal.

— Você quer tanto se casar comigo que não se importa que eu tenha outras mulheres? — Porque é assim que sou... um homem que ama a companhia das mulheres. Não de uma, mas de muitas e com frequência.

Ela empalidece e semicerra os olhos.

— Não diga isso. Não quero que você me constranja, Finn McCormick.

— Certo. — Brinco com a caneta que está sobre a mesa, sem fazer contato visual com ela. — Tenho que pensar.

— O que há para pensar?

Dou de ombros, sabendo que a lista é longa.

— Se quero ou não parar de trepar com metade de Vegas e me amarrar a você.

Brandy fica perplexa.

— Se sabe o que é melhor para você, vai me ligar até o final do dia. — Ela se levanta e sai do meu escritório. Espero que ela vá embora, mas me engano. Posso ouvi-la conversando com Hannah, bancando a boazinha.

— Preciso de você — digo no intercomunicador de Lamar. Momentos depois, Lamar entra no escritório. Faço um sinal para que ele feche a porta a porta.

— A Brandy me deu um ultimato hoje — digo a ele. — Ela me disse que o pai não quer mais investir, mas que ele o faria se fôssemos casados. E ela está ameaçando influenciar Cordova também.

— Puta merda.

— Sim — digo, suspirando. — Quando minha vida se transformou nessa bagunça?

Ele balança a cabeça. A resposta é quando comecei a namorar com ela na faculdade e decidi que não queria ser como meu pai, pulando de uma esposa para outra. E eu definitivamente não queria me casar com ela.

— Vou marcar uma reunião com o sr. Kramer. Vamos descobrir se ele realmente pensa assim ou se ela está jogando. Acha que conseguimos convencer Cordova a continuar?

— Não tenho tempo. Ela quer uma resposta até o final do dia. Brandy quer ir comigo a todos os eventos sociais, sair duas noites por semana e um noivado de um ano. Merda. — Jogo a caneta na mesa e me recosto na cadeira. Dependi muito do dinheiro do pai dela e se ele tirasse o investimento do meu terceiro projeto, atrapalharia tudo.

— O que você vai fazer?

— Não sei. Não posso perder o investimento ou a construção vai ter que parar. Não tenho capital suficiente para mantê-lo em andamento e não há tempo para substituir o investidor e continuar pagando os trabalhadores.

Me levanto e vou até a janela.

— Só precisaria de seu investimento em mais um projeto. Se ele sair, perco tudo.

— Nossa única opção é nos encontrarmos com ele — Lamar fala.

— Não tenho tempo.

— Pode ser que tenha. Você não tem uma reunião ou precisa se encontrar com os arquitetos? Existe algo que possa te tirar daqui até que eu consiga me encontrar com o sr. Kramer? Se você tiver uma reunião de negócios, a Brandy não pode esperar uma resposta imediata.

Balançando a cabeça e imagino meu pequeno império descendo pelo ralo, tudo por causa de uma mulher. Não, por duas mulheres. Brandy tem ciúmes de Macey, e com razão. Mas nunca esperei que ela agisse assim.

— Posso ser franco?

— Mesmo que eu diga que não, você vai falar, então quem sou eu para impedi-lo? — Tento brincar, apesar do problema que está diante de nós. Ele ri e eu me apoio nas janelas. — Vá em frente.

— Mesmo que você não queira admitir, a Macey te conquistou. Quando estavam juntos, você estava diferente, mais feliz. Caramba, você até tirou um dia de folga para passear com ela. E você nunca faz algo assim.

— Onde você quer chegar?

— O que quero dizer é que você ficou com essa mulher por uma semana e quando ela foi embora, me fez colocar um telefone na sua bolsa. Aposto que, apesar de ter tentado várias vezes, você ainda não enviou uma mensagem para ela.

Desvio o olhar para que ele não saiba que tem razão.

— Cara, vá atrás dela. Saia da cidade e me deixe lidar com o Kramer. Vou envolver o Brady e garantir que o pai não desista de investir.

— Não é tão simples assim, Lamar.

— Por que não?

— Ela tem uma filha. E nem sei onde ela mora.

— Mas eu sei — ele fala, me pegando desprevenido.

— Como assim? Como é que você sabe de algo desse tipo e não me conta?

— Isso faz parte do meu trabalho, Finn. O meu papel é te proteger. Depois que a pegamos no clube, chequei seus antecedentes. Eu precisava saber se ela seria algum tipo de ameaça, seja pessoal ou profissionalmente. Não gostei do seu acordo, mas te apoiei, porque você estava muito inflexível quanto a isso. Então fiz o meu trabalho e levantei todas as informações sobre a garota.

— Onde está o pai da criança?

Lamar dá de ombros.

— Ele não a registrou.

— E você a está vigiando?

Ele desvia o olhar, confirmando minhas suspeitas.

— Como?

— Pelo celular. Queria saber o que ela estava fazendo.

— Por quê? — pergunto, precisando saber seus motivos.

— Caso ela precisasse do seu cavaleiro de armadura brilhante.

Me sinto fora da minha zona de conforto quando Lamar se refere a mim dessa forma. Nunca quis salvá-la, apenas ajudar. Me sento e o encaro. Ele sabe o que Macey está fazendo. Sabe onde ela mora. Enquanto agi como um idiota, ele continuou de olho nela.

— Ela está bem?

Ele concorda.

— Parece estar. Ela passa muito tempo em casa e abriu uma conta bancária.

— Quanto tem lá? — O que realmente quero saber é quanto resta do dinheiro que lhe dei.

— Menos da metade. Ela pagou por um ano de aluguel, comprou móveis e se matriculou em alguns cursos.

— Está trabalhando? — Por favor, não me diga que ela voltou a ser stripper.

— É garçonete de um restaurante chamado Eddie's. — Ao ouvir esse nome, sei exatamente onde fica, supondo que ela esteja em Spokane. Faz sentido, já que não seria provável que uma mãe solteira fizesse as malas e se mudasse.

— Conheço esse lugar — digo enquanto processo as informações que Lamar me deu. Se Macey soubesse que invadimos sua privacidade, ela partiria pra cima de mim. Não estou bravo com ele, pois sua atitude facilita muito a minha próxima decisão.

— Acho que preciso visitar meu pai.

— Não acho que seja uma má ideia. Vou cuidar disso. Imagino que você queira ir o mais rápido possível, certo?

Assinto e contemplo minha próxima declaração com cuidado.

— Deposite dinheiro na conta dela.

— Finn... — ele fala, mas eu desconsidero.

— Vou dizer a ela que fui eu quando a vir.

— Você vai atrás dela? — ele pergunta como se já não soubesse.

Concordo.

— Sim, quero dizer, a comida do Eddie’s é boa e Spokane é uma cidade pequena. Vou ser obrigado a encontrá-la. — Ele não confirma que estou certo sobre sua localização, mas seu rosto revela.

— Tenho certeza que sim.

— Além disso, você vai colocar o aplicativo no meu telefone para que eu saiba como encontrá-la.

— Claro que sim. — Ele pega meu telefone em cima da mesa. Quando o devolve, há um ponto preto piscando no mapa. Tento ampliá-lo para ver onde ela está e ter uma boa ideia do endereço.

Lamar pede licença para organizar minha viagem e recuperar minha relação comercial com o sr. Kramer. Na melhor das hipóteses, ele vai achar que a filha está louca e não vai dar atenção a ela. Na pior, vou ficar noivo de uma mulher que não amo, me casar e planejar ter uma amante... se ela me aceitar.

Dezenove

MACEY

É na correria do café da manhã que ganho a maior parte das minhas gorjetas. Desde que voltei de Las Vegas, é isso que estou usando como orçamento. Fiquei tentada a gastar o dinheiro que depositei no banco, mas me recuso a voltar para onde estava morando.

Depois que voltei para casa, Morgan e eu passamos alguns dias no hotel. Pedimos serviço de quarto, rimos, nadamos e fomos ao parque aquático. Era como se estivéssemos de férias e eu não tivesse qualquer preocupação no mundo. Mas eu tinha, e elas estavam aumentando. A primeira coisa que tive que fazer foi garantir que Eddie me devolvesse o emprego. Ele o fez sem hesitar e me disse para nunca mais deixá-lo na mão. Não prometi que faria isso, mas não consigo me imaginar indo a outro lugar. Depois de garantir meu emprego como garçonete, Morgan e eu fomos procurar um apartamento perto do Eddie's, decidir sobre sua nova escola e a linha de ônibus que usaríamos. Pensei em comprar um carro, mas essa é uma despesa que não posso ter no momento.

Morgan e eu escolhemos um pequeno apartamento de dois quartos no segundo andar. É perfeito para nós duas. Quando finalmente tive a coragem de ir até a casa da minha mãe para pegar o resto das nossas coisas, percebi que foi um erro. Ela notou que eu estava mudada e, de alguma forma, descobriu que eu tinha dinheiro. Exigiu que eu a pagasse por guardar minhas coisas. Então deixei tudo lá e comprei coisas novas. Objetos que eu e Morgan podemos dizer que são nossos. Alguns são usados, como o sofá, mas as camas são novas. Pela primeira vez na vida, tenho uma cama na qual ninguém dormiu a não ser eu mesma. E isso é muito bom.

Com Morgan matriculada na escola, voltei a trabalhar em horário integral no Eddie's. As gorjetas são boas, os clientes me tratam bem e se eu for cuidadosa, posso nos sustentar com o que ganho lá. Isso significa que os cursos da universidade nos quais me matriculei não vão me sobrecarregar.

Estou empolgada para fazer esses cursos. Eu era boa em matemática no ensino médio e pensei em tentar contabilidade. Vai levar dois anos, mas valerá a pena. Sei que eu poderia ter escolhido um curso de menor duração, mas quero ter uma carreira da qual Morgan se orgulhe.

O fluxo de clientes é grande, mas nada com que não possamos lidar. O Eddie's existe há muito tempo e é um lugar importante para a comunidade.

Quando se quer um bom café da manhã, a pessoa pode ir a um fast food, mas se quiser algo incrível, ela vai ao Eddie's.

— Ei, Macey, tem um homem na minha área perguntando por você. Ele está na dois — Debbie, uma das garçonetes que estão trabalhando hoje, fala. Isso significa que tenho que dar a ela uma das minhas mesas.

— Pode ficar com a dezoito — respondo enquanto vou para a sua área. Trabalho aqui há anos e conheço este lugar de cor, o que significa que estou andando e olhando para o bloco de pedidos para ter certeza de que não deixei de passar nenhum deles.

Assim que chego à mesa dois, tudo congela. Finn está ali, me olhando com aqueles olhos azuis. Olho em volta, me perguntando se é algum tipo de piada. Mas quem faria isso? Ninguém sabe a seu respeito, nem mesmo Steph. Ela vive me perguntando o que aconteceu em Vegas, mas me recuso a contar. Não quero que ela me julgue mais do que já fez.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz soa quase inaudível.

— Oi, Macey.

A maneira como ele diz meu nome deixa meus joelhos fracos, e eu me encosto na mesa em busca de apoio. Não sei se devo gritar, comemorar ou ir embora. De qualquer forma, olho em volta mais uma vez para ver quem está nos observando. Ninguém.

Engulo em seco e digo à minhas partes femininas para se acalmarem. É claro que elas ficam animadas em ver Finn. Não que eu as culpe.

— O que posso te servir? — pergunto com a caneta apoiada no bloco. Ele olha para mim, depois para o menu e de volta para mim.

— O que você recomenda?

— Ah, bem, o que mais sai é o *hash* com ovos.

— É o seu favorito?

Balanço a cabeça e aponto para as panquecas.

— Isso ou a torrada francesa — digo a ele. Morgan adora torrada francesa com açúcar e xarope.

— Vou comer panquecas.

— Algo mais? Quer um pouco de bacon?

— Não, mas quero um pouco de Macey. — Ele pisca, me fazendo corar.

— Muito engraçado.

Me afasto o mais rápido possível, deixo seu pedido na cozinha e vou para o banheiro antes que eu perca a compostura na frente de todos. Tento acalmar a minha respiração e fazer com que meu cérebro compreenda o fato

de que Finn McCormick está na cidade e aqui na lanchonete. De alguma forma, ele descobriu onde trabalho e apareceu. Por quê? Por que ele está aqui?

Depois de me lavar, volto ao salão e cuido das outras mesas. Cada vez que olho para Finn, ele está me observando. Seus olhos me seguem pelo restaurante. Sou eu quem está cuidando da sua mesa, então tenho que servi-lo, mesmo que eu queira ignorá-lo.

— Quer mais café?

— A que horas você sai?

— Só depois das três. Café? — pergunto de novo, segurando o bule.

— Quero te levar para jantar.

Balanço a cabeça e vou para a mesa seguinte. Encho as xícaras e continuo com as outras mesas até que o bule esteja vazio. Quando passo pela sua mesa novamente, ele estende a mão e segura a minha.

— Macey...

— O que é? Por que você está aqui, Finn?

— O que você acha?

— Como me encontrou?

— O Lamar fez uma verificação de antecedentes quando ficamos juntos. Este lugar surgiu como seu emprego. Chutei.

Balanço a cabeça, desejando que ele vá embora. Já tive o suficiente de Finn na minha vida. Seu pedido está pronto e por mais que eu queira jogá-lo na sua cara, não posso.

— Precisamos conversar — ele fala quando trago as panquecas.

— Não posso depois do trabalho. — Não tenho como contar a ele sobre Morgan.

— Quando?

— Não sei, Finn.

Ele corta a panqueca e dá uma garfada.

— Inaceitável.

Me lembro de que ele não é meu dono, pelo menos, não mais. Me afasto e vou para as outras mesas, parando na de Finn uma última vez para ver se ele precisa de mais alguma coisa antes de lhe entregar a conta.

E como se meu dia não pudesse piorar... sabe aquele ditado, desgraça pouca é bobagem? Hoje é o meu dia. Vejo quando a recepcionista acomoda Joel, o cara do avião, na minha área. Tenho duas opções: fingir que não o

conheço ou agir como se estivesse chocada em vê-lo. Acho que fingir é melhor.

— Quer beber alguma coisa?

— Oi. Se lembra de mim? — ele pergunta.

Finjo surpresa e sorrio.

— Sim, claro. Joe, certo?

— Joel. — Nós dois sorrimos ao mesmo tempo. Finjo estar constrangida.

— Certo, Joel. Como você está?

— Estou bem e você? — Ele segura o cardápio, me dando toda atenção. Olho rapidamente e vejo Finn nos encarando. Se eu não o conhecesse bem, diria que está com ciúmes, a julgar pela vermelhidão em suas bochechas e da pressão na mandíbula. Volto minha atenção para Joel e respondo sua pergunta.

— Melhor do que naquele dia no avião.

— Isso é bom.

— Sim. Já sabe o que quer pedir?

— Ah, sim — Joel fala enquanto olha para o cardápio. — Hum... sim, quero uma Coca-Cola e o sanduiche de peru.

Anoto o pedido, mesmo que seja fácil de lembrar e aviso que já volto. Depois de repassá-lo, volto para verificar Finn.

— Quer mais alguma coisa?

— Quem é o cara?

Balanço a cabeça de leve.

— Um cliente.

Finn deixa o garfo cair no prato, bufando.

— Ele te conhece. Posso dizer pela maneira como te olha. Está namorando com ele?

— O quê? — zombo. — Finn, o que te faz pensar que pode vir aqui e falar assim comigo?

— Você é *minha*, Macey — ele fala e fica de pé. — Minha. Te vejo quando você sair.

Ele para no caixa e paga a conta, mas não volta a olhar para mim. A recepcionista flerta com ele e sinto uma pontada de ciúme. Não deveria me importar, mas se sou sua, por que ele não pode ser meu? Finn não me olha quando sai e a única coisa que chama minha atenção é Debbie balançando algo na frente do meu rosto.

— Caramba, Macey, o que esse homem pediu? — Debbie pergunta enquanto se abana.

— O quê?

— Sua gorjeta e um bilhete. — Ela me entrega uma pilha de notas de cem dólares embrulhadas em um papel.

Quero te ver e você sabe que sempre consigo o que quero.

Finn

O mais discretamente possível, conto o dinheiro, parando quando chego em oitocentos e sabendo que há mais duas notas ali. Ele me deixou uma gorjeta de mil dólares por uma refeição de oito. E o bilhete... ele sequer deixou seu número, pois sabe que já está salvo naquele aparelho que me deu.

Joel acabou passando uma hora no restaurante, aproveitando todas as chances que teve para conversar comigo. Ele me deu seu número de novo. Mal sabe que ainda tenho o pedaço de papel que ele me deu no aeroporto guardado na cômoda. Talvez eu ligue. Talvez seja hora de acordar e aceitar que preciso superar Finn. Talvez.

Quando saio, Finn está parado do lado de fora do restaurante esperando por mim. Ele está encostado no carro com os tornozelos cruzados. Penso em caminhar em direção ao ponto de ônibus, mas sinto que ele vai me seguir.

— Entre, Macey — ele fala enquanto abre a porta. Não há gentileza em suas palavras. É uma ordem. Negócios. Ele fecha a porta e corre para o lado do motorista. Não pergunta para onde deve me levar quando pega o trânsito, mas parece estar saindo da cidade.

— Não posso demorar muito.

— Quero conversar.

— Há quanto tempo você está na cidade?

Ele sorri, olha para mim e me fuzila com seus olhos azuis.

— Cheguei hoje de manhã.

Olho para ele de forma questionadora, e ele dá de ombros.

— E você veio ao restaurante?

— Sim, eu precisava te ver.

— Certo — digo, voltando minha atenção para a estrada. Ele fica quieto e sobe a colina em direção à Pista dos Amantes. Curiosamente, sempre imaginei vir até aqui para ficar com alguém que eu estivesse interessada.

Ele segue para uma vaga isolada, perto da árvore e estaciona, desligando o carro. A vista da cidade é incrível. Tudo parece mágico e intocado. Daqui,

ninguém imaginaria que lá embaixo existe um buraco onde se vive o inferno na Terra.

— Sempre adorei a vista daqui.

— Não conhecia. É a primeira vez que venho — digo a ele. Finn me olha e segura minha mão, colocando-a na sua perna. Ele move o polegar sobre a minha pele. Fecho os olhos, me lembrando de tudo que aconteceu entre nós.

— Bem, agora você pode tirar da sua lista de coisas a fazer.

Suspiro e balanço a cabeça.

— Não tenho esse tipo de lista.

— Por que não?

Puxo minha mão de volta e me viro em direção à porta.

— Qual é o sentido de fazer uma lista de coisas que sei que nunca vou realizar?

— Eu posso ajudar.

Me viro bruscamente para olhá-lo.

— Por que você está aqui? Nosso acordo terminou e você deixou bem claro que nunca mais nos veríamos. O que está acontecendo?

Finn apoia a mão no volante.

— Nosso acordo não acabou.

— O quê?

— Você me deve mais um dia, e estou aqui para cobrar.

Zombo.

— Não te devo nada.

— Deve, sim. Você foi embora antes do prazo terminar. Você me deve outro dia e quero cobrar.

Fecho os olhos e desejo ter corrido para o ponto de ônibus. Se soubesse que ele estava lá fora, teria chamado um táxi. Faria qualquer coisa para impedir o que está acontecendo agora.

Lágrimas silenciosas começam a cair quando vejo o que vai acontecer com a minha vida. Ele sempre vai usar algo para me manter presa a ele. Se não for o acordo, será a gorjeta que me deu na lanchonete.

— Não posso fazer isso.

— Por que não? — ele pergunta.

— Porque não quero ser uma prostituta, Finn. Você me deixou uma gorjeta de mil dólares e agora estou dentro do seu carro aqui na Pista dos Amantes. Isso é prostituição e eu não...

Finn me puxa contra seu peito.

— Não foi por isso que deixei o dinheiro e não é o que penso de você. Nunca pensei em você nesses termos.

— Mas é assim que você me faz sentir — digo a ele. — As roupas, o dinheiro, o telefone... Você aparece aqui mostrando seu dinheiro... como acha que devo me sentir?

— Sinto muito, não era a minha intenção.

— Qual é a sua intenção?

Ele me solta e se endireita.

— Não sei, Macey, mas estou aqui por alguns dias e gostaria de te ver.

Assinto, sem saber se vou conseguir fazer isso. Já foi difícil superar sua perda nas últimas semanas. Não quero seguir esse caminho de novo.

— Hoje não, Finn. Não posso.

— Certo. Amanhã então. Mas não me faça esperar. Você sabe que não gosto disso.

Ele liga o carro e volta para o restaurante. Deve pensar que tenho carro, porque não pergunta onde moro. Espero que ele vá embora. Finn significa Vegas, não casa. Não o quero aqui. Quando não consigo mais vê-lo, caminho em direção ao ponto de ônibus que me levará para casa. Para Morgan.

Vinte

FINN

A estrutura de concreto que abriga o shopping da cidade é maior do que me lembro. Passei muitas horas da minha adolescência aqui, andando atrás de rabos de saia, subindo e descendo a escada rolante, observando o espaço aberto à procura de garotas. Principalmente aquelas que não frequentavam o mesmo colégio que eu, porque eram mais fáceis. As garotas da escola preparatória só tinham uma coisa em mente: relacionamento. E, mesmo naquela época, eu não queria isso. Eu gostava de poder fazer o que queria, quando queria.

Nem me lembro de quantas sessões de amassos tive no elevador, apertando o botão de parada assim que ele começava a subir. Elevador preso em um shopping nunca foi uma grande preocupação para os seguranças, por isso se tornou o local ideal para me divertir. E se um dos meus amigos entrasse antes de mim, o estacionamento dos fundos ou o deque superior tinham ótimos lugares. Saía com algumas das garotas por uma semana ou duas, talvez até alguns meses, mas seguia em frente, porque sempre havia algum obstáculo: esportes, distância, tempo... ou mesmo a irritação que sentia quando me cansava de estar com a mesma pessoa. Acho que eu era apaixonado demais pela vida no ensino médio para dar importância a uma namorada. Não posso dizer que muita coisa mudou, a não ser pelo meu relacionamento com Brandy na faculdade.

Meu telefone toca, interrompendo minha nova função como *stalker*. Desde que Lamar instalou o aplicativo que me diz onde Macey está, fiquei ligado nele e não consigo parar. Foi assim que acabei no shopping logo depois que ela saiu do carro. É como uma doença que está me consumindo. Sei que ela foi até o ponto de ônibus e andou até o seu apartamento quando desceu. Pouco depois, ela saiu de casa, voltou para o ponto de ônibus e agora está no shopping. Não preciso vê-la para saber que ela está dentro do prédio. Estou prestes a entrar e sei que vamos nos encontrar, porque o telefone que lhe dei está em algum lugar perto dela e me avisa de cada movimento seu.

O nome de Brandy pisca na tela e me irrito com a vibração insistente. Mesmo que eu odeie admitir, quero que Macey me ligue, não Brandy. Ouvir a voz de Macey ao telefone seria o destaque do meu dia e, apesar de tudo, não consigo entender o motivo disso. Disse a ela que ficaríamos juntos por uma semana e que depois estaria acabado, mas estou aqui, no

estacionamento do shopping, prestes a entrar e caçá-la como um selvagem, porque meu corpo a deseja.

— Alô — falo pelo viva-voz. Ignorar Brandy não é uma opção. Não depois de sua ameaça. Quanto mais penso sobre o seu ultimato, mais percebo o quanto ela está desesperada. Se o seu pai quiser retirar seu investimento, que assim seja. Brady não vai retirar o dele e por ser um projeto promissor, ele sabe que vale a pena investir.

— Onde você está?

— Em casa. — Duvido que ela se lembre de onde sou. Só voltei para casa uma vez durante a faculdade e foi quando minha mãe estava em seu leito de morte. Deixei este lugar junto com meu pai e sua nova esposa para trás.

— Me deixe entrar. Precisamos conversar.

— Casa errada — digo com uma pontada de riso na voz.

— O quê? — ela grita. — Não fui clara ontem?

— Foi, mas preciso cuidar de uma coisa que não pode esperar. Você, por outro lado, pode. — Minhas palavras são destinadas a acalmá-la até que eu possa resolver meus problemas. Irritá-la seria um erro, mas fazê-la esperar vai me fazer ganhar um tempo precioso. E preciso dele para garantir meu futuro. Sou rico, mas transferir a dívida de um hotel novo para meus estabelecimentos atuais não é um plano inteligente. Prefiro ter o apoio de um investidor em que possa confiar.

— Finn, precisamos começar a aparecer juntos. O fato de você ter levado aquela mulher para os eventos no mês passado vai fazer com que o nosso noivado pareça... bem, não vai ser muito lisonjeiro para mim.

Suspirando, fecho os olhos e apoio a cabeça no encosto do banco. As palavras “suma da minha vida” estão na ponta da língua, mas em vez disso, fico sentado no carro em silêncio, esperando. O que, eu não sei. Talvez um sinal ou algo que indique que a minha vida deve mudar de rumo?

Nem sei qual seria essa rumo. Só o que posso dizer é que a única pessoa que quero ver está dentro do shopping e a última com quem quero falar está ao telefone, gritando sobre como precisamos anunciar nosso noivado.

— Tenho que ir — digo e desligo sem lhe dar tempo para responder. Saio do carro e volto a olhar o aplicativo que indica onde Macey está. Não sei se o shopping mudou muito ao longo dos anos, mas tenho uma boa lembrança do seu interior.

O local está bem cheio. Desvio das pessoas enquanto tento seguir em direção a Macey. Chego a um ponto em que percebo que vamos nos

encontrar assim que virarmos no corredor. Coloco o telefone no bolso e sigo com determinação, contornando a pilastra e aparecendo diante dela.

Encontro os olhos azuis mais surpreendentes que já vi e que me impedem de seguir em frente. Registro, de forma muito breve, o rosto chocado de Macey antes de voltar a encarar a garotinha ao seu lado e reconhecendo uma versão em miniatura de minha mãe. Até o seu sorriso é igual. Ela se parecia com Macey na foto, mas ao vivo, minha ficha caiu. Ela me faz lembrar das inúmeras vezes em que me sentei no colo da minha avó e olhei para as fotos da minha mãe até memorizar todos os traços de seu rosto de querubim. Fiz isso novamente quando ela morreu, imaginando como seriam meus filhos se herdassem seus genes. Algo me diz que estou olhando um pedaço de mim agora.

Abro e fecho a boca quando Macey empurra de leve a menina para trás dela. A mulher cujo corpo eu conheço profundamente está no modo mãe protetora e não a culpo. Aos seus olhos, sou o grande lobo mau.

— O que está fazendo aqui? — ela me pergunta pela segunda ou terceira vez hoje. Perdi a noção, apesar de continuar me fazendo a mesma pergunta sem parar. O que é que estou fazendo? A resposta nunca aparece, porque o significado da pergunta muda todos os dias. Primeiro, foi porque ofereci dinheiro a Macey. Depois que ela aceitou, fiquei com ela e adorei cada minuto. Agora, estou na minha cidade natal, perseguindo-a sob o pretexto de que ela me deve mais um dia, quando não dou a mínima para isso. Na verdade, dou sim, mas por razões puramente egoístas. Quero estar com ela mais uma vez, esperando que que possa ajudá-la novamente, porque valeria a pena.

— Estamos em um shopping. — Aponto, abrindo os braços.

— Nenhuma das grifes que você usa tem loja aqui.

— Está me chamando de puta de grife?

Ela empalidece, e percebo o meu erro. Antes que eu possa me corrigir, a mamãe Macey está a todo vapor.

— Não diga essas palavras... por aí... — Ela olha para a filha e tenta sorrir, mas o riso não alcança seus olhos.

— Sua filha? — Ela assente, como se estivesse constrangida. — Essa é a Morgan?

Macey não responde, mas Morgan, sim.

— Sim — ela fala com a voz baixa e mais determinada que já ouvi. Posso dizer que essa menina é uma feroz protetora da mãe.

— Oi, Morgan. — Dou um passo à frente e aperto sua mão. É pequena, delicada e bem menor que a minha.

Macey se recusa a fazer contato visual, aumentando meu nível de ansiedade. Seguro seu braço e a puxo com gentileza na minha direção.

— Preciso falar com você.

Ela balança a cabeça, mantendo o olhar fixo em Morgan.

— Tudo bem — digo entre os dentes. — Ela é minha? — pergunto, precisando saber se a garotinha para quem estou olhando é resultado da nossa noite juntos no passado. Meu sexto sentido diz que é. Meu coração diz que não, porque passei uma semana com Macey, pagando a ela para ser o que eu quisesse, e ela não disse uma única palavra sobre termos uma filha. Em momento algum ela me corrigiu quando perguntei se Morgan era o seu namorado. Macey nunca tirou um tempo para me dizer que precisava do dinheiro para a nossa filha, ou para pegar o telefone durante todos esses anos e me pedir ajuda.

Ela não responde. Não é preciso. A lágrima que cai é suficiente para mim. Estou chateado e magoado por ela ter escondido isso de mim. Solto seu braço e me endireito.

— Foi um prazer conhecê-la, Morgan — digo, apertando sua mão novamente e tentando olhar para ela mais uma vez antes de sair do shopping. Preciso pensar e o barulho do lugar, juntamente com as pessoas nos olhando não estão proporcionando a paz e o sossego que a minha cabeça precisa agora.

— Quando eu te ligar, você vai atender, Macey — falo em tom de ameaça, e ela sabe que não estou brincando. Quero respostas e o shopping é o último lugar que eu vou conseguir.

Começo a me afastar quando ela chama meu nome, me detendo. Me viro para olhá-la. Ela está calma e, ouso dizer, orgulhosa.

— A resposta é não. — Ela se vira e caminha na outra direção, me deixando confuso e pasmo. Sei o que vi quando olhei nos olhos de Morgan. Eles são a combinação perfeita de nós dois. O sorriso torto de Morgan é o mesmo sorriso que minha mãe costumava me dar todos os dias quando eu chegava da escola. Se ela não é minha filha, com certeza Macey transou com meu sósia.

Corro para casa, ansioso para perguntar ao meu pai se ele sabe a respeito de Morgan. Sim, o homem é frio, calculista e esconderia o que ele chamaria de minha indiscrição. Ele não sabe da minha noite com Macey. Não que eu

tenha contado, mas imagino que ela tenha tentado entrar em contato comigo e teve que encarar meus pais para isso. Bastava olhar para ela na época para saber que não era do nosso bairro ou que não tinha dinheiro suficiente para frequentar uma escola particular. Uma olhada e eles fechariam a porta na sua cara, dizendo que não faziam doações e que a pessoa tinha que merecer para ganhar.

Sigo pela entrada circular e vejo luzes acesas em vários cômodos, o que me diz que ele está acordado. Não que isso importe. Vou entrar como se fosse o dono do lugar. Pode parecer rude e presunçoso, mas era minha casa muito antes da madrasta monstro se mudar.

Bato rapidamente antes de virar a maçaneta. Está aberta, e eu tomo isso como um convite. O hall continua tão grandioso quanto me lembro, com uma escada ampla e um lustre enorme pendurado no alto. A televisão está ligada, e eu o chamo em voz alta, informando que estou aqui.

O som da TV é desligado. Chamo de novo enquanto sigo em direção à sala. Encontro meu pai com o controle remoto na mão e a esposa acomodada no sofá com um livro no colo. Apesar da grande diferença de idade, ela está começando a parecer tão velha quanto ele e não posso deixar de rir. Achei que o objetivo de se casar com alguém muito mais novo era fazer você se sentir mais jovem Assim que ela me reconhece, tira os óculos e ajeita a blusa, levantando os seios para tentar chamar minha atenção. Pena que eu não me importo.

Meu pai vem me abraçar. Devo admitir que é bom ter uma recepção calorosa, mesmo que tenha prometido nunca mais voltar da última vez que estive aqui.

— Finn, o que está fazendo aqui?

Uau, essa parece ser a pergunta do dia.

— Tive um tempo livre e pensei em dar uma passada para te ver.

— Seja bem-vindo, filho — sua esposa fala para meu desgosto. Ela se levanta e me abraça, e eu retribuo porque não estou aqui para brigar ou discutir. Mas ela me segura por mais tempo que o apropriado e se esfrega na minha virilha no processo. Agora entendi. Meu pai está ficando velho e o Viagra demora para fazer efeito, então ela quer transar com o enteado. Pena que ele cortaria o próprio pau antes de se aproximar dela.

— Certo — digo, empurrando-a para longe.

— Vou arrumar sua cama — ela fala e me deixa sozinho com meu pai. Ele a observa sair da sala, mas meus olhos permanecem focados nele.

— Como você está? — pergunto, me sentando no sofá. Ele faz o mesmo e suspira.

— Cansado.

— Estou vendo. Você deveria ir a Las Vegas para jogar golfe e aproveitar a vida. — Rio quando percebo que quero acrescentar “e deixar a vadia em casa”.

— Sim, nós íamos gostar disso.

Não havia “nós” no convite, mas tudo bem. Talvez ele a leve e ela tire o atraso com o massagista.

— Vai ficar por quanto tempo?

— Não muito — digo. — Tenho algumas reuniões a respeito de um investimento e depois vou embora.

— Investimento?

— Meu próximo hotel. Estou procurando um investidor para não precisar injetar capital. É mais fácil e cria relacionamentos. É um negócio do tipo ganha-ganha.

— Conceito interessante.

Dou de ombros.

— Acho que vai ser meu último projeto do tipo. Três hotéis-cassino na cidade é um pouco demais. Preciso expandir, ampliar minha empresa.

Ele ri, mas é a verdade. Me tornei milionário pelo meu próprio esforço e estou trabalhando duro para me tornar bilionário aos trinta anos. Não posso fazer isso vendo as oportunidades passarem.

— Qual é o real motivo de você estar aqui?

Odeio que ele possa me enxergar tão bem.

— Quero receber minha herança antes do prazo — digo. — Pode liberá-la através do investimento ou me entregar diretamente, mas não quero esperar até os trinta e cinco anos para receber. Preciso do dinheiro agora.

— Você está com problemas?

— Estou em uma situação complicada. Tem uma mulher...

— Ela está grávida?

— Caramba, não — respondo. — Ela quer se casar, mas eu não gosto dela. No papel, seríamos um casal poderoso em Las Vegas, mas não a suporto. O problema é que seu pai é meu principal investidor e ela está me ameaçando. Posso conseguir outros investidores, mas não tenho tempo. A construção está em andamento e os meios de subsistência das pessoas

dependem do trabalho. Não quero que percam o emprego porque trepei com a vadia errada na época da faculdade.

Meu pai e eu podíamos não estar de acordo com seu casamento, e isso pode ter me afastado, mas não significa que vou colocar meus negócios em risco se posso contar com ele. Até porque não será um apadrinhamento, considerando o fato de que quero o dinheiro que a minha mãe me deixou. Claro, eu adoraria mantê-lo no banco rendendo, mas se eu puder usá-lo para garantir que meu projeto seja finalizado, que assim seja.

— Vou ligar para o meu contador amanhã.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. Você vai embora depois que receber o dinheiro?

Sua pergunta me pega de surpresa e não sei dizer se ele quer que eu fique ou não.

— Não tenho certeza, por quê?

— Porque eu quero que você vá, Finn. Pode passar a noite aqui, mas amanhã, preciso que vá embora. — Desta vez, ele faz contato visual e sei que ele está falando sério.

— Tudo bem.

— Não é que eu não te queira aqui, mas vi a maneira como minha esposa te olhou, umedeceu os lábios e levantou os seios na tentativa de te seduzir. Se você ficar, ela vai aparecer na sua cama, andará nua se *esquecendo* de que você está aqui ou vai me dizer que caiu acidentalmente no seu pau, e não preciso disso na minha vida agora.

Suas palavras mais uma vez me pegam desprevenido e fico sentado com a boca aberta quando ele se levanta para sair da sala.

— Ah, e tem uma carta para você na sua escrivaninha. É da sua mãe. Eu a encontrei nas coisas dela no ano passado quando estava revendo algumas das suas coisas.

Ele me deixa com esse pedacinho de informação, me fazendo pensar no motivo de nunca ter me enviado a carta. Vou até o andar de cima, rezando para que a vadia tenha saído do meu quarto. Com a sorte que tenho, é provável que esteja lá se masturbando enquanto olha minhas fotos.

Abro a porta e sinto como se estivesse de volta ao ensino médio. A cama continua no mesmo lugar, as paredes decoradas da mesma forma e os troféus continuam na prateleira.

— Caramba, que assustador — murmuro enquanto entro e fecho a porta. Verifico o armário para garantir que a vadia não esteja escondida lá dentro.

Há um envelope desbotado na minha escrivaninha. Tem meu nome escrito com a letra da minha mãe. Eu o pego com cuidado, com medo de que se desfaça devido ao tempo. Abro e pego o cartão simples. Sua letra é legível, embora desbotada.

Finn,

Uma jovem chamada Macey veio até aqui e me entregou isso, pedindo que eu mandasse para você em Vegas. Não pude fazer isso. Sinto muito. Você está destinado ao sucesso e a grandeza, e essa é a última coisa de que precisa. Por favor, me perdoe.

Dentro do envelope, há uma imagem em preto e branco que mostra uma pequena bolha. A palavra *Ultrassonografia* está quase apagada, mas as letras que compõem o nome de Macey estão no canto direito.

É o ultrassom de Morgan, tenho certeza. Minha mãe sabia a respeito dela e nunca me contou. A questão é: meu pai sabe? Se a resposta for sim... se ele deixou que minha filha crescesse há poucos quilômetros da sua casa sem nada, vou matá-lo. Ele não vai precisar se preocupar com a esposa tentando colocar as garras em mim, porque não vai estar vivo por tempo suficiente para saber se ela conseguiu ou não.

Pego o telefone e envio uma foto do ultrassom para Macey com as palavras:

Precisamos conversar... agora.

Vinte e um

MACEY

Uma batida leve na porta me assusta. Está tarde e ninguém sabe onde moramos. Mantenho a televisão ligada e espio pelo corredor para ver se Morgan sai do quarto antes de caminhar até a porta. Graças a Deus pelo tapete. Mesmo que esteja estragado e esfarrapado, ainda abafa o som dos meus passos.

Cubro a boca para esconder o suspiro audível e olho de novo pelo olho mágico para me certificar de que não estou vendo coisas. Finn está lá, com a cabeça baixa, se concentrando em algo que não consigo ver. Me encosto na porta, desejando que ele vá embora. Não quero falar com ele, muito menos vê-lo.

Faz dois dias que Finn chegou à cidade e abalou minhas estruturas. Nosso encontro no shopping foi casual. Não esperava que ele reconhecesse algum de seus traços em Morgan, mas assim que a viu, ele enxergou as mesmas coisas que eu via diariamente: seus olhos, os cabelos e o sorriso. São as melhores partes de nós dois.

Quando vi o quanto ele estava confuso, comecei a evitá-lo. Me recusei a olhar para ele, mantendo o olhar fixo em Morgan. No momento em que soltou a pergunta direta, soube que se estivesse olhando em seus olhos, derreteria.

Só depois que respondi é que percebi meu erro e que ele não me deixaria esquecer. Horas depois que o encontramos e pela primeira vez desde que me deu o telefone, o aparelho começou a tocar com alertas de mensagens. Morgan estava brincando com ele, mas sabia que ele o usaria para falar comigo naquela noite. Ainda não respondi. E estou me perguntando como ele sabe onde moramos.

— Macey, abra a porta.

Paraliso, desejando que as paredes não fossem tão finas. Ele bate de novo e me faz pular.

— Sei que você está aí. A televisão está ligada e sinto o seu perfume pela porta.

Cretino.

Destravo a tranca, solto a corrente, e abro a porta, desejando não tê-lo feito. Finn é a realização dos meu sonhos, parado ali com seu cabelo sexy, o rosto lindo e os olhos que parecem dizer “transe comigo”. Ele parece me

absorver por completo. Não deixo de notar que ele engole em seco quando seus olhos encontram os meus.

— Posso entrar?

Nego, sem querer que ele invada meu espaço pessoal. Este é o único apartamento que tenho e mesmo que ele tenha pago por ele, ainda é meu. Não o quero aqui, interrompendo nossas vidas, entrando e saindo como uma tempestade de vento. Eu e Morgan não precisamos ou queremos esse tipo de vida. Estamos felizes sendo só nós duas.

— Macey, precisamos conversar.

— Não temos nada a dizer um ao outro. Sei que te devo mais um dia. Te encontro amanhã.

Ele balança a cabeça.

— Não é sobre isso, e você sabe.

Talvez, se eu fechar os olhos e desejar com todo meu coração, eu seja transportada de volta para a Represa Hoover, no momento em que joguei a moeda e ele me perguntou qual era meu desejo. Teria dito na hora se isso significasse que ele não estaria aqui hoje.

— Por favor, você me deve isso, Macey. Fui paciente e tentei lhe dar tempo, mas você está me ignorando. Você não está trabalhando e está me deixando com poucas opções. Não vou embora até conversarmos. Podemos fazer isso lá fora para que seus vizinhos possam ouvir ou aí dentro, onde seremos apenas nós.

— Não podemos transar.

Ele ri e passa a mão pelo cabelo.

— Macey, transar é algo que fazemos muito bem, mas concordo com você. Hoje à noite, vamos nos sentar no sofá e conversar.

Me afasto para deixá-lo entrar. Me sinto constrangida pelo apartamento, considerando o lugar onde ele cresceu e mora agora. Este lugar é velho, degradado e não fica nos melhores bairros, mas é melhor do que onde morávamos.

Finn olha ao redor antes de se aproximar da parede que montei com fotos de Morgan. Não tenho muitas de quando ela era bebê, mas as que tenho estão penduradas na parede.

— Quero ouvir as palavras da sua boca, Macey.

Mordo o lábio inferior e torço as mãos. No começo, imaginei diversas maneiras para contar a ele que tínhamos uma filha ou que eu estava grávida, mas agora que ele está aqui e sabe que tem, não consigo abrir a boca.

Me sento no sofá e aumento um pouco mais o volume da TV para que Morgan não nos ouça. Ele também se senta e se acomoda na outra ponta, tão longe que sinto como se tivesse uma doença contagiosa.

— Por favor, não a tire de mim.

— É por isso que você acha que estou aqui?

Dou de ombros, sem saber o que pensar.

— Estou a ponto de perder a paciência, Macey. Me diga o que quero saber.

Olho para minhas mãos e meu pijama desgastado enquanto meus olhos se enchem de lágrimas.

— A Morgan é sua filha — digo. Minha voz falha quando termino de falar. O soluço que toma conta de mim é doloroso, mas bem-vindo. Guardo esse segredo há anos, incapaz de contar a alguém por medo de que ele ou o pai a tirassem de mim.

Se espero que ele me abrace e diga que tudo vai ficar bem, estou muito enganada. A distância entre nós fica ainda maior e quando o ouço grunhir e bater em algo, sei que ele está muito longe de mim.

— Por quê? Por que você a escondeu?

— Não é o que você pensa, Finn.

— Não? Me diga o que é então, Macey. Porque estou com dificuldade de achar que as coisas vão ficar bem antes de eu voltar para Las Vegas. Você me deixou acreditar que a Morgan era o seu namorado, ou pior, seu cafetão, quando sabia o tempo todo que ela é minha filha. Você entrou no meu cassino vestida como uma prostituta e perdeu muito dinheiro... dinheiro que não tenho dúvidas que era para alimentá-la. E depois você...

— Eu o quê? Hein, Finn? Eu o quê? — Agora estou de pé e de frente para ele. Não me importo com como ele se sente ou com o que me pareço. Ele me chamou de prostituta, apesar do fato de que sempre que me referia a mim mesma como uma, ele dizia que eu não era.

— Você me deixou te comprar por uma semana.

— Tem razão, deixei. E sabe por quê? Por causa dela. — Aponto na direção do quarto de Morgan. — Porque ela merece uma vida que valha a pena ser vivida, e não o tipo de vida que eu tive. Então, sim, deixei você me pagar e não te contei, porque não conseguia falar. Não consegui te olhar nos olhos depois que você me viu assim, derrotada e sendo chutada do seu cassino, e lhe dizer que na noite em que você realizou meus sonhos, na noite em que pensei que finalmente havia encontrado o meu príncipe encantado,

eu engravidei. Não conseguia olhar nos seus olhos e não me lembrar da garota boba que eu fui por acreditar que coito interrompido funcionaria. Você era... — Me afasto e limpo o rosto com raiva, borrando a maquiagem.

— Eu era o que, Macey? Vá em frente.

— Não vale a pena — digo, balançando a cabeça.

— *Isso* não vale a pena ou *eu* não valho? — Sua pergunta é uma faca de dois gumes e algo que não estou disposta a responder. — Você a escondeu de mim.

— Tentei contar para sua mãe. Fui à sua casa. — Engulo em seco, me lembrando do dia em que finalmente bati na porta. — Passei semanas indo até lá e esperando na frente da casa. Nunca tive coragem de bater, até o dia em que senti Morgan chutar. Eu não tinha ninguém com quem dividir esses sentimentos. Como era muito boba, achei que sua mãe se importaria.

— A minha mãe estava doente — ele fala. — Estava morrendo de câncer.

— Eu me lembro. Dei o papel do ultrassom a ela e pedi que ligasse para você. Ela disse que eu queria seu dinheiro. Ficou me olhando até fechar a porta. Como não tive notícias suas, imaginei que estava sozinha.

— Eu não sabia, Macey — ele sussurra contra o meu cabelo enquanto seus braços me envolvem.

— O que você teria feito se soubesse?

Ele dá um passo para trás e balança a cabeça.

— Não sei. Eu era péssimo naquela época. Não que eu seja muito melhor agora, mas você e eu somos diferentes.

— Somos?

— Sim, somos.

Volto para o sofá, me sento e puxo as pernas até o peito. Finn também se senta e se acomoda ao meu lado, colocando a mão entre minhas pernas. Não há nada de sexual nisso, só carinho. Quero me aconchegar a ele e sonhar com uma realidade alternativa em que poderíamos ser uma família.

— Vou cuidar dela.

A palavra *dela* permanece na minha cabeça. Ele vai cuidar de Morgan, não de mim. Não que eu mereça alguma coisa, mas caramba, quero tudo, até a vida que ele não está disposto a me dar.

— Não precisa. Ela está bem aqui. — Digo *aqui*, porque não quero que ele pense que ela vai se mudar para Las Vegas, mesmo que isso pudesse ser bom para nós.

— Minha filha não vai viver *nisso*.

Eu o afasto, ofendida por suas palavras.

— *Isso* — digo, estendendo os braços — é a nossa casa. Trabalho duro para colocar comida na mesa e garantir seus cuidados. Sei que servir mesas está abaixo de você, Finn, mas vou voltar a estudar. Vou fazer algo para o meu futuro. Quero ser alguém de quem ela possa se orgulhar.

— E eu vou te ajudar.

Balanço a cabeça.

— Não. Não queremos o seu dinheiro.

— Esse apartamento vem do meu dinheiro — ele grunhe enquanto se levanta. — Tudo isso? Eu paguei. Você não quer saber como sei onde você mora? Imagine meu horror quando descobri que minha filha cresceu em uma porcaria de casa, ou que sua mãe trabalha como stripper há dez anos para colocar comida na mesa. Não me desafie quanto a isso, Macey. Tenho dinheiro e você sabe muito bem que vou usá-lo para cuidar dela.

Não suporto olhar para ele, então corro para o meu quarto, batendo a porta atrás de mim. É mais fácil me esconder a pedir para ele ir embora, porque sei que ele não vai. No fundo, sei que ele não vai sair daqui sem a Morgan. Ele vai tirá-la de mim e não há nada que eu possa fazer.

Com o rosto enterrado no travesseiro, choro o mais alto que posso, soltando tudo. Sinto a cama afundar e sei que é Finn. Antes que eu possa protestar, estou em seus braços, e ele está acariciando meu cabelo.

— Por que está chorando tanto, Macey?

— Estou assustada.

— Com o quê? Que ela me ame? Isso é tão ruim?

Balanço a cabeça.

— Que você a tire de mim.

Finn não diz nada, mas continua me abraçando e permitindo que eu coloque tudo para fora. Perco a noção do tempo e quando levanto a cabeça, nossos olhares se encontram.

— Não vou tirá-la de você.

— Promete?

— Prometo, sim. Preciso que você seja essa mãe incrível para ela, porque é bem provável que eu falhe miseravelmente em ser pai. Não sei nada sobre isso, mas já sei que você a ama mais do que tudo e, honestamente, estou com inveja. Quero conhecê-la, Macey. E quero que ela saiba que sou o pai dela.

— Amanhã — digo a ele. — Direi a ela amanhã.

— Vamos fazer isso juntos. De manhã. — Ele me puxa para mais perto e desliza a mão por baixo da minha camisa.

— Finn, não podemos... — Eu o empurro para longe e tento ir para o outro lado da cama, mas ele me segura contra si.

— Podemos dormir. Antes que ela acorde, vou para o sofá.

— Você já dividiu a cama com uma mulher sem tirar suas roupas? — pergunto, fazendo-o rir.

— Não, mas há uma primeira vez para tudo. Além do mais, quem disse alguma coisa sobre ficar vestido?

— Finn... — eu o repreendo.

— O quê? — ele pergunta enquanto tira a minha camisa. Sou fraca no que diz respeito a ele e odeio me sentir assim. Seus lábios tocam meu pescoço e se movem para baixo até que ele esteja me mordendo por cima do sutiã. — Senti falta disso, Macey. Ficarei quieto se você ficar. — Ele pisca quando volta a me fazer sentir.. sentir que ele se importa e quer ficar comigo.

Vinte e dois

FINN

O sofá da casa de Macey é o móvel mais desconfortável em que já dormi – e já dormi em alguns sofás bem ruins antes. Há uma mola cutucando minhas costas a cada centímetro, me fazendo lembrar de que vivemos de formas muito diferentes, e que posso mudar sua vida em um piscar de olhos.

Por volta das quatro e meia da manhã, Macey acordou em pânico e me assustou. Pensei que alguém estava invadindo o apartamento e saí correndo do quarto completamente nu. Ela saiu atrás de mim, sacudindo minhas roupas para mim. Foi quando me dei conta. O sol ia começar a nascer e Morgan ia acordar.

Ontem à noite, Macey não me queria no seu quarto, mas fiquei e ganhei a última noite que ela me devia, apesar de que estar com ela não parecer ser uma dívida. Algo mudou dentro de mim nos últimos dias e não consigo entender, mas sei que tem a ver com ela.

Dormir com Macey... tinha mais a ver com anseio e desejo do que ter alguém disponível para atender às minhas necessidades. As brincadeiras duraram mais tempo, as preliminares foram mais sensuais e não um meio para um fim. Posso dizer que abraçar seu corpo nu contra o meu e conversar até que ela adormecesse foi o momento mais sexualmente carregado da minha vida.

Ainda estou lutando contra o demônio dentro de mim, aquele que quer que eu a repreenda por ter mantido Morgan longe de mim, mas meu coração diz para fazer o contrário. Somos de mundos diferentes e para ela ter coragem de ir até minha mãe diz muito. Os meus pais, por outro lado... não consigo entender por que ela não me contou, por que sentiu a necessidade de esconder isso de mim. Será que ela achou que eu não seria capaz de lidar com a paternidade aos dezoito anos? Ou que eu não apoiaria Morgan do jeito que vou fazer agora?

Ouço uma porta se abrir e me sento rapidamente, ajeitando o cabelo e a camisa. Ainda não sei o que vou dizer a Morgan, mas ela vai saber que sou seu pai antes de ir para a escola. Também espero convencer Macey a matar o trabalho, mesmo que ela tenha perdido todos os dias que passamos juntos. Na verdade, ela não precisa mais trabalhar, porque vou cuidar dela...

Minhas reflexões me dão um tapa na cara. Ontem à noite, disse a ela que cuidaria de Morgan, não dela. Ela deve achar que minha filha vai viver uma

vida luxuosa enquanto ela se mata de trabalhar. Mas não é o que vai acontecer. Macey comentou que tinha se matriculado na faculdade, e pretendo bancar todos os seus estudos.

— Oi — minha filha fala baixinho. Olho na sua direção e a vejo esfregando os olhos. Seu cabelo está todo bagunçado, fazendo parecer que ela teve pesadelos à noite. Ela usa uma camisola de algum personagem, provavelmente do seu filme favorito.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Sim. Onde está a minha mãe?

Fico sentado no sofá enquanto Morgan está parada entre mim e o corredor. Sinto como se ela estivesse me impedindo de ir até Macey.

— Acho que ela está no chuveiro.

— Você dormiu aqui?

— Sim. — Assim que respondo, começo a imaginar quantos homens entraram e saíram da vida de Morgan e faço uma nota mental para perguntar a Macey, embora eu imagine que a conversa não vá ser muito boa. De toda forma, quero saber. Se não for para minha própria paz de espírito, então... não, é só para saber mesmo.

— Ah. Qual é o seu nome?

— Finn.

— Esse nome é engraçado — ela fala, rindo, e eu rio com ela.

— Eu sei, mas tenho o mesmo nome do meu pai. Ele se chama Finnegan.

— Esse também é engraçado.

Depois de um breve silêncio, ela olha para a cozinha.

— Está com fome?

Ela assente e se senta à mesinha para dois. Me levanto e vou até a cozinha, que é menor que o banheiro de hóspedes do meu apartamento. Ainda que tenha comida na geladeira, não está cheia. Já sei o que Macey fez com o dinheiro que lhe dei graças a Lamar e sei que ela está vivendo com um orçamento apertado, mas isso é ridículo. A geladeira de uma casa deve estar sempre cheia de comida para as crianças.

— O que sua mãe costuma fazer para você? — pergunto, olhando para a caixa de leite pela metade, queijo, iogurte e algumas frutas.

— Às vezes, como um bolinho a caminho da escola ou cereal.

— O que você está fazendo? — Fecho a porta ao ouvir o som da voz de Macey. Pela expressão do seu rosto, percebo que ela está constrangida.

— A Morgan quer tomar café da manhã.

Ela olha de mim para Morgan e de volta para mim.

— Hum...

— Pensei que poderíamos sair, sabe? — Me inclino um pouco para que Morgan possa ver minha expressão, esperando que ela entenda o que estou dizendo. — Acho que poderíamos tirar um dia de folga.

— Tenho que trabalhar e a Morgan tem aula. — Ela passa por mim sem fazer contato visual e para no balcão. Dou de ombros para Morgan e concentro minha atenção em Macey, impedindo q a menina a veja.

— Fale comigo — imploro, puxando seu queixo na minha direção. Há lágrimas nos seus olhos, e ela não consegue me olhar. — O que há de errado?

— Achei que você não estaria aqui quando saísse do banho.

Tudo o que vejo em seus olhos é incerteza. Ela não confia em mim, não que devesse confiar. Nosso relacionamento, ou seja lá como vamos chamar isso, não era convencional e não lhe dei nenhuma garantia até agora.

— Não vou a lugar nenhum... até que eu tenha que voltar para Vegas. Te disse ontem à noite, eu quero isso.

— Você quer a Morgan.

Não deixo de notar que Macey não se incluiu em sua declaração e me sinto agradecido por isso. Não posso ter um relacionamento com ela. Caramba, com ninguém. A ideia de me casar com Brandy me deixa enjoado. O pensamento de estar só com ela não me atrai nem um pouco.

Mas Macey... não, não consigo pensar nela assim... pensar em nós assim. Me amarrar a alguém não é minha praia.

— Claro. — Uma pontada de tristeza aparece em sua expressão. Um homem mais forte a beijaria para afastar esses medos, mas não posso fazer isso. — Também falei que cuidaria dela. Isso significa que você não precisa trabalhar, Macey. Ligue para o trabalho para avisar que está doente e deixe a Morgan matar aula. Iremos ao lago e teremos um dia nosso.

— Tudo bem.

O desejo de beijá-la retorna, ficando cada vez mais forte, mas me contenho. Sei que quando o fizer, as comportas se abrirão e as emoções tomarão conta, confundindo a nós dois. Então dou um beijo suave em seu pescoço e me afasto, colocando um grande sorriso no rosto.

— Morgan, hoje vou levar você e sua mãe para o lago, então se arrume. Vamos parar para tomar café da manhã no caminho.

Ela arregala os olhos e esse é outro momento que acho que não acontece com frequência, se é que acontece. Ela corre pelo corredor, agitando os bracinhos. Não sei se é pela emoção de ir ao lago ou porque vai matar aula. Se fosse eu, a última opção me ganharia.

— Obrigada, Finn.

— Pelo quê? — pergunto, me virando para encarar Macey.

— Por não levá-la embora.

Puxo Macey para meus braços e beijo o topo da sua cabeça.

— Nunca, Macey. Você é a mãe, a melhor amiga e a vida dela. Quem sou eu para atrapalhar o que vocês têm?

Ela não diz nada e sai do meu alcance, desaparecendo em seu quarto. Olho para o pequeno apartamento e percebo que Macey fez o melhor que pôde sob circunstâncias difíceis.

Também me ocorre que vou ter que levar as duas para conhecer meu pai agora de manhã, e não tenho certeza de como isso vai acabar. Mas quanto mais penso na reação dele, menos me importo.

Sigo pelo corredor e abro a porta do quarto de Macey sem bater. Ela ofega e cobre os seios enquanto eu umedeço os lábios, lembrando do gosto deles.

— Você poderia ter batido — ela fala enquanto sigo em sua direção.

— Já te vi nua, Macey. Por que está se escondendo de mim? — Afasto seus braços do peito e seguro os seios, dando um beijo molhado em cada um.

— Mesmo assim... — Sua frase se desfaz, e ela muda a linha de pensamentos rapidamente.

— Quero contar a verdade a Morgan antes de sairmos. Temos que parar na casa do meu pai e pretendo contar a ele também.

Macey recua e passa as mãos nos cabelos, deixando os seios livres enquanto fantasio em transar com eles.

— Você pode ir à casa do seu pai agora, estaremos prontas quando você voltar.

— Macey, quero contar a ela. A Morgan merece saber.

— Seus pais não a quiseram — ela fala com os dentes cerrados enquanto aponta para a parede.

Suspiro e me sento na cama, puxando-a para mim. O fato de ela estar nua está acabando com a seriedade da situação.

— Não posso falar pela minha mãe, mas se eu pudesse perguntar a ela, eu o faria. Pretendo perguntar ao meu pai se ele sabia quando o vir e... bem, ele

que se foda. A Morgan não precisa dele. Mas se não sabia... ela vai ganhar um avô e uma meia-avó monstro, que provavelmente vão querer mimá-la.

— Não sei, Finn. É muito arriscado. E se ele disser algo para uma de nós duas? Não somos exatamente o tipo de pessoas que ele gostaria que você levasse para casa.

Tenho que rir, principalmente porque acho que o "tipo" do meu pai saiu pela janela quando ele se casou com a enfermeira da minha mãe, mas quem sou eu para julgar?

— Por favor... por mim? Sei que não tenho moral para pedir, mas não vou ficar aqui por muito tempo e não quero que os segredos se acumulem. A Morgan e o meu pai precisam saber. Porra, Macey, quero que eles saibam.

— E se ele a tratar mal?

— Ele não vai fazer isso. Não posso garantir que a madrasta monstro seja gentil, mas meu pai não vai agir assim. Prometo. — Me aproximo dela, apoio a cabeça entre seus seios e olho para seu rosto. Ela revira os olhos e me afasta.

— Você só pensa em sexo?

— Macey, no que se refere a você, estou sempre de pau duro. Ele é viciado na sua boceta, minha boca, nos seus peitos e minhas mãos, no seu corpo.

— Argh, Finn, você deveria escrever cartões para sex shops. — Dou um tapa na sua bunda quando ela se afasta, e Macey grita. Tenho que começar a pensar em coisas nojentas, tipo banheiros sujos, porque todas as outras visões que tenho me levam de volta a Macey e a comê-la por trás. A última coisa que quero é que Morgan me veja do quarto da sua mãe com tesão.

Assim que Macey está vestida, vai verificar Morgan e vejo minhas mensagens de texto. Só respondo a Lamar e a Hannah, deixando Brandy, Seth e Brady de lado. Eles querem saber onde estou, mas não vou dizer.

As duas saem do quarto, e eu me levanto e espero que elas entrem na sala de estar.

— Oi — digo, porque essa é a única palavra que meu cérebro pode formular no momento.

— Minha mãe disse que você tem algo pra me contar.

Olho para as duas, e Macey arqueia a sobrancelha como se quisesse me dizer que a responsabilidade é minha.

— Nós dois queremos — respondo e aponto para a mesa da cozinha. Só há dois lugares, mas não preciso me sentar.

Caminhamos até lá e Macey se senta, puxando Morgan para seu colo e deixando a cadeira vazia para mim. Com as mãos entrelaçadas, olho para as duas mulheres que podem me destruir de maneiras diferentes.

— Morgan, não tenho certeza de que haja uma maneira fácil de dizer isso ou se devo simplesmente falar.

— A mamãe diz que ser honesto, gentil e sempre dizer a verdade é o que faz de você uma boa pessoa.

— A sua mãe tem razão, nunca se esqueça disso. — Respiro fundo e olho para minha filha, pronto para contar tudo. — Sou seu pai, Morgan.

O cômodo fica em silêncio, e eu vejo seu rosto se transformar de satisfeito para confuso, e talvez até com raiva. Merda, talvez Macey estivesse certa e devêssemos ter esperado até mais tarde, mas eu não queria continuar adiando. Não queria continuar procurando desculpas sobre esse não ser o momento certo para contar.

— Morgan — Macey a abraça, mas ela não diz nada. Minha filha fica me encarando. Ela precisa acreditar que se eu soubesse da sua existência, estaria aqui. Sei disso com todo o meu coração.

Ela abre a boca para dizer algo, mas as lágrimas tomam conta e ela enterra a cabeça no ombro de Macey. Morgan murmura algo sobre comida e vida, atingindo no ponto a magnitude da situação. Macey me deixou pagar para que ela pudesse dar uma vida melhor à nossa filha e, se essa é a vida melhor, não quero saber onde elas moravam antes.

— Morgan, juro que a partir de agora que você não terá mais preocupações. Nenhuma. Sinto muito por não estar ao seu lado. Sua mãe tentou me contar, mas uma pessoa me impediu de saber sobre você. — Toco de leve em seu braço e volto para o sofá, deixando que ela e Macey tenham um momento juntas. Luto contra as lágrimas enquanto imagino a miséria em que as duas viviam e me lembrando de como era a casa quando deixei Macey depois da nossa primeira noite juntos.

A raiva borbulha dentro de mim. Estou chateado com minha mãe por ter me escondido isso. Por manter Morgan longe da nossa família e garantir que elas morassem na periferia. Sim, isso é culpa da minha mãe. Ela só precisava me contar sobre Macey e o bebê, e eu teria cuidado delas.

— Sabe — digo, ficando de pé e me aproximando delas. — Sinto muito, Morgan. Lamento que você tenha vivido... nem sei as palavras certas, mas isso nunca mais irá acontecer. Se quiser me odiar, tudo bem, mas saiba que

ainda assim vou garantir que você seja a criança mais feliz do mundo. E se a sua mãe não quiser mais trabalhar, ela não precisa.

— Como? Você é rico ou algo assim?

A encaro, altivo e orgulhoso.

— Muito rico. E você pode ter tudo o que quiser.

Vinte e três

MACEY

Não é preciso muito esforço para tirar Morgan de casa, principalmente depois de Finn dizer que íamos passear em um iate e que ele a ensinaria a andar de jet ski. Fiquei frustrada porque ela não sabe nadar, mas isso não pareceu incomodá-lo. Morgan pode ter ficado chateada, mas acho que ela está animada para experimentar algo que nunca teve. Ele também falou sobre levá-la às compras mais tarde, o que me fez recusar, mas Finn me ignorou. Sei que tê-lo em sua vida será bom para ela, mas difícil para mim. Não posso oferecer as mesmas coisas que ele e, embora não queira que ela se torne mimada, quero que ela tenha acesso a tudo que as outras crianças têm. Quero que ela se encaixe e saiba que é amada. Não que dinheiro e amor andem de mãos dadas, mas para uma criança, sim. Para uma criança, isso significa tudo, especialmente quando se cresceu sem nada.

Nunca, nem em um milhão de anos, imaginei que um dia estaria andando de carro com Finn e Morgan. Só nos meus sonhos mais loucos vislumbrei esse cenário: nós três como uma família, ainda que disfuncional, passando o dia juntos. Tentei ser forte e dizer não a Finn, mas o problema é que essa palavra não existe no seu vocabulário, a menos que seja ele quem a diz. Eu poderia falar não até me cansar, que ele tentaria uma abordagem diferente até me convencer a dizer sim. Finn é um mestre da manipulação e sabe disso.

Começo a remexer as mãos à medida que subimos a colina que leva à casa do seu pai. Toco o cabelo, a barra da camiseta que cobre o biquini, a bainha do short e até o botão que abre e fecha a janela. Faço isso até que Finn estende a mão e segura a minha como já fez muitas vezes. Tenho medo de verificar se Morgan está olhando, se ela está notando que o homem que disse ser seu pai está segurando a mão de sua mãe. Não quero que ela veja. Não quero que ela faça perguntas sobre por que Finn não está aqui o tempo todo ou por que ele não me ama. Já será ruim o suficiente quando ele for embora. Juro que achei que estava superando toda essa situação, mas ele reapareceu, tornando minha dor ainda mais profunda.

Meu coração acelera ao entrarmos no caminho circular que leva à casa dos McCormick. Finn não deixa de notar minha falta de ar, o que o faz se inclinar e sussurrar:

— Estou com você.

A questão é: eu gostaria que ele estivesse mesmo. Queria que ele entendesse por que o deixei um dia antes e que me apaixonei por ele em Las Vegas, pois vi a vida que eu poderia estar vivendo se ele tivesse me escolhido. Quando você vem do nada e não tem nada, não é difícil imaginar uma vida onde se tem tudo. Se acostumar a viver um estilo de vida luxuoso, sendo tratada como se fosse importante e querida é a coisa mais fácil do mundo. Ele vai voltar para Las Vegas dentro de alguns dias, e eu vou ter que lidar com as consequências de Morgan me questionando onde o pai está. Sei também que vou ficar me perguntando se meu coração voltará a ser o mesmo.

Finn abre a minha porta e a de Morgan ao mesmo tempo, com um sorriso que brilha mais que o sol. Ele está feliz por estar aqui. Gostaria de poder dizer o mesmo. Saio do carro e cruzo os braços, tornando impossível que ele segure minha mão. Isso não o impede de colocar uma mão no meu ombro e a outra no de Morgan e nos levar até a porta.

O interior da casa é como eu me lembro, com lustre enorme e a escadaria. Este é o tipo de casa que torna os contos de fadas realidade.

— Uau — Morgan murmura ao entrar no hall. Ela se afasta de Finn e eu a alcanço, tentando mantê-la perto de mim.

— Ei — ele fala e segura meu braço. — Tudo bem. Ela pode olhar.

— Mas...

— Sem *mas*, Macey. Acredite em mim quando digo que acho que ele não sabia a respeito dela. Se soubesse, ele teria me dito.

— Como pode ter tanta certeza?

Ele dá de ombros e isso não me deixa nem um pouco à vontade.

— É um palpite.

Quero bater em seu peito, dizer que palpites raramente dão certo e exigir que ele nos tire daqui antes que ele abra a boca. Em vez disso, eu o sigo para outra sala, onde a televisão está ligada e uma versão mais velha de Finn está lendo o jornal.

— Bom dia, pai — Finn fala na nossa frente. Seu pai apoia o jornal no sofá e olha para nós duas antes de tirar os óculos.

— Finn e convidadas, bom dia.

Finn sorri quando nos olha.

— Pai, esta é Macey Webster.

— É um prazer conhecê-la, srta. Webster. — Para minha surpresa, ele se levanta e aperta minha mão.

— Igualmente, sr. McCormick.

— E quem é essa? — ele pergunta, apontando para Morgan. Meu coração bate forte no peito, ecoando em meus ouvidos. Quero pegá-la, escondê-la e protegê-la de todos os males do mundo.

Finn olha para Morgan e sorri.

— Pai, essa é a Morgan. — Ele faz uma pausa antes de se virar para encarar o pai. — É minha filha.

O sr. McCormick dá um passo para trás e olha de Finn para Morgan, em seguida para mim e de volta para Finn. O processo é repetido várias vezes enquanto sua boca se abre, mas se fecha imediatamente.

— Vocês... — Ele balança a cabeça. — Ela é sua... — Seus olhos vagam por mim e voltam para Morgan. — Acho que preciso me sentar — ele fala, voltando ao seu lugar.

Ficamos ali, como estátuas, e me pergunto se ele começará a gritar ou continuará a ler o jornal. O sr. McCormick apoia a cabeça nas mãos e murmura alguma coisa antes de Finn falar.

— Vou levar Morgan até a cozinha para tomar um lanche, depois Macey e voltaremos aqui para conversar.

Seguro o braço de Finn quando entramos no corredor.

— Acho que devemos ir.

— Não vamos embora até que eu tenha certeza.

— Mas por que isso importa? — imploro. — Vamos embora para passar um dia em família.

Ele sorri e me puxa para seus braços, praticamente me esmagando.

— Você nos chamou de família.

Suas palavras me atingem bem no peito. Eu não pretendia, mas escapou. Ele percebeu meu ato falho e ouso dizer que gostou. Ele está feliz por eu me referir a nós como uma família?

Finn me coloca no chão e continuamos caminhando até a cozinha, onde coloca Morgan sentada na ilha com um copo de leite e alguns biscoitos.

— Fique aqui. Voltaremos já — ele fala enquanto segura minha mão e me arrasta de volta para a sala.

— Pai, preciso te perguntar uma coisa. — O sr. McCormick não mudou de posição nos últimos minutos. Paramos de frente para ele — Você sabia que a Macey estava grávida de um filho meu? Ela veio até aqui e falou com a minha mãe. Era o que estava escrito na carta que você encontrou, aquela que li na noite em que cheguei. Aquela que você deveria ter me enviado assim

que a encontrou em vez de ter colocado na minha mesa. Então me diga: você sabia que eu tinha uma filha, cuja mãe estava lutando para sobreviver?

O sr. McCormick se recosta na cadeira e me preparo o que está prestes a dizer. Tenho certeza de que vou ouvir que ele sabia e não se importava. Fecho os olhos e aperto sua mão, rezando para estar errada.

— Não sabia, Finn. Quando sua mãe estava morrendo, ela não parava de dizer que você precisava de ajuda, mas achei que tinha a ver com a universidade ou ajuda para lidar com a morte dela. Eu não tinha ideia de que você tinha uma filha. Se eu soubesse... bem, você teria se responsabilizado por ela.

Finn solta minha mão e abraça o pai. Sinto um pouco de inveja do gesto, porque não tenho essa conexão com minha mãe e não tenho ideia de quem é meu pai. Morgan estava levando o mesmo tipo de vida que eu, até que um encontro casual com Finn e uma proposta que eu não podia recusar me foi oferecida.

— Por mais que me doa ouvir você dizer as coisas que me contou sobre sua filha, fico feliz que ela tenha você. Que ela tenha a nós. — Seu pai lhe dá um tapinha nas costas, me forçando a desviar o olhar para que não me vejam chorar. Quando eles se separam, o som de um pigarrear me faz olhar para cima. — Existe algo que eu possa fazer por você e...

— Morgan — Finn completa.

— Sim, Morgan. — O sr. McCormick sorri. — Existe algo que eu possa fazer por vocês duas?

Balanço a cabeça, sabendo que ela tem Finn agora.

— Vamos sair com o iate. Quer vir? — ele pergunta ao pai para minha surpresa.

— Sim, eu adoraria. Deixe-me contar a... ah, quer saber? Preciso de um dia com meu filho e gostaria muito de conhecer minha neta.

Pouco tempo depois, voltamos para a cozinha para embalar sanduiches e tudo mais que eu possa encontrar para um lanche enquanto Finn, seu pai e Morgan vão para o lado de fora prender os jet skis na caminhonete.

Finn volta para a cozinha com um sorriso reluzente. Nunca o vi tão feliz. Em Las Vegas, ele vivia pensativo, sempre mal-humorado e mantinha um comportamento profissional, mas agora ele está diferente.

— Você está pronta? — ele pergunta enquanto pega a cesta que arrumei.

— Onde a Morgan está?

— Com o meu pai.

— Finn?

Ele coloca a cesta na mesa e me abraça.

— Macey, está tudo bem. Ele está empolgado e a Morgan adorou a companhia dele. Ele está contando histórias, e ela está fazendo todo o tipo de perguntas.

— É só que... — Quero terminar com “ela é minha”, mas não o faço. Ele precisa entender que não posso competir com o bolso dos McCormick e temo que ele exija que eu o faça.

— É só o que, Macey? Está com medo de que meu pai a machuque?

Eu concordo.

— De certa forma, sim. Ou que ela vá me odiar porque não posso proporcionar esse tipo de vida a ela.

— Você vai proporcionar, não se preocupe. — Ele beija minha testa como se isso fizesse tudo ficar bem. Mas, não. Isso só faz minha ansiedade aumentar. Sinto que minha vida está prestes a implodir e a culpa é dele.

Ele me pega pela mão e me leva até a garagem, onde encontro Morgan parada na traseira de uma caminhonete.

— Oi, mamãe.

— Oi, amorzinho. Está se divertindo?

— Estou. Precisei de uma coisa para passear no barco. Olhe. — Ela move os cabelos escuros e me mostra um adesivo atrás da orelha. Olho para ela sem entender, mas ela dá de ombros.

— Adesivo contra enjoo. Tenho um para você também — Finn comenta, se aproximando e colocando algo atrás da minha orelha. — Vai ajudar caso você precise. — Distraída, toco o adesivo e agradeço. Não acredito que ele pensou em tudo. O Finn que está se certificando de que tudo esteja perfeito, não é o mesmo Finn de Las Vegas e, sinceramente, acho que gosto muito mais desse.

Morgan e o sr. McCormick se acomodam na caminhonete. Abro a porta para acompanhá-los, mas Finn me para, batendo a porta com força.

— O que você está fazendo?

— Quero falar com você em particular. Encontraremos o meu pai e a Morgan no píer.

— Mas...

— Chega de *mas*, Macey. Confie em mim. — Ele me leva até o carro alugado e me ajuda a entrar enquanto vejo um homem que não conheço ir embora com o meu bem mais precioso no banco de trás.

— Eu deveria estar com ela — falo quando ele entra no carro.

— Ela está muito bem com meu pai. Além disso, vai ser bom para você aproveitar a companhia de um adulto.

— Já tive a companhia de um adulto. Fiquei longe dela durante duas semanas e odiei cada minuto. — Percebo, tarde demais, o significado das minhas palavras. — Não foi isso que eu quis dizer, Finn.

— Tudo bem. Preciso falar com você sobre isso. Sobre trabalho. Você parou de fazer strip?

— Sim — digo, olhando pela janela. Mesmo seguindo a caminhonete, não consigo deixar de olhar para o veículo.

— E o dinheiro? Quanto você quer por mês? E quando ela pode ir a Vegas? Ou você quer que eu venha até aqui para vê-la?

Levo as mãos ao cabelo e grito, fazendo com que Finn dê uma guinada para o lado.

— Cale a boca, tá? Só cale a boca. Não posso fazer isso agora, Finn. As coisas estão acontecendo rápido demais. Há dois ou três dias você nem sabia que ela existia, agora ela está com seu pai, como se fossemos uma família feliz, e eu não posso... não consigo processar tudo isso tão rápido. Preciso de tempo.

Ele não diz nada quando chegamos ao semáforo. Começo a chorar quando a caminhonete que carrega minha filha avança, nos deixando para trás.

— Sinto muito, Macey. Tenho que voltar para Vegas amanhã e queria ter certeza de deixar tudo organizado antes de ir. Podemos conversar sobre isso mais tarde.

Claro que ele vai voltar para casa amanhã. Ele vai mostrar a Morgan o cara legal que é e depois vai nos deixar... vai deixá-la.

Meu humor está péssimo quando chegamos ao píer. Finn estaciona e tenta segurar minha mão, mas cruzo os braços e o sigo pelo cais. E se minha vida não pudesse piorar, vejo que o sr. McCormik tem o maior barco no lago e que Morgan está mais do que animada por estar nele. Estou com raiva de Finn e quero levar minha filha para casa, mas sei que não posso fazer isso. Não posso estragar essa experiência. Ela nunca entenderia.

Enquanto embarcamos e nos acomodamos, ele se certifica de que Morgan esteja com um colete salva-vidas. Ela está sentada com o avô e o capitão do barco. Então ele me leva até a parte de baixo para desempacotar a comida. Bato as coisas no balcão, tentando descontar minhas frustrações e mordo o interior da bochecha para afastar as lágrimas.

— O que há de errado?

— Nada.

— Não minta para mim, Macey.

Eu me viro e o encaro, apontando o dedo bem no seu rosto.

— Você não pode aparecer e bancar o herói, Finn. Não pode. Não pode surgir de repente, agir como “eu sou seu pai e vamos passar o dia no meu barco” e desaparecer no dia seguinte, prometendo que vai enviar um cheque. A vida não funciona assim quando se tem dez anos. Ela vai querer te conhecer. Tudo o que você está fazendo é provocá-la.

— Essa não é minha intenção. Vou voltar, mas estou no meio da construção de um hotel e não consigo deixar tudo de repente. Terei fins de semana de trabalho prolongado e vou precisar que ela vá me ver.

— Ela não vai voar sozinha.

— Tudo bem — ele fala, jogando um pedaço de pão no balcão. — Você vai com ela.

— Não posso simplesmente pegar um voo quando você quiser vê-la. Você não entende?

Finn se aproxima, invadindo meu espaço pessoal.

— E você não entende que vou pagar por isso? Que não precisa mais trabalhar porque vou cuidar de você?

— Até quando? Até você decidir se casar?

— Isso não vai acontecer.

Zombo e reviro os olhos, me afastando dele. Antes que eu saiba o que está acontecendo, ele está me arrastando pelo pequeno corredor e entrando em um quarto.

— O que você está fazendo?

— Tire a roupa.

— Não!

— Tire a merda da roupa — ele fala, se despindo. No minuto em que ele abaixa o short, sua ereção salta livre. Arregalo os olhos quando ele começa a se acariciar.

— O que está fazendo?

— Dando atenção ao meu unicórnio zangado enquanto ele espera a boceta em que é viciado se exibir para ele.

— É assim que você resolve tudo, com sexo?

Finn se aproxima e abre os botões do meu short. Ele segura minha cintura e empurra o short, junto com a parte de baixo do biquíni, pelas minhas

pernas. Antes que eu possa protestar ou correr, minha perna está pendurada no seu ombro e minha mão, apoiada na parede enquanto ele segura minha bunda e lambe meu núcleo.

— Puta merda — murmuro.

— Planejo te comer até você perceber que não vou a lugar nenhum.

Reviro os olhos e tento pensar em algo coerente para dizer. As palavras escapam da minha boca quando ele morde meu clitóris e desliza o dedo na minha boceta.

— Você vai encontrar outra pessoa.

— Humm, você tem um gosto divino. — Ele ignora meu comentário e continua a me dar prazer com a língua e os dedos. Com o movimento do barco e apoiada em uma perna só, sinto que estou prestes a cair.

— Finn — digo, segurando seu cabelo.

— Adoro quando você diz meu nome. — Ele me segura e caímos na cama. — Sente-se na minha cara — ele ordena, me puxando para cima.

— Prefiro me sentar no seu unicórnio zangado. — Eu o monto enquanto ele mantém o pau firme.

— Não tenho camisinha.

— Finn McCormick, você está me dizendo que não está preparado?

— Estou. Não esperava transar no barco. Mas eu deveria ter imaginado, porque toda vez que estou perto, fico com tesão. Não me canso de você.

— Estou tomando pílula — eu o lembro, avançando, mas esperando que ele me afaste. Me lembro muito bem do dia seguinte ao sexo sem camisinha e como ele se sentiu. Se ele ficar assim de novo, estará de volta a Las Vegas antes que eu tenha que lidar com o seu humor.

Ele toma a decisão por nós e me puxa para si. As mãos firmes seguram meus quadris enquanto me inclino para frente e apoio as mãos na parede. Finn não quebra o contato visual quando começa a me mover para cima e para baixo, mantendo o polegar no meu clitóris.

— Você precisa ficar quieta, Macey — ele fala, me lembrando de que não estamos sozinhos. — Embora eu desse tudo para te ouvir gritar meu nome quando você gozar. Quero te ouvir gemer com a sensação do meu pau dentro de você.

Gemo baixinho, tentando mantê-lo dentro de mim, mas é quase demais para suportar. O movimento todo, da sua mão puxando e empurrando meu quadril, até o polegar no meu clitóris, me faz ver estrelas e morder o lábio

para não gritar. Assim que atinjo o orgasmo, Finn me vira de costas e se enterra em mim até gozar.

Vinte e quatro

FINN

Faz quinze dias que deixei Macey e Morgan, e hoje elas estão vindo para passar o fim de semana. No dia seguinte ao nosso passeio de barco, comprei um carro para Macey. Eu tinha que me certificar de que ela e Morgan estivessem seguras o tempo todo e que não dependeriam de transporte público para levá-las aos lugares. Além disso, desde aquele dia, meu relacionamento com meu pai se renovou e é tudo por causa de Morgan. Continuo não gostando de sua esposa, ainda mais agora que ele me pediu para não ficar em casa por causa dela. Se ele a deixasse hoje, eu lhe daria uma festa com a melhor vadia de Las Vegas. Faria dele o próximo Hugh Hefner.

Falo com Morgan todos os dias. Com a mãe, não muito, a menos que seja para verificar como minha filha está ou para fazer planos de viagem. As coisas esfriaram entre Macey e eu, e a culpa é minha. Ela quer coisas que não posso dar, ou seja, um relacionamento. Não que ela tenha dito isso, mas quando ela diz que sente minha falta, luzes vermelhas de alerta se acendem e tento evitá-las a todo custo. Ainda que eu a veja como a mulher mais deliciosa que já provei, tenho a forte sensação de que Macey me vê como um namorado em potencial, e isso é algo que nunca serei. Mesmo que eu sinta saudade dela. Não consigo decifrar se sinto falta da sua boceta e peitos, ou se realmente sinto falta de Macey. Imagino que, em algum ponto, as duas coisas andem juntas, mas o principal é que não posso ser o homem que ela merece.

Isso não significa que eu queira vê-la com outra pessoa. Se ela encontrasse alguém, eu provavelmente teria um infarto e a esconderia. Sou um idiota egoísta, e não estou disposto a desistir. Ela também não sabe, mas não estou dormindo com mais ninguém e restringi as noites que passo fora. Se não for para ir a um baile de gala ou um evento de caridade, fico em casa, levando uma vida solitária. Ela perguntou sobre meus encontros, mas ignorei suas perguntas. Sou incapaz de admitir que ela é a única pessoa que desejo, quando costumava querer todo rabo de saia que entrava no meu cassino.

Morgan me liga todos os dias quando chega da escola. Organizei meus horários para estar livre por volta das três e quarenta e cinco da tarde para poder falar com ela. Não me importo em que tipo de reunião estou ou o que estou fazendo, minha filha recebe total atenção até que esteja pronta para

desligar o telefone. Nunca imaginei que garotas de dez anos tivessem tanto drama, mas caramba, todo dia tem algo novo.

Além de Lamar, ninguém mais sabe que Morgan é minha filha. Nem mesmo Hannah. Confio na minha assistente, mas tenho medo de que ela possa deixar a informação escapar sem querer. E não estou pronto para lidar com a atenção da imprensa com esse anúncio. Além disso, ainda estou tendo que lidar com Brandy e até que eu possa controlá-la, Morgan é meu segredo.

Com meu pai liberando minha herança antes da hora, Brandy está praticamente fora de cena, a não ser pelo aspecto social. Mesmo que eu tenha me recusado a comparecer aos lugares com ela, fico ao seu lado para tirar fotos nos eventos em que participamos. É uma espécie de situação em que todos saem ganhando. Seu pai é poderoso e a última coisa que quero fazer é irritá-lo. Até que eu possa me sentar com ele para negociar, vou manter o sorriso falso no rosto toda vez que uma câmera estiver por perto.

Lamar entra e fecha a porta silenciosamente atrás de si. Me endireito na cadeira, imaginando o que poderia estar acontecendo. Pela sua expressão, parece que alguém morreu.

— O que há de errado?

Ele coloca o dedo nos lábios, me dizendo para ficar quieto e usa a outra mão para apontar para a parede que fica perto da mesa de Hannah. Abro a câmera de segurança e vejo que Brandy está lá fora com minha assistente.

— O que é que ela quer? — Bato a cabeça na cadeira e suspiro. Pedi a Brandy várias vezes para ficar longe do meu escritório, mas ela não me ouve. Ela diz que é importante que as pessoas a vejam ali para que saibam que ela é bem-vinda. O problema é que ela não é. Hannah sabe disso e imagino que esteja tentando afastá-la.

Quando o interfone toca, fico paralisado e olho para Lamar. Ele está balançando a cabeça. Uma rápida olhada no relógio me diz que tenho vinte minutos antes de sair para o aeroporto para pegar Macey e Morgan.

— O que vou fazer?

— Vou cuidar disso — ele fala, se levantando. Ele estica o corpo na minha frente e se não fosse um dos meus melhores amigos, sentiria medo. Com os olhos presos na tela do computador, eu o vejo sair, falar com Hannah e depois encarar Brandy, que agita os braços. Rio ao ver Lamar apontando para a porta. Não deveria, porque sei que não fui muito sincero com ela, mas não posso evitar. Preciso dizer que nunca mais ficaremos juntos e que irei me preocupar com minha reputação mais tarde.

Lamar volta com um sorriso no rosto.

— Isso foi bom — ele fala, se sentando na cadeira e suspirando.

— O que você disse?

— Nada que não fosse verdade. Disse que os homens não gostam de mulheres carentes e que um cara precisa trabalhar para ganhar dinheiro. Se ela estiver sempre por perto, você não poderá trabalhar e se não puder trabalhar, qual é o sentido dela vir vê-lo?

Balançando a cabeça, pasmo com o que ele disse.

— Estou confuso.

— Acho que ela também ficou, e é por isso que foi embora com tanta facilidade. Por falar em ir embora — ele comenta, apontando para o relógio.

— Certo, está na hora de ir. — Desligo o computador e coloco o arquivo que estou examinando na pasta para que eu possa levá-lo para casa comigo. Não espero trabalhar muito enquanto Morgan estiver aqui, mas estará lá se eu precisar. — Pode mandar entregar um vestido para a Macey?

— Já pedi, e também coloquei os outros de volta no armário.

Suas palavras me pegam desprevenido e, por mais que eu tente, não consigo tirar o sorriso do rosto.

— Estou animado para conhecê-la. — Lamar se levanta e mantém a porta do escritório aberta para mim.

— Você já conheceu a Macey.

— Estou falando da Morgan — ele fala, olhando para mim. Sei o que ele está fazendo. Está tentando me provocar, apontando que tenho sentimentos por Macey, mas não admito.

Faço uma pausa e assinto.

— Nunca pensei que ficaria tão animado por ver alguém, mas é como se ela fosse a peça que faltava em mim.

— Quem, a Morgan ou a Macey?

— A Morgan, é claro.

— Tem certeza disso?

Não respondo e me despeço. Evitar o assunto é fácil e o ponto em que estou com Macey é perfeito para mim. Não preciso me preocupar com ciúmes ou demandas impossíveis que acompanham um relacionamento. No momento, focar em Morgan e estabelecer um relacionamento com ela é muito mais importante.

O caminho para o aeroporto McCarran está livre e isso me ajuda a chegar rápido, mas ainda assim estou um pouco atrasado. Estaciono e corro pelos

passageiros desordenados para chegar ao setor de desembarque. Esta área do aeroporto está em obra e é uma bagunça total. Pode ser difícil cruzar o espaço se não estiver prestando atenção. Pelo menos, é o que digo a mim mesmo enquanto paro na porta e verifico o monitor para ver se o voo delas já chegou. Correr pela multidão não tem nada a ver com o fato de que quero que elas me vejam assim que chegarem.

Encontro Macey e Morgan antes que elas me vejam. Mãe e filha estão de mãos dadas e Morgan olha em volta. Gostaria de ter o bom senso de tirar uma foto deste momento, mas não tenho. Mantenho o telefone no bolso e tento memorizar sua expressão.

Assim que ela me vê, seu rosto se transforma em um enorme sorriso. Ela começa a correr, arrastando Macey atrás de si até que ela finalmente a solta. Não sei o que fazer, mas já vi programas de televisão e filmes suficientes para me lembrar de que devo me ajoelhar. Ela me alcança, mas não para ou diminui a velocidade. É como um rolo compressor e mal consigo me manter de pé quando meus braços a envolvem.

Não falamos nada. Só ficamos abraçados. Quando Macey chega até nós, vejo que sua expressão está dividida entre felicidade e saudade. Eu a puxo para o nosso abraço, e ela vem de bom grado.

— Como foi o voo? — pergunto, soltando Macey e colocando Morgan no chão.

— Foi a coisa mais legal do mundo. Entramos no avião primeiro, enquanto todo mundo teve que esperar, e nos sentamos na frente. A moça de vestido azul não parava de me perguntar se eu queria alguma coisa e me trouxe lanches.

— Essa é a vantagem de estar na primeira classe — digo a Morgan, que parece completamente renovada após um voo de duas horas.

Ela continua tagarelando enquanto caminhamos para o terminal de retirada de bagagens.

— Tudo bem? — pergunto a Macey, que dá de ombros. Já posso sentir que vai ser um longo fim de semana e que, provavelmente, a mandarei ao SPA para fazer uma massagem ou algo assim. Qualquer coisa para ajudar a aliviar seu estresse.

Com as bagagens no carro e todo mundo acomodado, voltamos para o hotel. Morgan olha ao redor o tempo todo, comentando sobre tudo o que vê enquanto Macey está quieta. Achei que ela baixaria a guarda por causa da

nossa filha, mas parece que não vai. Ela está deixando claro que estar aqui é um inconveniente.

Me certifico de usar o manobrista quando chegarmos ao hotel. Quero que Morgan veja toda a grandiosidade ao entrar. Seguro sua mão e apoio a outra nas costas de Macey ao entrarmos. Morgan está chocada e espantada.

— Nossa, você é dono de tudo isso?

— Nós somos — falo, me agachando ao seu lado. Ela é a combinação perfeita Macey e eu, com os cabelos escuros e olhos azuis. Posso ver um pouco de mim, mas toda sua beleza vem da mãe.

— O que isso significa?

— Bem, como sou seu pai e sou o dono, significa que você também é. Mas você ainda é jovem demais para trabalhar aqui ou mandar em alguém.

Ela cruza os braços e faz um biquinho antes de dar uma risada.

— Um dia, eu serei a chefe.

— Sim, um dia.

Macey continua quieta ao chegamos em meu apartamento e depois de dar uma volta coma Morgan para mostrar seu quarto. Eu o decorei com motivos de princesa, porque Lamar disse que meninas de dez anos gostariam disso. E então, ela pergunta:

— Onde vou dormir?

Olho para ela e franzo a testa. Digo para Morgan checar os brinquedos que comprei e aviso que voltaremos logo. Descemos a escada e entramos no meu quarto.

— Por que não dorme aqui comigo?

— Não quero passar a mensagem errada para a Morgan — ela fala, se afastando de mim e seguindo em direção à janela.

— Que mensagem é essa?

— Que dormir fora é sinônimo de dormir na cama de um homem.

— Acontece que sou o pai dela e a menos que você tenha começado a sair com alguém, não entendo qual é o problema.

Ela não me responde. Em vez disso, concentra toda sua atenção no que está acontecendo lá fora.

— Macey? Existe alguém na sua vida?

Ela balança a cabeça.

— Não, Finn. Não estive com mais ninguém além de você no mês passado.

Vou até ela e apoio o queixo em seu ombro. Ela se aconchega a mim, mas sinto que está distante.

— Vou dormir no sofá — digo a ela. A última coisa que quero fazer é deixá-la chateada, mesmo que seja às minhas custas. Pretendia ficar com ela enquanto estivessem aqui, mas aparentemente não é isso que ela quer.

— Posso dormir com a Morgan.

— Não seja boba, é uma cama de solteiro.

— Já dormimos em lugar pior — ela murmura, me fazendo sentir pequenininho. Foi por causa da minha mãe e do segredo que ela levou para o túmulo que Macey e Morgan passaram por tantas dificuldades.

— Isso nunca mais vai acontecer — prometo a ela.

— Posso te fazer uma pergunta? — Ela se afasta, me deixando na janela.

— Pode me perguntar o que quiser.

— Se você soubesse da Morgan quando eu estava grávida, o que teria acontecido?

— Você teria dinheiro, Macey. Eu pagaria por tudo. Não sou o tipo de homem que foge de suas responsabilidades. Cuidaria de vocês duas.

— Você estaria na vida dela? Teria desistido da faculdade e voltado para casa? — ela pergunta e sua voz vacila.

Processo suas palavras e imagino quais seriam as diferenças se eu tivesse abandonado a faculdade e voltado para casa. Onde eu estaria e que tipo de vida eu teria agora. Amo minha vida. Consegui muito mais do que eu esperava e não me imagino sendo alguém diferente.

— Não sei, Macey.

Pela sua expressão, sei que é a resposta errada. Mas é a verdade. A última coisa que eu queria aos dezoito anos era criar um filho, mas foi o que ela fez e sem condições para isso. Se minha resposta me faz parecer fraco aos seus olhos, que seja. Mas é o melhor que posso lhe dar. Não vou mentir para ela a respeito de nada.

Vinte e cinco

MACEY

Morgan está encantada. Não a culpo. Para uma criança, o hotel é incrível, mas acho que é mais do que isso. É a sensação de pertencimento. De que sua vida está completa agora que tem dois pais que a amam.

Enquanto Finn terminava seu dia de trabalho, a levei para a piscina. Ele me disse que o único que sabe sobre ela é Lamar e que ele gostaria que continuasse assim durante o fim de semana, pois tem algumas pontas soltas que precisa amarrar. Não deixo que o fato de ele escondê-la me incomode. Acho que ele deve ter um bom motivo para isso. E quem sou eu para questionar? Ele está cuidando de nós. Está tornando nossas vidas melhor e só isso já vale muito.

Ainda me belisco todas as noites ao me dar conta de que minha vida mudou tanto no espaço de um mês. Passei de fazer strip e servir mesas a me preparar para começar os cursos da faculdade. Penso no dia em que entrei no cassino e como tudo mudou num piscar de olhos. Se eu não tivesse perdido o dinheiro, onde estaria agora? Estaria aqui com Morgan ou dançando em um palco e servindo coquetéis para homens bêbados enquanto estariam olhando para os meus seios?

Não sou burra de achar que tudo o que está acontecendo agora vai continuar igual. Ele vai conhecer alguém que será capaz de colocar seu mundo nos eixos. Os dois terão filhos e, embora Morgan sempre vá ter um papel importante em sua vida, eu não terei. Serei a mãe da primeira filha ou algo assim. Não quero esse papel, mas no fundo, sei que é isso que vai acontecer.

Aceitando o que nunca será, concordei com a sugestão de Finn. Ele disse que não tenho que trabalhar. Foi inflexível e me incentivou a estudar em horário integral e seguir meus sonhos. E é isso que vou fazer. Vou aceitar sua oferta antes que ele mude de ideia, ou que alguém apareça. Morgan está animada por ter uma parceira de estudo.

Voltamos da piscina e minha filha vai para o seu quarto, dizendo que se sentiu uma princesa hoje. Quero dizer a ela que até as princesas precisam sair das torres de marfim algum dia, mas não vou estragar sua felicidade tão cedo. Tenho medo de que ela prefira Finn a mim, porque está ganhando coisas que nunca teve. Dizem que dinheiro não compra felicidade, mas eu discordo. Ver seu rosto se iluminar porque o pai lhe deu um tablet foi um dos

melhores momentos que testemunhei, e isso é algo que eu jamais poderia fazer por ela.

No quarto de Finn, olho para a cama, me lembrando de cada momento que passei ali com ele. Seria fácil ficarmos juntos, mas quero mais, e ele não está disposto a isso, pelo menos não comigo. Dizer a ele que não vamos dormir juntos foi uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer. Meu corpo anseia pelo seu. Quando ele está aqui, é quase como se houvesse uma corrente elétrica que nos atrai um para o outro. É difícil demais resistir a ele. Mesmo quando fiquei chateada, quando ele me magoou com palavras ofensivas, seu toque e o som da sua voz rouca me transformam em gelatina. E ele sabe disso. Finn sabe que tem o poder de fazer com que eu me entregue.

Vou até o armário, olhando para o espaço que usei quando estive aqui. Está vazio, com exceção dos vestidos que deixei e um novo ao lado deles. O vestido de seda preto é maravilhoso, mas a pontada de ciúmes que corre pelo meu corpo me faz odiá-lo. Este vestido não é meu. Ele comprou para outra pessoa.

Antes que eu perceba o que estou fazendo, abro a porta do banheiro e o encontro debruçado sobre a pia com creme de barbear no rosto e uma navalha na mão. Uma toalha cobre sua cintura, mas isso não faz nada para combater o desejo que sinto. Engulo o nó na garganta e olho para ele pelo espelho. Ele sorri, deixando meus joelhos ainda mais fracos.

— Vai sair?

Ele lava a navalha na água corrente enquanto responde.

— Sim, tenho um evento de caridade.

Muitos pensamentos passam pela minha cabeça: ele dançando com sua acompanhante, tocando-a e segurando-a contra seu corpo. Gostaria que fosse eu. Queria que ele me escolhesse para lhe fazer companhia.

— O vestido que você escolheu para ela é lindo.

— *Ela* é linda — ele fala, me deixando ainda mais magoada. Sorrio e dou um passo para trás. — Macey? — ele chama meu nome, me fazendo olhar na sua direção. — Venha aqui.

Faço o que ele pede, porque sou fraca e estou apaixonada. Finn limpa o rosto e se vira para encostar no balcão. A toalha não faz nada para esconder o volume da sua masculinidade.

— O vestido é para você — ele fala, estendendo a mão para mim. Vou até ele de bom grado e saboreio a sensação de suas mãos nos meus quadris.

— Para mim?

— Claro. Para quem mais seria? — A maneira como ele diz isso, como se não fosse grande coisa, envia ondas de choque ao meu coração. Sei que devo ignorar esses sentimentos, porque na semana que vem, ele estará com outra pessoa ou terá um novo vestido pendurado em seu armário.

— E a Morgan?

Lamar vai ficar com ela. Não vamos ficar fora muito tempo, só o suficiente para cumprimentar algumas pessoas, comer e talvez dar uma volta na pista de dança.

Penso em Morgan e Lamar, e a mãe dentro de mim não quer deixá-la sozinha. Não que não confie nele, porque confio, mas esta é a primeira noite dela em um lugar estranho e por mais que ela ame o quarto, descer as escadas para pedir ajuda a um homem que ela mal conhece poderia ser assustador.

— Não posso ir — digo e o vejo demonstrar surpresa. Instantaneamente, pego a toalha que ele estava usando e continuo a limpar o creme de barbear que ele deixou. Finn me puxa para frente, me colocando entre suas pernas e segurando meu bumbum.

— Por quê?

— Porque é a primeira noite da Morgan aqui. Não me sinto confortável em deixá-la.

Ele suspira e encosta a testa no meu peito.

— Eu tenho que ir — ele fala, e eu assinto.

— Eu sei. Nós ficaremos bem.

— Vai esperar por mim? — ele pergunta, encontrando meu olhar mais uma vez.

— Claro.

Meu cérebro diz que não, mas meu coração está gritando que sim, gritando para que eu diga que ele pode dormir comigo na cama. Preciso ser forte e manter minha posição. Não posso ceder aos desejos de Finn McCormick. Se não impedir isso agora, vou continuar me magoando.

Morgan chama meu nome e imediatamente deixo o conforto dos braços de Finn. Por mais que eu queira olhar para ele, não o faço. Me afasto, guardando sua imagem na memória enquanto vou até Morgan.

— Oi — digo para ela, saindo do quarto de Finn.

— O que você estava fazendo?

— Conversando com o Finn. — Eu a direciono para a sala de estar, onde há uma televisão gigante presa na parede. Nos sentamos juntas no sofá enquanto eu a ligo e tento encontrar algo que lhe interesse.

— Você pode chamá-lo de meu pai, sabia?

— Eu sei.

Morgan não demorou muito para começar a se referir a Finn como pai. A primeira vez que ela o chamou assim, meu coração se partiu, porque eu sabia que agora ela não era mais só minha. Ao mesmo tempo, me senti agradecida por ele estar em sua vida.

— Às vezes, é difícil.

— O que é difícil? — Finn pergunta atrás de nós. Morgan e eu nos viramos ao mesmo tempo para vê-lo vestido para matar em seu smoking preto.

— Uau, pai, aonde você vai?

— Tenho que ir a uma festa. Não vou demorar muito. — Finn contorna o sofá e para na minha frente. — Pode me ajudar? — ele pergunta, segurando as pontas da gravata.

— Claro. — Me levanto e dou o nó, me certificando de que esteja reta. Também passo as mãos pela frente do seu paletó e ombros, prolongando sua saída.

— Tem certeza de que não quer vir comigo?

— Tenho.

Ele me beija de leve na bochecha antes de se despedir de Morgan. Estremeço quando a porta se fecha e suspiro enquanto me sento.

— Por que você não quis ir? — Morgan pergunta, se aconchegando ao meu lado.

— Quem ficaria com você e tomaria todo o sorvete?

Morgan se senta em cima dos pés e coloca as mãos nos quadris.

— É porque você não tem um vestido?

Balanço a cabeça e respondo:

— Não, seu pai fez questão de que eu tivesse um vestido se quisesse ir.

Ela joga as mãos para o ar de uma maneira muito dramática e cai no sofá.

— Mamãe, você deveria sair e ser uma princesa por uma noite. Meu pai se parece com o príncipe encantado e você pode ser sua Cinderela. Eu posso ficar sozinha. Este lugar é seguro comparado à casa da vovó.

Ela tem toda razão, mas não vou deixá-la.

— Quero passar a noite com você.

Morgan sobe no meu colo e coloca as mãos nas minhas bochechas.

— Mas eu quero que você vá se divertir com meu pai. Além disso, se ele comprou um vestido, é porque quer que você vá.

— Não é tão simples.

— Faça com que seja — ela fala, dando de ombros. Antes que eu possa responder, ela sai do meu colo e corre pelo corredor até o quarto de Finn. Quando a ouço dizer *Ah, meu Deus*, vou atrás.

— São seus? — ela pergunta quando entro no armário e a encontro tocando os vestidos.

— Sim.

— Qual ele comprou para hoje à noite?

— O preto — digo a ela.

— Vista, mamãe. Quero ver você nele.

Faço o que ela pede, porque não sou capaz de negar nada a minha filha. Quando estou vestida e calçada, ela me puxa para o banheiro e me faz sentar na penteadeira. De pé atrás de mim, ela move meu cabelo para o lado e sorri.

— Você é linda.

— Você também, amorzinho.

— Por favor, vá se encontrar com meu pai. Isso o fará feliz e seus olhos brilham neste vestido.

Ela tem razão, brilham mesmo. Finalmente concordo depois de enviar uma mensagem para Lamar, informando que mudei de ideia, mas quero surpreender Finn. Ele me diz que vai me arranjar um carro e que vai providenciar todos os filmes da Disney em DVD para que ele e Morgan possam assistir juntos.

Morgan me ajuda a enrolar e prender o cabelo para o lado, depois me observa aplicar a maquiagem. Termino assim que Lamar chega.

— O sr. McCormick ficará muito satisfeito em vê-la, srta. Webster.

— Por favor, me chame de Macey.

Ele assente e entrega uma pilha de DVDs a Morgan.

— Morgan, este é o Lamar. Por favor, o obedeça.

— Pode deixar, mamãe.

— Obrigada por ficar com ela — digo.

— O prazer é meu. O carro está te esperando na entrada.

Agradeço e saio correndo do apartamento antes que eu mude de ideia. Como ele disse, o carro está esperando por mim e me leva imediatamente até o hotel onde o evento está sendo realizado. O motorista me segue,

garantindo que eu entre no evento sem problemas e, uma vez lá dentro, olho ao redor procurando por Finn.

No momento em que o encontro, como previsto, tudo muda. Mas não como imaginei. Brandy está ao seu lado, com o braço entrelaçado ao dele, o que sugere que os dois são mais que amigos. Ela me vê, sorri e diz algo para ele, que concorda. Sei que preciso sair de lá quando a vejo caminhar em minha direção.

— Macey — ela me chama. Meu instinto me diz que devo continuar andando, mas não o faço. Me viro para encará-la. — Estou surpresa que Finn não tenha te contado.

— Contado o quê?

— Que estamos noivos. — Ela mostra o dedo anelar com um diamante enorme. Na verdade, é grande demais para o meu gosto, mas o que é que sei? Sou só uma stripper que o pai da minha filha comprou em troca de uma semana de sexo.

— Ele deve ter se esquecido de contar depois que transamos — digo a ela, dando de ombros. Sua boca se abre, mas ela a fecha rapidamente. É preciso muito controle da minha parte para não chorar. Por que ele compraria um vestido se ia pedi-la em casamento?

— Bem, agora tenho certeza de que ele vai tirar você da cabeça.

— Sim, tenho certeza de que será esse o caso.

Me viro e saio do salão, segurando o vestido. Esta é a segunda e última vez que ele me faz de idiota. Pego um táxi e volto para o hotel com relutância. Queria estar em outro lugar. Da próxima vez que ele quiser ver Morgan, ele poderá buscá-la ou ir até lá para visitá-la. Não voltarei mais a Las Vegas.

Lamar fica chocado quando me vê entrar. Mal consigo passar por ele sem chorar. Tiro o vestido, os grampos do cabelo e limpo a maquiagem. Me sinto melhor sem todas aquelas coisas luxuosas, como uma espécie de Cinderela, cuja fada madrinha tentou fazer dela algo que não é.

— Por que você voltou? — Lamar pergunta quando entro na cozinha. Me sirvo de uma taça de vinho e fico de costas para ele.

— Não era meu ambiente — digo. — Pode ir se quiser. — Me recuso a olhá-lo com medo de começar a chorar. Assim que ouço a porta se fechar, deixo as lágrimas caírem. Pequenas mãos envolvem minha cintura, me abraçando com força.

— O que aconteceu, mamãe?

— Nada, amorzinho. Nada mesmo. — Mas ela sabe que não é verdade, porque as lágrimas contam uma história diferente.

Vinte e seis

FINN

Suspiro aliviado quando Brandy pede licença. Finalmente estou sozinho com seu pai. Aceno para um dos garçons nos trazer outra rodada de bebidas. Com a mão no ombro dele e um copo meio vazio na mão, o conduzo para um lugar onde acho que podemos discutir negócios sem audiência.

— Sr. Kramer, você sabe que seu apoio significa muito para mim...

— Finn — ele fala, me interrompendo. Estou realmente desanimado com isso. Tenho pouco tempo para dizer que ele pode pegar seu dinheiro e fazer o que achar melhor antes que Brandy volte. Com ela pendurada em mim, não consegui dizer uma palavra. E se eu tiver que ouvir "ah, papai" mais uma vez, vou tampar os ouvidos. — A Brandy me disse que você está fazendo grandes progressos com o novo hotel. Me diga do que precisa.

E aí está, a porra do bilhete premiado. Só que esse bilhete vem com um preço que não estou disposto a pagar. Não quero ficar com Brandy. Não tenho certeza se quero ficar com alguém, porque prefiro passar meu tempo com Macey e Morgan. É puramente egoísta incluir Macey, porque ela merece mais do que posso oferecer agora.

— Sim, sr. Kramer, e é por isso que eu queria falar com você. Veja bem, não preciso do seu...

— Ah, papai, aí está você.

Reviro os olhos ao som da voz de Brandy. Ela está quase sem fôlego, e me pergunto onde é que ela esteve. Eu até perguntaria a ela, mas não me importo o suficiente para saber. Será que ela foi fazer um boquete no garçom? Ele a estava comendo com os olhos a noite toda.

— Está dando as boas notícias ao papai?

— Que notícias, raio de sol? — Brandy dá de ombros, bancando a fofa enquanto o sr. Kramer a olha com uma expressão de adoração.

— Não, eu estava prestes a contar ao seu pai...

— Que estamos noivos! — ela diz com animação erguendo a mão direita. Minha boca se abre e perco a força na mão, o que faz com que o copo que estou segurando escorregue e caia no chão. Brandy e seu pai me olham como se eu tivesse feito algo horrível. Merda, talvez eu tenha mesmo.

— Finn, parece que seremos da mesma família.

— Na verdade, senhor...

— Papai, quero um casamento grande.

— Pelo amor de Deus — digo, irritado com o fato de que meu telefone não para de vibrar no bolso e os Kramer continuam me interrompendo. Pego o telefone e vejo duas mensagens. Uma de Morgan, que me faz sorrir por saber que está pensando em mim, e outra de Lamar. Abro a dele primeiro.

A Macey foi ao evento de caridade. Voltou chorando. Achei que você queria que ela fosse.

Papai, por que a mamãe está chorando?

Leio as duas mensagens várias vezes e olho para a porta, mesmo sabendo que ela não está mais no salão. Olho a hora das mensagens e calculo quanto tempo levou para ela voltar para o hotel e há quanto tempo Brandy se afastou. Coloco o celular no bolso e me aproximo de Brandy e do pai para interromper os planos de casamento. Puxo-a para o lado.

— Brandy, você viu a Macey hoje à noite?

Seu rosto empalidece antes que a máscara seja colocada de volta no lugar.

— Contei as novidades para ela.

— Certo, só que não te pedi em casamento, então você está mentindo para todo mundo.

— É uma questão de tempo, Finn. — Ela se aproxima, e eu recuo. Não quero que ela me toque. Nem agora, nem nunca.

— Não vou me casar com você, Brandy.

Sua boca se abre e se fecha novamente e seus olhos se tornam duros.

— Ouça bem, Finn McCormick. Você vai dizer a todo mundo que vamos nos casar e que me pediu em casamento ontem à noite, sob as estrelas. Não vou ser feita de boba. Se não fizer isso, meu pai vai destruir você e a tudo que construiu. É isso que você quer?

Não respondo.

— Sei que você trepou com ela antes de vir para cá, mas vou te dizer que essa foi a última vez. Meu casamento não vai ser motivo de chacota. Você vai permanecer fiel a mim de agora em diante.

Olho para ela e balanço a cabeça. Mesmo que Macey e eu tivéssemos transado antes de eu vir, como a Brandy saberia que ela está...

E então a ficha cai e percebo sua armação: Brandy se aproximando, tentando me fazer beijá-la antes de se afastar para ir ao banheiro. Ela deve ter visto Macey nesse momento e atacou, contando para a mulher por quem estou apaixonado...

Apaixonado?

Eu amo a Macey?

Acho que sim. Não posso evitar o sorriso que se espalha pelo meu rosto e pelo de Brandy. Ela acha que venceu quando, na verdade, estou prestes a acabar com tudo.

As palavras e ações de Brandy me deixam sem escolha. Eu a afasto e grito para que as pessoas prestem atenção.

— Com licença. Tenho um anúncio a fazer.

Brandy se aproxima e seu sorriso ilumina o salão.

— É com grande prazer que anuncio... bem, que lhes digo que Brandy Kramer é uma cobra. Sei que ela está contando a todos que estamos noivos. É mentira. Ela mesma comprou o anel.

Brandy me dá um tapa assim que vê a reação das pessoas no salão, e eu me divirto muito com isso.

— Finn? — o pai dela fala meu nome como se não entendesse o que está acontecendo.

— Desculpe, sr. Kramer, mas não vou me casar com a sua filha. Ela está tentando me chantagear, dizendo que se não nos casarmos, você vai retirar o financiamento do meu hotel. E esse é o problema... o que tenho tentado lhe dizer a noite toda é que não preciso do seu dinheiro para terminar a obra, mas seu apoio seria importante.

Não lhe dou a chance de responder. Me viro e saio dali sem fazer contato visual com o resto dos convidados. É provável que tenha selado meu destino com isso, mas não me importo.

Posso ouvir Brandy chorar, e seu constante “ah, papai” ecoando. Pego um táxi e rezo para que quando chegar ao meu apartamento, Macey ainda esteja lá. Não será a primeira vez que ela me abandona, mas espero que seja a última.

O elevador parece demorar uma eternidade para subir, mas quando chega no meu andar, corro para a porta. O apartamento está quieto e uma olhada no corredor me mostra que a porta do meu quarto está fechada. Decido ver se Morgan está lá em cima ou não.

A porta está aberta e a lâmpada da penteadeira está acesa.

— Oi, papai — ela fala enquanto se senta.

— Gosto desse nome — digo quando me sento na sua cama.

— Não quero te chamar de Finn e você é meu pai.

— Sou mesmo. — Beijo sua testa, afastando os cabelos bagunçados do rosto. — Voltei para casa assim que recebi sua mensagem. O que há de

errado com a mamãe? — Não digo *sua mãe*, insistindo no fato de que, em algum momento, meus sentimentos por Macey mudaram drasticamente.

Morgan dá de ombros.

— Ela ficou linda para te ver e voltou chorando. Estava até soluçando, como faço quando machuco o joelho.

Assinto, imaginando como vou consertar isso. A verdade é que provavelmente não posso. Macey não tem motivos para confiar em mim.

— Durma um pouco. Vou falar com ela. — Eu a beijo novamente e a coloco na cama. Dou uma última olhada na minha filha antes de fechar a porta e voltar para o andar de baixo. Bato duas vezes antes de entrar no quarto.

Macey está do seu lado da cama, de frente para as janelas. Não sei dizer se ela está acordada ou não. Quero ir até ela, mas quero me trocar primeiro. Meu smoking está com o cheiro de Brandy. E a última coisa que quero é tocar em Macey com o perfume de outra mulher.

Só de cueca, apago a luz do armário e vou para a cama. O afundar lento do colchão a faz se mover.

— Saia, Finn.

Eu a ignoro e me movo atrás dela, mantendo pouco espaço entre nossos corpos. Ela funga, partindo meu coração no processo.

— Por que você não me disse que estava lá?

— Você estava ocupado.

— Nunca estou ocupado para você, Macey. — Tento tocá-la, mas ela se afasta.

— Por favor, saia.

— Por favor, olhe para mim, Macey. — Puxo seu ombro e encontro resistência. Ela nunca brigou tanto comigo e por mais que eu odeie admitir, isso me excita.

— Macey? — tento de novo, mas sem sucesso. — Olhe pra mim, Macey. — Sou mais exigente dessa vez. Ela se vira, me encarando com os olhos vermelhos e o rosto cansado. Quero estender a mão e afastar todos os seus medos, mas os meus estão vindo à tona e nem consigo fazê-los desaparecer.

— Vá se foder, Finn. Você e esse poder que tem sobre mim.

— Vou te foder, só que mais tarde. Agora você precisa me ouvir. Não sei o que a Brandy te disse, mas ela mentiu. Não estamos noivos, juntos, casados, esperando filhos e nem somos amigos neste momento. Ela está tentando me

chantagear e tive que fazer seu jogo até conseguir dizer ao pai dela que não preciso do dinheiro dele para meu empreendimento, mas sim do seu apoio.

— Não acredito em você.

— Por que não? Por que eu mentiria para você?

Macey se vira e se apoia sobre o cotovelo.

— Vi vocês dois juntos. Você parecia... feliz.

— Porque eu estava pensando em transar com você no chuveiro quando chegasse em casa.

— Por que tudo gira em torno de sexo com você, hein?

Me aproximo um pouco.

— Porque quando estou perto de você, é tudo em que consigo pensar. Já te disse que sou viciado na sua boceta e não me canso dela.

Ela balança a cabeça.

— Não posso mais fazer isso, Finn. Não posso.

— Por que não?

— Porque eu quero mais. — Ela suspira, parecendo derrotada.

— E se eu disser que também quero mais?

Ela olha para o meu rosto, procurando a verdade.

— Não acredito em você.

— Acredite nisso — digo, colocando a mão em sua bochecha e me aproximando até que nossos lábios se encontram por um breve momento. Seus olhos estão repletos de desejo. Algo que nunca vi antes. Ela aperta minha mão e umedece os lábios. A antecipação prolongada é quase insuportável. E então, meus lábios acariciam os seus. Ela ofega quando minha língua acaricia seus lábios e o pequeno suspiro que ela dá me estimula a agir. Eu a puxo em minha direção, deitando em cima dela sem interromper o beijo. Nossas línguas se entrelaçam e suas mãos percorrem meu corpo enquanto seus gemidos provocam tremores no meu pau.

Me esfrego nela, e suas pernas se abrem para indicar o que precisa, o lugar onde quero estar. Eu a deixo sentir o que ela faz comigo e o quanto me deixa excitado. Um grunhido lento escapa da minha boca quando sua mão entra em contato com a minha ereção. Suas unhas arranham as laterais do meu corpo à medida que ela empurra a cueca para baixo, me libertando. Ela aperta meu pau enquanto meus quadris flexionam em sua direção.

Estamos nos beijando à medida que sua mão livre se enrosca no meu cabelo. Alcanço sua calcinha, empurrando-a para o lado e inserindo um dedo dentro dela. Ela contorce os quadris, me fazendo sorrir. Continuo, colocando

mais um dedo e pressionando o polegar em seu clitóris. O movimento da minha mão entrando e saindo da sua boceta e sua mão envolvendo meu pau me deixa louco. Preciso estar dentro dela.

Me afasto, deixando seus lábios vermelhos e inchados, e lentamente tiro sua calcinha, jogando-a por cima do ombro. Sua blusa é a próxima peça a sair, liberando os seios perfeitos para que eu possa devorá-los enquanto transamos. Macey se deita, seus cabelos escuros contrastam muito com as fronhas brancas.

— Acredita em mim? — pergunto, me inclinado sobre ela.

Ela assente quando a ponta do meu pau roça seu núcleo.

— Você está apaixonada por mim? — pergunto, provocando-a.

— Sim. Você me ama?

Pairo sobre ela e olho em seus olhos azuis.

— Eu te amo, Macey. — As palavras saem facilmente dos meus lábios enquanto me encaixo dentro dela. Ela mexe os quadris, encontrando meus impulsos sem quebrar o contato visual.

— Puta merda, olhe para nós, Macey — digo, abrindo espaço entre nossos corpos. Observar meu pau desaparecer dentro é o maior tesão. Me sento de costas e puxo seus quadris para encontrar os meus. Ela geme quando a nova posição atinge seu ponto G e assume o controle.

— Cacete — falo, perdendo toda a linha de raciocínio ao observá-la montando meu pau. Com o polegar em seu clitóris, adiciono um pouco de pressão, deixando-a selvagem.

— Finn. — Seus quadris começam a se mover mais rápido à medida que o orgasmo se aproxima.

— Diga meu nome, baby. — Quero que ela grite, mas isso terá que esperar até estarmos no chuveiro para a água abafar os sons. A última coisa que quero é que Morgan desça as escadas perguntando por que a mãe está gritando.

Quando sua boceta começa a apertar meu pau, me aproximo ainda mais e a ajudo a terminar. A cama range, nossos corpos se chocam e, pela primeira vez, estou capturando cada gemido que sai da sua boca. Saber que estamos nos beijando e fazendo o que considero muito mais íntimo que sexo, é o suficiente para me levar ao limite.

— Puta merda — digo, desmoronando sobre ela. Estamos ofegantes, suados e tenho a sensação de que no momento em que eu sair de dentro dela,

meu gozo vai começar a escorrer. — Sinto que corri uma maratona. — Faço um movimento para me virar, mas ela me segura contra si.

— Ainda não. Quero te sentir — ela diz, contraindo os músculos ao redor do meu pau.

Gemo, mas começo a me mover lentamente à medida que ele se anima.

— Você não está cansada?

Ela balança a cabeça.

— E você também não.

— Isso é verdade — respondo. Continuo me movendo dentro dela.

Macey me puxa para um beijo quando sente meu pau se avolumando.

— Eu te amo, Finn.

— É bom ouvir isso, porque não saio por aí beijando as pessoas na boca. — Eu a beijo novamente, só por garantia, selando nosso destino.

Epílogo

MACEY

Foram longos sete meses desde que Finn me beijou. Sim, é o beijo que conto e não o fato de que ele se declarou. Foi o beijo que mudou tudo, o momento em que nosso destino foi selado e nos tornamos um. As declarações de amor que se seguiram foram a cereja do bolo.

Morgan e eu esperamos até que suas aulas terminassem para nos mudarmos para Las Vegas. Principalmente porque eu precisava que Finn tivesse certeza de que era isso que desejava, que Morgan e eu éramos o que ele queria. Ele provou que sim, trabalhando incansavelmente em Las Vegas três dias por semana e tirando longos fins de semana de folga para voltar para casa. Não que meu apartamento fosse uma casa grande, mas estava pago e eu não estava disposta a abrir mãos dele ainda. E quando ele não podia sair de Vegas, nós o visitávamos, embora nossas viagens fossem muito mais curtas devido às aulas.

Também senti que Morgan já havia passado por muitas coisas durante o ano e não quis atrapalhar seus estudos. Finn concordou. Mas isso também deixou os meus estudos no limbo. Comecei a fazer as aulas, mas matava quando Finn chegava à cidade. Parecia inútil continuar, desperdiçando tempo e dinheiro quando eu só assistia aula três dias por semana. Então parei. Ele e Steph não gostaram, mas prometi aos dois que quando me instalasse em Las Vegas, começaria novamente.

Contei a Steph que Finn era o pai da Morgan quando voltamos de Vegas. Ela ficou com raiva por tê-lo deixado escapar por tanto tempo e até parou de falar comigo durante um período. Eu entendia. Minha vida poderia ter sido diferente, mas isso não significa que eu teria ficado com Finn. Ele poderia ter se casado com outra pessoa, ter uma família e eu não significaria nada para ele. Gosto do jeito como as coisas são agora. De como ele me ama, o quanto quer estar comigo, e quanto é apaixonado pela Morgan. Ele é protetor e autoritário, mas, ao mesmo tempo, a coloca na cama todas as noites em que está aqui e a leva para a escola todas as manhãs. Em um minuto, ele é seu pai e no seguinte, é o meu amante. Tenho o melhor dos dois mundos ao alcance das mãos.

Estamos morando em uma suíte no Allure enquanto as reformas estão sendo feitas na cobertura. Finn perguntou se deveríamos comprar uma casa, mas depois que fizemos a lista de prós e contras, a questão da segurança e o

fato de ele não estar a um elevador de distância pesaram, então decidimos que queríamos morar no hotel. Temos tudo que teríamos em uma casa, menos um quintal, mas a grama não cresce em Vegas, então Morgan não está perdendo nada.

Com seu terceiro hotel aberto, ele finalmente teve tempo para tirar férias. Finn perguntou a Morgan para onde ela queria ir e, claro, ela disse que era para a Disney. Então ele fez uma reserva para passarmos dez dias na Disney World. O pensamento de ir de um parque a outro não me agrada, mas me prometeram muito tempo na praia, e qualquer tipo de férias é válida com Finn.

Morgan caminha de mão dadas com o pai, que segura minha mão enquanto atravessamos o aeroporto. Ela se transformou exatamente no que eu não queria: uma criança mimada. Mas não posso culpá-lo. Ela ainda é muito educada, respeitosa e tira boas notas. No entanto, agora é uma garota ligada em tecnologia e está constantemente olhando para o telefone.

Finn cutuca seu ombro e mostra a paisagem. Os personagens da Disney estão pintados pelas paredes do aeroporto. Isso faz seu rosto se iluminar.

— Vamos guardar isso enquanto estamos de férias, tá? — Ele pega seu telefone, sem protestos da parte dela, e o coloca na minha bolsa por segurança. Depois que pegamos nossas malas, vemos o motorista segurando uma placa com nosso nome e seguimos em sua direção. — Sou Finn McCormick — ele diz, cumprimentando-o.

— Bem-vindos a Orlando — ele fala, fazendo um gesto para pegar minha bolsa. Nós o seguimos até o carro.

— Por que temos que ir de carro? A família da Stacy pegou o ônibus da Disney.

— Achei que você gostaria de chegar mais rápido ao hotel — Finn responde à pergunta de Morgan. — Se chegarmos mais rápido, podemos ir a um parque hoje à noite. Ou à praia. À noite, os hotéis exibem filmes.

Morgan não diz nada quando nos afastamos do aeroporto. Demoramos cerca de trinta minutos para chegarmos ao hotel e o manobrista aparece para nos ajudar assim que descemos.

— Uau — Morgan diz quando vê uma girafa ao longe. Finn se empolgou e fez uma reserva na suíte presidencial do Animal Kingdom Lodge. Disse a ele que era demais e que não precisávamos de tanto, mas ele me dispensou, dizendo que daria uma experiencia incrível às suas meninas. Ele ainda não compreendeu que para mim e Morgan, acordar ao seu lado todos os dias é o

que nos torna inteiras. Ele é tudo o que precisamos para nossos momento serem incríveis.

Somos acompanhados até nossa suíte e quando a porta se abre, Morgan entra para explorá-la. Ando devagar, observando o espaço enorme onde poderiam dormir oito pessoas. Olho para uma das janelas e vejo que temos uma vista direta para a savana de Arusha, onde mais girafas estão pastando.

Finn chega por trás, abraçando minha cintura. Ele beija meu pescoço, passando pelo ombro e indo até a orelha, mostrando o que virá mais tarde.

— É lindo, Finn, mas é demais. Não precisa nos dar presentes caros o tempo todo. Você é suficiente.

— Não é tão lindo quanto você — ele fala contra a minha pele. Me derreto nele e o envolvo em um abraço. Ele só me disse algo ruim uma vez, na noite em que apareceu para perguntar sobre Morgan. Deixei passar, porque mereci. Eu a mantive afastada, quando poderia ter contado tudo na semana que passamos juntos. Ele se desculpou várias vezes e prometeu nunca mais dizer nada grosseiro novamente. Confio nele.

— Além disso, enquanto você admirava a vista, verifiquei meu e-mail uma última vez antes de desligar o telefone e algo chamou minha atenção.

— O que foi? — pergunto, mesmo sabendo que ele vai compartilhar as notícias. É algo que ele faz desde que ficamos juntos: me contar tudo sobre os seus negócios, sem esconder nada, nem mesmo o dinheiro que ganha.

— Adicionei três zeros.

— Hã? — questiono, me virando em seus braços.

— Os números do MaMo começaram a chegar esta manhã. — O brilho em seus olhos me diz que ele está tramando algo. Assim como quando deu o nome ridículo de MaMo ao seu terceiro hotel, em homenagem a mim e a Morgan.

— Desembucha, sr. McCormick. Não gosto de esperar.

Ele ri e balança a cabeça antes de ficar sério de novo.

— Você está olhando para o bilionário Finn McCormick.

Abro a boca e seus olhos se arregalam de emoção. Grito e pulo em seus braços.

— Estou tão orgulhosa de você.

— Obrigado.

— Você continua convencido — digo. Só um homem como Finn ficaria empolgado em alcançar o status de bilionário.

— Você não tem ideia do quanto — ele fala, erguendo as sobrancelhas. — Vamos lá, tenho uma coisa para te mostrar. — Ele me coloca no chão e segura minha mão, me levando até o corredor e parando no que presumo ser a porta do nosso quarto. Ele me beija rapidamente antes de abrir a porta e se afastar. A cama está coberta de pétalas de rosa e há uma trilha que leva à varanda. Eu a sigo, avistando as girafas do lado de fora.

As rosas param em uma mesinha onde uma garrafa de champanhe repousa sobre o gelo, com duas taças.

— O que é isso? — Eu me viro para perguntar e coloco a mão sobre a boca no mesmo instante. Finn está de joelhos, com uma caixa de veludo preto na mão.

— Macey, podemos ter começado com o pé esquerdo há muitos anos, mas os últimos oito, quase nove meses foram os melhores da minha vida, e isso é por sua causa. Você me mostrou o que é amor incondicional e como é bom te beijar.

Eu rio e choro ao mesmo tempo, fazendo com que ele pare.

— Amo você, a vida que estamos construindo e nossa filha. Honestamente, não consigo pensar em outra maneira de passar o resto da minha vida a não ser como seu marido. Quer se casar comigo?

Concordo, deixando as lágrimas fluírem.

— Sim — sussurro, fico de joelhos e o beijo.

— Você nem viu a aliança — ele murmura contra os meus lábios.

— Não preciso ver. Já sei que é linda, porque você a escolheu para mim.

— Ela aceitou? — Ouço Morgan gritar do outro quarto.

— Sim! — Finn grita em resposta.

— Uhuuu. — Morgan sai do quarto com um enorme sorriso no rosto.

— Você sabia? — pergunto, e ela assente. — Há quanto tempo?

— Bem, o papai me perguntou se eu dava permissão antes mesmo de nos mudarmos para Las Vegas, há mais ou menos um mês. — Seu sorriso é contagiante.

— Você pediu a Morgan?

— Claro que sim. É importante que eu tenha a permissão dela.

— Finn — digo, cobrindo a boca mais uma vez.

Ele me puxa para seus braços.

— Eu te amo, Macey, e quero fazer isso da maneira certa.

— Eu te amo, Finn, mais do que tenho palavras para demonstrar. Agora, me deixe ver esse anel.

Tanto ele quanto Morgan riem. Ela se aproxima e fica ao lado dele. Juntos, eles abrem a caixa e me mostram a aliança de diamante mais bonita que já vi. Ele a pega e a desliza no meu dedo sem esforço, selando nosso compromisso com um beijo.

— Para sempre — ele diz.

— Para sempre — Morgan e eu repetimos.

Fim.

Agradecimentos

Agradecimentos são complicados, porque inevitavelmente alguém é deixado de fora. Se você acha que deveria estar aqui, se dê um tapinha nas costas e saiba que estou agradecendo.

Antes de mais nada, devo dizer obrigada à minha agente, Marisa Corvisiero, porque sem ela nada disso seria possível. A amizade que compartilhamos significa muito para mim.

Segundo, tenho que agradecer a você, Sue Grimshaw, por me pedir para mudar a história original. Apesar de eu ter hesitado, você estava certa. Amo muito a história de Finn e Macey. Obrigada por arriscar comigo.

Terceiro, tenho que fazer um agradecimento gigante a Yvette e Amy por me manterem no caminho e checarem todo o meu trabalho. Sem vocês, não acredito que essa história seria o que é.

Quarto, K.L. Grayson, as conversas noturnas para que eu pudesse terminar **Proposta Irrecusável** foram surpreendentemente úteis. Estou muito feliz por você amar Finn e Macey tanto quanto eu.

E, finalmente, para minha família, que conhece meus prazos, ajuda com as histórias e entende o processo criativo.

O agradecimento final é para todos os autores, leitores e blogueiros: obrigada por serem quem são.

Siga nossas redes sociais:
Facebook
Instagram
Twitter
E visite nosso site:
www.editorabookmarks.com

Table of Contents

Sinopse
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Epílogo
Agradecimentos